

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JULIANA MOURA MARTINS DA FONSECA

**JOSÉ SARAMAGO, INTELECTUAL: UM ESTUDO SOBRE A  
TRAJETÓRIA E O PENSAMENTO DO ESCRITOR**

NITERÓI – RJ

Março de 2019

JULIANA MOURA MARTINS DA FONSECA

**JOSÉ SARAMAGO, INTELECTUAL: UM ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA E  
O PENSAMENTO DO ESCRITOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção de grau em Mestre em História social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Renata Torres Schittino

NITERÓI – RJ

Março de 2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

F676j Fonseca, Juliana Moura Martins da  
José Saramago, intelectual : um estudo sobre a trajetória  
e o pensamento do escritor / Juliana Moura Martins da Fonseca  
; Renata Torres Schittino, orientadora. Niterói, 2019.  
144 f.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,  
Niterói, 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2019.m.14375031794>

1. José Saramago. 2. Intelectuais. 3. Engajamento. 4. PCP.  
5. Produção intelectual. I. Torres Schittino, Renata,  
orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de  
História. III. Título.

CDD -

JULIANA MOURA MARTINS DA FONSECA

**JOSÉ SARAMAGO, INTELECTUAL: UM ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA E  
O PENSAMENTO DO ESCRITOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção de grau em Mestre em História social.

Aprovada em 26 de março de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª Drª Renata Torres Schittino - UFF

Orientadora

---

Prof. Dr. Carlos Augusto Addor - UFF

---

Profª Drª Érica Sarmiento - UERJ

NITERÓI – RJ

Março de 2019

## **Agradecimentos**

Agradeço à Renata, orientadora desta dissertação, pelas reuniões, indicações e leitura cuidadosa do trabalho.

Aos professores do Programa de pós-graduação em história social, pelos cursos oferecidos, bem como aos funcionários pelo serviço prestado.

Agradeço aos professores Carlos Addor e Érica Sarmiento por aceitarem compor a banca da defesa. E pelas contribuições significativas e pelo incentivo pela continuidade de minha pesquisa . Ao professor Daniel Ferreira que trouxe importantes contribuições na qualificação.

À minha família por todo apoio, sem este a conclusão desta etapa não aconteceria.

Muito obrigada aos meus amigos que ajudaram a superar essa jornada complicada, trazendo alegria e leveza para minha vida.

Ao meu companheiro, Daniel, pelo amor, apoio e incentivo constantes.

Ao Cnpq pela bolsa de estudo concedida

“Ao poder, a primeira coisa que se diz é “não”. Não por ser um “não”, mas porque o poder tem de ser permanentemente vigiado. O poder tem sempre tendência para abusar, para exorbitar.”

**José Saramago**

“Eu não venho chorar aqui onde tombaram:  
Venho a vós, acudo aos que vivem.  
Acudo a ti e a mim e em teu peito bato.  
Antes outros tombaram. Lembras? Sim, lembras?”

**Pablo Neruda**

## RESUMO

O objetivo desta dissertação é compreender como José Saramago se tornaria uma pessoa pública proeminente e não apenas um escritor premiado. Ao passo que conquistava cada vez maior sucesso literário, consolidava-se uma imagem de intelectual atuante. Para Saramago um escritor não deveria ser comprometido apenas com a matéria literária, sendo, então, importante desconstruir a imagem de um escritor neutro. Nesse sentido, também foi o objetivo desta pesquisa compreender a relação que Saramago realizou entre essa postura pública interveniente e sua obra literária, construindo uma argumentação pela responsabilidade do escritor. Bem como a relação que manteve com o Partido Comunista português (PCP), no qual se filiou ao nos anos 1969 e se manteve membro até o final de sua vida.

**Palavras-chave:** José Saramago, intelectuais, engajamento, marxismo, PCP.

## ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to understand how José Saramago would become a prominent public person and not just an award-winning writer. As he gained more and more literary success, an image of acting intellectuals was consolidated. For Saramago a writer should not be compromised only with the literary matter, and it is therefore important to deconstruct the image of a neutral writer. In this sense, it was also the purpose of this research to understand the relationship that Saramago made between this intervening public stance and his literary work, constructing an argumentation for the writer's responsibility. As well as the relationship he maintained with the Portuguese Communist Party (PCP), in which he became a member in 1969 and remained a member until the end of his life.

**Keywords:** José Saramago, intellectuals, engagement, Marxism, PCP.



## Sumário

<b>Introdução</b> .....	p.10
<b>Capítulo 1 - José Saramago, intelectual: o homem e o escritor</b> .....	p.21
1.1. A escrita de si de José Saramago.....	p.23
1.2 José Saramago e as configurações de intelectual do século XX.....	p.44
<b>Capítulo 2 - “Ser comunista é um estado de espírito”</b> .....	p. 67
2.1 O significado de ser comunista para José Saramago .....	p. 69
<b>Capítulo 3 - Democracia e Direitos Humanos face à ideologia neoliberal</b> .....	p.99
3.1 O que significa dizer que a democracia deve ser tratada como ponto de partida e não de chegada?.....	p.102
3.2 A questão dos Direitos humanos .....	p.116
<b>Considerações Finais</b> .....	p.126
<b>Bibliografia</b> .....	p.130
1. Quadro de fonte.....	p.130
1.1. Autobiografia, diário e blog.....	p.130
1.2 Palestras, discursos e conferências de José Saramago.....	p.130
1.3 Livros de entrevistas .....	p.131
1.4 Entrevistas concedidas a periódicos.....	p.131
1.5. Artigos e crônicas para periódicos .....	p.132
1.6 Prefácio de livro.....	p.133
1.7 Catálogo.....	p.133

2. Textos de José Saramago.....p.133

3. Geral.....p.137

**Anexos**

Anexo I.....p. 143

## Introdução

Olhar:

Porque Saramago apresenta um novo olhar, vendo o que os outros não veem, como Blimunda; porque esse novo olhar preside a todas as narrativas e é, por ele anunciado, num dos volumes de *Cadernos de Lanzarote*, quando evoca o momento da sua infância em que se escapava para o galinheiro do teatro S. Carlos e via o avesso da coroa do camarote real, ao que chamou «o ponto de vista do galinheiro»; porque a epígrafe de *Ensaio sobre a Cegueira* é «Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.»; porque um dos enunciados proverbiais mais bonitos, na minha opinião, e que tão bem ilustra a sua singular cosmovisão é «o mundo de cada um é os olhos que tem», citado em *Memorial do Convento* e em *A Jangada de Pedra*; finalmente, porque as suas palavras nos ensinam a olhar.

Helena Vaz Duarte<sup>1</sup>

O trecho de Helena Duarte escolhido como epígrafe foi retirada da revista *Blimunda* de novembro de 2012, na qual 90 personalidades e pesquisadores ligados à figura de José Saramago foram convidados para compor uma homenagem na data em que o escritor comemoraria 90 anos. A homenagem consistiu em cada um escolher uma palavra que para eles representaria Saramago. Dentre as palavras, está “Olhar” que indica o olhar crítico que Saramago empreendeu sobre o mundo. Assim, acredito que a epígrafe aponte de forma clara e objetiva o intuito desta pesquisa: discutir, compreender e reconstruir a argumentação, ou seja o olhar, que Saramago teceu sobre as sociedades contemporâneas ocidentais e o papel do sujeito, e assim seu próprio papel, para mudanças sociais. Soma-se a isso, o intuito de promover um diálogo dessas análises com o marxismo ocidental, uma vez que Saramago se afirmava como comunista e se manteve como membro do Partido Comunista Português desde sua filiação em 1969 até o final de sua vida.

José Saramago, em vida e na sua obra literária, recusou a se acomodar com a ordem estabelecida e produziu discursos capazes de revê-la e ressignificá-la. Calar-se aparecia,

---

<sup>1</sup> DUARTE, Helena. “Olhar”. In: Revista *Blimunda*, Lisboa: Fundação José Saramago. N.º 6, nov. 2012, p. 55. Disponível em: <http://www.josesaramago.org/blimunda-6-novembro-2012-90-anos-de-jose-saramago/>.

então, como uma gesto de covardia. O autor imprimiu em seus livros um traço combativo, crítico e reflexivo em relação à realidade social. Enquanto homem público, Saramago não descuidou de seu papel de intervenção, possuindo uma projeção proeminente e não apenas um escritor importante e premiado, consolidando uma imagem de intelectual atuante na sociedade, e não de um escritor neutro. Ocupando, então, um lugar de não apenas interpretar a realidade, mas também transformá-la.

Foi pela ótica do marxismo que Saramago interpretou o mundo, como suas palavras demonstram, “até onde eu pude chegar e compreender, como leitor e como estudioso [...], o marxismo serve-me para compreender o mundo de um modo que faz todo o sentido”. E mais: “estou nele [no marxismo] e nem sequer posso conceber outro modo de tentar entender o funcionamento das sociedades humanas”<sup>2</sup>.

A relação entre intelectual e partido é fundamental para a pesquisa proposta, uma vez que na elaboração de um discurso de sua trajetória, Saramago dá uma importância para a sua permanência no partido. Bem como por constituir questões e dilemas semelhantes àqueles vividos por intelectuais de uma mesma geração de Saramago, mesmo que a filiação de nosso autor tenha ocorrido mais tardiamente. Assim, ainda que esta tenha ocorrido anos após as divulgações dos crimes stalinistas, é um impasse que Saramago teve que lidar, sendo constantemente indagado pelos motivos que o levaram a continuar a ser comunista e permanecer no PCP.

Observamos após o ano de 1956, em decorrência a divulgação do relatório de Krushev sobre os crimes do stalinismo e agravado pela invasão da Hungria pela URSS, intelectuais e militantes de PCs deixando-os. No ano de 1957, Edward Thompson não era

---

<sup>2</sup> SARAMAGO, José. “Diálogos com José Saramago”. In: REIS, Carlos (org.) *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Editorial Caminho, 1998. Entrevistas concedidas a Carlos Reis, p. 56.

mais um quadro do PCGB, desligando-se do partido juntamente com outros camaradas historiadores como Trevor Hopper e John Saville<sup>3</sup>. A saída destes não foi um caso isolado, em outras partes do mundo houve tal ruptura, notadamente na França, figuras como Claude Lefort e Merleau-Ponty deixaram o PCF.

Entretanto, vale lembrar que outros intelectuais optaram por permanecer no partido. Na França o nome mais expressivo foi o de Jean-Paul Sartre, ainda que tenha realizado dura crítica à invasão da Hungria em sua obra *O fantasma de Stalin*, publicado em 1956. Na Inglaterra figuras como Eric Hobsbawm e Christopher Hill mantiveram-se ligados ao PCGB. Em sua autobiografia Hobsbawm justifica o que levou a permanecer no partido. O historiador inglês reconhece sua dissidência com o partido e vendo e em retrospecto, justifica sua permanência por dois motivos<sup>4</sup>.

O primeiro foi por ter entrado no partido quando ser comunista significava não apenas a luta contra o fascismo, mas a revolução mundial:

ter-me tornado comunista antes de 1935 era ainda mais significativo. Politicamente, tendo me filiado ao Partido Comunista em 1936, pertencio à era da unidade antifascista e da Frente Popular. Isso continua a determinar meu pensamento estratégico em política até hoje. Mas, emocionalmente, como alguém que se converteu na Berlim de 1932, eu pertencio à geração ligada por um cordão umbilical quase inquebrável à esperança da revolução mundial, e de seu lar original, a Revolução de Outubro, por mais cético e crítico da União Soviética que eu pudesse ser. (HOBSBAWM, 2002, p. 242)

O orgulho seria o segundo motivo de sua permanência no PCGR até sua extinção, na década de 90. Hobsbawm reconhece que sua permanência no partido era uma

---

<sup>3</sup> As análises feitas por Thompson na revista *Reasoner*, organizada e editada por ele e por John Saville também membro do partido, destoam do pensamento hegemônico do partido, levando a sua expulsão do PCGB. Cf. FORTES, Alexandre; NEGRO, Luigi; FONTES, Paulo. “Peculiaridades de E. P. Thompson”. In: THOMPSON, Edward. *As peculiaridades dos ingleses e outros ensaios*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

<sup>4</sup> HOBSBWAM, Eric. *Tempos interessantes - uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

desvantagem para sua carreira, mas que gostaria de provar para si mesmo que conseguiria ter êxito mesmo sendo comunista no meio da Guerra Fria.

Assim, Saramago participou de uma geração de intelectuais comunistas que tiveram que lidar com os crimes cometidos em nome do socialismo, e posteriormente pela desintegração da União Soviética, precisando constantemente justificar sua permanência no PCP. Mas, nossa pesquisa não objetiva apenas refletir sobre a relação do Saramago com o partido. Entender essa continuidade é importante, mas também procuramos observar as nuances nessa sua permanência ideológica ao comunismo.

Para a realização do objetivo foi realizada uma seleção e coleta de intervenções não ficcionais de José Saramago - entrevistas, artigos, conferências e palestras - somada a trabalhos autobiográficos e textos nos quais analisou sua obra literária. O período privilegiado foram os escritos da década de 1990 e dos anos 2000, visto que com o sucesso literário e atribuição de prêmios sua presença em revistas, jornais, palestras, entre outros, aumentaram consideravelmente, em nível internacional. Por exemplo, Saramago participou de eventos como 50 vozes da Resistência realizado pelo *Le monde diplomatique*, ao lado de personalidades como Eduardo Galeano, Naomi Klein e Noam Chomsky<sup>5</sup> e do Fórum Social Mundial em 2005. Bem como por considerarmos que foram anos de intensa atividade intelectual, realizando uma interpretação sobre sua trajetória de vida e sobre sua obra, além de reflexões que expressam sua leitura de mundo.

Assim, foram fontes fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa os diários escritos na década de 90 por Saramago e do seu livro de memórias da infância intitulado *Pequenas memórias*, publicado em 2006, por representar uma escrita de si. Uma vez que análise que realizou sobre sua trajetória de vida se relaciona com a imagem do intelectual.

---

<sup>5</sup> Cf. <https://diplomatie.org.br/as-50-vozes-da-resistencia/>

Sempre vale a pena lembrar que quando se trabalha textos autobiográficos temos que buscar compreender e demonstrar as escolhas e internacionalidades por detrás desses relatos. Assim, como nos dedicamos a elaboração que Saramago realizou sobre sua vida e obra, realizada a partir dos anos 90, temos que apreender não só o passado ao qual ele se refere, mas também o presente onde são elaborados seus discursos.

Os livros de entrevistas realizados por Carlos Reis, Juan Arias e João Céu e Silva, intitulados, respectivamente de *Diálogos com José Saramago*<sup>6</sup>, *José Saramago: o amor possível*<sup>7</sup> e *Uma longa viagem com José Saramago*<sup>8</sup> foram fundamentais para o prosseguimento da pesquisa. Os dois primeiros foram publicados em 1998 e o último em 2009, nestes os organizadores entrevistaram Saramago durante um período e transcreveram as entrevistas para seus livros. Dessa forma, é um material que encontramos posicionamentos de Saramago sobre variados temas, como o teor político de sua obra literária, suas críticas à sociedade e a relação com o partido.

Foram analisados, ainda, materiais encontrados na internet, como entrevistas e artigos publicados em diferentes jornais e revistas e no site da Fundação José Saramago, além de palestras, conferências, entrevistas que podem ser assistidas no *youtube*. Soma-se, ainda, o trabalho realizado por Fernando Aguilera no livro *As palavras de Saramago*, no

---

<sup>6</sup> SARAMAGO, José. “Diálogos com José Saramago”. In: REIS, Carlos (org.) *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Editorial Caminho, 1998. Entrevistas concedidas a Carlos Reis.

<sup>7</sup> SARAMAGO, José. “José Saramago: o amor possível”. In: ARIAS, Juan (org.). *José Saramago: o amor possível*. Rio de Janeiro: Manatti, 2003, Entrevistas concedidas a Juan Arias. Vale ressaltar que para a publicação brasileira, em 2003, Arias realizou uma entrevista sobre as impressões sobre o Brasil e incluiu nesta edição.

<sup>8</sup> SARAMAGO, José. “Uma longa viagem com José Saramago”. In: SILVA, João. (org.) *Uma longa viagem com José Saramago*. Porto: Porto Editora, 2009. É importante indicar que Silva incluiu no livro entrevistas com indivíduos importantes na vida de Saramago e pesquisadores sobre sua vida e obra, como sua esposa Pilar Del Rio, sua neta Ana reis Matos, seu editor Zeferino Coelho e pesquisadores como Carlos Reis e Fernando Aguilera.

qual o pesquisador realizou uma compilação de trechos de reflexões literárias, pessoais e políticas realizadas por Saramago<sup>9</sup> recolhidas a partir da imprensa escrita.

Por último, vale ressaltar os dois discursos realizados na atribuição do prêmio Nobel, em 1998<sup>10</sup>, e o livro *Democracia e universidade* composto por duas conferências realizadas por Saramago nos anos de 2003 e 2005<sup>11</sup>. Uma vez que nestes podemos encontrar temas aos quais Saramago se dedicou durante a década de 90 e anos 2000, como democracia, direitos humanos, crítica ao conceito de utopia.

Assim, nosso objetivo é compreender como Saramago se tornaria uma pessoa pública proeminente e não apenas um escritor premiado. Ao passo que conquistava cada vez maior sucesso literário, consolidava-se uma imagem de intelectual atuante. Para Saramago um escritor não deveria ser comprometido apenas com a matéria literária, sendo, então, importante desconstruir a imagem de um escritor neutro. Nesse sentido, também foi o objetivo desta pesquisa compreender a relação que Saramago realizou entre essa postura pública interveniente e sua obra literária, construindo uma argumentação pela responsabilidade do escritor que podem ser notadas na concepção de autoria defendida por ele, criticando as teorias sobre a morte do autor e ao definir-se como um ensaísta que escreve romances.

É importante indicar que a obra de Saramago é extensa e já foi bastante estudada, mas as pesquisas se dedicam principalmente aos textos ficcionais e se concentram na área das letras. Existindo poucos trabalhos que se dedicaram aos escritos não ficcionais, à

---

<sup>9</sup> SARAMAGO, José. *As palavras de Saramago*. In: AGUILERA, Fernando (seleção e organização). *As palavras de Saramago: Catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>10</sup> Em decorrência à atribuição do nobel, Saramago realizou dois discursos, o primeiro pronunciado em 7 de dezembro de 1998 na ate do nobel. Cf. SARAMAGO, José. *Da estátua à pedra e discursos de Estolcomo*. Belém: UFBA; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013.

<sup>11</sup> SARAMAGO, José. *Democracia e Universidade*. Belém: ed.ufpa; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013b.



trajetória e a compreensão de Saramago enquanto intelectual. Saramago nos deixou um grande número de intervenções não ficcionais que expressam suas concepções político-ideológicas e culturais acerca do mundo contemporâneo. Mas, mesmo as pesquisas que evidenciam seu engajamento, este é pensado na sua literatura. Dessa forma, nossa pesquisa procura contribuir e enriquecer a fortuna crítica de um significativo escritor, e como estamos defendendo, intelectual do século XX.

Vale ressaltar que o conceito e a figura do intelectual estão relacionados ao contexto moderno, seu surgimento ocorreu no final do século XIX na sociedade francesa, através de um manifesto que exigia a revisão da acusação de traição atribuída ao oficial do exército francês, o judeu Alfred Dreyfus. O oficial não foi inocentado mesmo após a descoberta da farsa que lhe atribuía, evidenciando a xenofobia e o antissemitismo. Esse caso gerou indignação entre escritores, jornalistas, professores e artistas. O escritor Emile Zola publicou, em 1898, no jornal *L'Aurore*, um artigo intitulado *J'accuse* denunciando os erros e o complô contra Dreyfus. Este artigo tornou-se um marco para se pensar o aparecimento dos intelectuais.

Para os historiadores, o estudo os intelectuais faz parte de um campo de pesquisa situado entre no cruzamento de vários ramos da historiografia, entre eles a história social, a história política, a história cultural<sup>12</sup>. Nossa abordagem enfatizará, principalmente, a natureza política da postura dos intelectuais. Nesse sentido, é importante compreender como a renovação da história política trouxe elementos importantes para a compreensão da ação intelectual.

---

<sup>12</sup> SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003, p. 231-270.

Pierre Rosanvallon aponta que a partir da década de 1970, verificamos um retorno de várias abordagens do político como objeto de estudo, principalmente no contexto francês dos anos 80<sup>13</sup>. O pressuposto metodológico desta concepção de história é de que o “político não é uma “instância” ou um “domínio” entre outros da realidade, mas o local onde se articulam o social e sua representação, a matriz simbólica na qual a experiência coletiva se enraíza e se reflete ao mesmo tempo”<sup>14</sup>.

O historiador procura diferenciá-la da história tradicional das ideias, uma vez que esse campo de conhecimento é marcada por fraquezas metodológicas, gerando a produção de obras sem problemática, visto que ao produzirem manuais de doutrinas políticas, ao realizarem o reconstrutivismo de uma obra entendendo-a como suporte de uma interpretação e os manuais de compilação de escolas de pensamento, “não nos permitem a compreender nada de histórico mesmo quando nos ensinam muitas outras coisas”<sup>15</sup>.

Ao propor um história conceitual do político, Rosanvallon indica como proceder em relação objeto e a metodologia das pesquisas históricas. Assim, o objeto da história conceitual do político é a compreensão “da formação e evolução das racionalidades políticas, ou seja, dos sistemas de representações que comandam a maneira pela qual uma época, um país ou grupos sociais conduzem sua ação”<sup>16</sup>. Quanto a metodologia, deve-se proceder tanto o método interativo como o método compreensivo, entendidos como procedimentos de análise dos processos de interação dos elementos constitutivos da cultura

---

<sup>13</sup> ROSANVALLON, Pierre. “Por uma história conceitual do político”. In: *Revista brasileira de história*. São Paulo: ANPUH, vol. 15, n 30, 1995, p. 9-22. São também textos importantes para compreender o debate sobre o ostracismo e retorno do político: RÉMOND, René. “Uma história presente”. In: RÉMOND, René (org.). *op. cit.*, 2003, p. 13-36. 8 JULLIARD, Jacques. “A Política”. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (orgs.). *História – Vol. 3: novas abordagens*. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 16.

<sup>16</sup> *Idid.*, p. 16.

política, compreendendo-os não só em suas “formas de realização” mas também em suas “condições efetivas de emergência”<sup>17</sup>. Dessa forma, Rosanvallon traz elementos interessantes para o estudo da ação dos intelectuais, entendidos como agentes sociais, que realizam representações da realidade, intervindo no processo histórico de uma determinada época.

A dissertação foi dividida em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado “José Saramago, intelectual: o homem e o escritor” foi dividido em dois subcapítulos chamados “A escrita de si de José Saramago” e “José Saramago e as configurações do intelectual do século XX”. O primeiro analisa a escrita autobiográfica de José Saramago, se detendo principalmente no *Cadernos de Lanzarote I* e n’*As pequenas memórias*, e em como essa escrita de si se relaciona com a análise que realizou sobre sua obra literária. Na conferência “Da estátua à pedra”, realizada em Turim em 1998, Saramago destaca a importância do vivido e de suas origens em seus livros ficcionais<sup>18</sup>. Para isso foi importante recorrer a teóricos da escrita biográfica e autobiográfica, como Philippe Lejeune, Beatriz Sarlo e Pierre Bourdieu, bem como a autores que se dedicaram especificamente a biografia de José Saramago.

No segundo subcapítulo, abordamos o engajamento que Saramago assumiu e como esta se relaciona com sua trajetória biográfica e literária, destacando que Saramago foi um intelectual ligado aos acontecimentos de seu tempo. E, nesse sentido, reclamava o compromisso que o escritor deve assumir na sociedade. Para ele, ser intelectual é assumir uma responsabilidade sobre o que se escreve, visto que se escreve para alguém e em uma determinada realidade histórica. Para aprofundar nossa pesquisa foram utilizados, neste

---

<sup>17</sup> Ibid., p. 17.

<sup>18</sup> SARAMAGO, José. “Da estátua à pedra - autor explica-se”. In: SARAMAGO, José. op. cit., 2013.

momento, textos que abordam o papel do intelectual na sociedade, de autores como Jean-Paul Sartre, Norberto Bobbio, Antonio Gramsci e Edward Said. E também foram trabalhados textos sobre literatura e engajamento, de teóricos como Theodor Adorno e Sartre.

O segundo capítulo que recebeu o título de ““Ser comunista é um estado de espírito”” é composto por uma sessão chamada “O significado do ser comunista para José Saramago”. O objetivo foi compreender a argumentação que Saramago construiu ao longo de sua vida sobre o significado de ser e de se manter comunista. Trazemos um mapeamento dos termos que criou para expressar o significava ser comunista para ele: como comunista hormonal, comunista libertário e comunista como estado de espírito. Nesse sentido, nos motivou compreender o seu posicionamento com relação ao comunismo para além de uma questão partidária, mas sem ignorar seu relacionamento com o partido. Mesmo reconhecendo a heterodoxia de sua postura com o PCP, se manteve membro do partido até o final de sua vida e dizia que continuava a se enxergar nele .

Importou-nos entender seu posicionamento crítico e também visualizar a crítica que Saramago realizou sobre a sociedade capitalista, no qual se destaca uma análise da alienação especificamente capitalista. Mostrar a participação de Saramago em espaços midiáticos onde colocou de forma explícita seus posicionamentos, como a crítica ao modelo atual de democracia que realizou nas páginas do *Le monde diplomatique* e a crítica ao conceito de utopia em sua conferência para o Fórum Social Mundial.

No último capítulo da dissertação intitulado “Democracia e Direitos Humanos face à ideologia neoliberal”, a pesquisa se dedica a observar o que Saramago entende como democracia e direitos humanos e como essa leitura pode ser condizente com seu comunismo. O capítulo foi dividido nos respectivos tópicos, o primeiro “O que significa

dizer que a democracia deve ser tratada como ponto de partida e não de chegada?” e o segundo “A questão dos Direitos humanos”. Foram selecionados estes dois porque são temas que se destacam nas intervenções públicas realizadas por Saramago a partir de meados dos anos 90 e nos anos 2000.

José Saramago criticou o modelo de democracia neoliberal no qual vivemos, argumentando que este modelo é incompatível com o cumprimento dos direitos humanos, uma vez que quem realmente detém o poder, é o poder financeiro e este além de não ser eleito democraticamente não visa o bem-estar da população. Neste capítulo recorreremos a autores como Perry Anderson e Michael Löwy em suas análises sobre o neoliberalismo e marxismo. Karl Marx e István Mészáros para pensar o debate entre direitos humanos e marxismo, e Perry Anderson para compreender as análises de Saramago dentro da tradição do marxismo ocidental.

## Capítulo 1

### José Saramago, intelectual: o homem e o escritor

Se o escritor tem um papel, é o de incomodar

José Saramago<sup>19</sup>

José Saramago foi um dos mais importantes escritores do século XX, vencedor de diversos prêmios, incluindo o Nobel em 1998. Porém, sua projeção literária começou tardiamente, com mais de 50 anos idade. Foi apenas em 1975 que Saramago decidiu se dedicar exclusivamente à literatura. Entre esse ano e 2010, ano de sua morte, Saramago publicou mais de três dezenas de títulos, abarcando principalmente o gênero romanesco, mas também escreveu contos, ensaios, peças teatrais, diários, livro de memória, poesia, livro de viagem e livros infantojuvenis<sup>20</sup>. Construindo, então, uma volumosa obra.

Vale destacar que antes de ser reconhecido como escritor, em 1947, lançou o romance *Terra do pecado* e ficou quase duas décadas sem publicar qualquer obra, lançando, em 1966, *Os poemas possíveis*. Fernando Aguilera através da consulta de material particular de Saramago nunca antes investigando organizou, em 2007, a exposição “José Saramago: A consistência dos sonhos - cronobiografia”<sup>21</sup> demonstrando que, na verdade, Saramago produziu diversos textos literários entre os anos 40 e 60, além do *Claraboia*, romance escrito em 1953 e publicado postumamente<sup>22</sup>.

Os críticos e pesquisadores da obra de José Saramago costumam classificar como pertencentes ao gênero autobiográfico, as obras os *Cadernos de Lanzarote*, que reúnem

---

<sup>19</sup> SARAMAGO, José, op. cit., 2010, p. 226.

<sup>20</sup> Cf. <https://www.josesaramago.org/bibliografia-ativa-de-jose-saramago/>.

<sup>21</sup> Foi publicada, em 2008, um livro também realizado por Fernando Aguilera. Cf. AGUILERA, Fernando. *José Saramago: A consistência dos sonhos - cronobiografia*. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.

<sup>22</sup> Aguilera indica que nesse período Saramago escreveu crônicas, contos, poemas, peças e enceta a criação de romances.

cinco diários escritos entre os anos de 1993 e 1997, e *O Caderno*, publicado em 2010, obra impressa que agrega os registros feitos por Saramago em seu blog (*Outros cadernos de Saramago*), entre os anos de 2008 e 2009. Esses escritos recebem o gênero de diário, como o próprio autor indicou. E o livro *As Pequenas memórias*, no qual Saramago relata sua infância e adolescência, entre Lisboa, para onde foi com menos de dois anos de idade, e a aldeia de Azinhaga, lugar que nasceu e sempre retornava nas férias para ficar com seus avós<sup>23</sup>. Segundo Saramago, ele escreveu essas memórias para contar aos seus leitores de onde ele vinha.

Vale destacar, ainda, que o romance *Manual de pintura e caligrafia* possui aspectos autobiográficos. Saramago comenta sobre o romance:

Há muito de autobiografia ali mas é paralela. Se for ler o *Manual de pintura e caligrafia* e depois *As pequenas memórias*, vai reencontrar n'*As pequenas memórias* coisas finalmente postas no seu lugar e na pessoa concreta que eu sou e que eu vivi, enquanto que os fatos da minha infância e da adolescência vai encontrá-lo no *Manual*. Nesse particular, é talvez o meu livro mais autobiográfico a exceção d'*As Pequenas memórias*, que são mesmo autobiografia. (SARAMAGO, 2009, p.46)

Também é importante incluir as entrevistas realizadas pelo escritor, neste se destacam duas obras *Conversas com José Saramago*, realizada por Carlos Reis e *Uma longa viagem com José Saramago*, trabalho de João Céu e Silva. Visto que nas entrevistas nos deparamos com a “pessoa” do autor e podemos, identificar sua visão de mundo e comentários sobre sua obra literária e trajetória de vida.

Carlos Reis aponta como objetivo de seu livro de entrevistas com Saramago, registrar testemunhos do autor que “revelam, por certo, alguma coisa de seu pensamento estético e da sua forma de estar na vida, como escritor, mas também como cidadão”<sup>24</sup>. E

---

<sup>23</sup> José Saramago nasceu em 16 de novembro de 1922 na aldeia de Azinhaga, na província de Ribatejo. Foi o segundo filho do jornaleiro José de Souza e da dona de casa Maria da Piedade. Seus pais migraram, em 1924, para Lisboa. No mesmo ano, o irmão mais velho de Saramago morre, devido a uma broncopneumonia. Apesar de ter vivido na capital passava as férias em sua aldeia natal na casa de seus avós maternos.

<sup>24</sup> REIS, Carlos. “Apresentação”. In: SARAMAGO, José. op. cit., 1998, p. 6.

João Céu e Silva “buscou fazer um retrato do escritor” e indica como a tese central de seu livro de entrevistas é indicar que José Saramago é um escritor que saiu da gaveta com o 25 de abril de 1974, e que se Portugal tivesse seguido o caminho que Saramago desejava junto com seus colegas do PCP, o escritor que havia em Saramago poderia ter sido morto.

No capítulo vamos nos deter principalmente no *Cadernos de Lanzarote I*, publicado em 1994 e n’*As pequenas memórias*, de 2006, para refletir como essa escrita de si se relaciona com a análise que realizou sobre sua obra literária, feita no ano de 1998 na conferência “Da estátua à Pedra” . Para em um segundo momento, relacionar o engajamento de Saramago com seu discurso autobiográfico e de seu trabalho como escritor.

### **1.1 A escrita de si de José Saramago**

As autobiografias, as biografias, os relatos, os diários, os discursos das minorias, as escritas de si possuem hoje importante espaço nas pesquisas históricas, literárias, estudos culturais e outras áreas das ciências humanas. Beatriz Sarlo denomina de “guinada subjetiva”, o nascimento de uma demanda por testemunhos a partir da experiência do holocausto, que levou a um protagonismo do “eu” e foi concomitante ao declínio “das narrações históricas de grande circulação”, ambicionadas pelos historiadores do século XIX, mas que hoje são consideradas “ora impossíveis, ora indesejáveis e, em geral, conceitualmente errôneas”<sup>25</sup>. A “guinada subjetiva” teria sua origem na década de 1970,

---

<sup>25</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p.13.



quando “a identidade dos sujeitos voltou a tomar o lugar ocupado, nos anos 1960, pelas estruturas”<sup>26</sup>.

Com o desenvolvimento dos Estudos Culturais, como aponta Sarlo, a memória e todo método utilizado para representar a experiência do passado sofre um reordenamento ideológico. Apontando a importância dos estudos de Richard Hoggart destaca que as histórias de novos sujeitos passam a demandar novas exigências e novos métodos que se debruçam sobre os “discursos de memória”.

Na guinada subjetiva, destaca-se a importância que a memória assume na representação das narrativas unidas à noção de que toda narração está fundada em uma temporalidade. Nas palavras de Beatriz Sarlo:

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer, mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar. (SARLO, 2007, p. 24-25)

Com esse panorama de Sarlo, estamos nos referindo ao contexto de ressurgimento do “eu” ocorrido a partir dos anos de 1970 nas ciências humanas e estudos culturais. Mas, para fins desta pesquisa, enfocaremos nos estudos de autobiografia. Visto que Saramago realizou uma leitura sobre si e sobre sua obra que nos é, particularmente, importante para compreendê-lo enquanto intelectual marxista.

Nesse sentido, busca-se compreender a contribuição dos trabalhos de Philippe Lejeune. O autor francês nos anos 1970, percebia a necessidade de iniciar um estudo sério sobre a autobiografia, gênero então desprestigiado no campo literário. Em 1975, publicou

---

<sup>26</sup> Ibid., p. 18.

um estudo sobre a prática autobiográfica francesa, chamado *O pacto autobiográfico*, resuscitando o papel do autor, indo na contramão do estruturalismo e do formalismo.

Philippe Lejeune define autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular, a história de sua personalidade”<sup>27</sup>. Também elenca os elementos que compõem o seu conceito de autobiografia e que se referem a quatro categorias. A primeira foi intitulada de “forma de linguagem”, que se caracteriza como uma narrativa em prosa; a segunda categoria foi chamada de “assunto tratado” que corresponde à vida individual e à história de uma personalidade; já categoria seguinte de “situação do autor”, significa a identidade do autor e do narrador; a última categoria foi nomeada como “posição do narrador”, trata sobre duas condições, a identidade do narrador e do personagem principal e a perspectiva retrospectiva da narrativa. Para ser uma autobiografia uma obra tem que preencher ao mesmo tempo todas essas categorias.

Para Lejeune, os gêneros vizinhos da autobiografia não preenchem todas essas condições, como as memórias, biografia, romance pessoal, poema autobiográfico, diário e autorretrato ou ensaio. Alerta que as categorias não são absolutamente rigorosas e que em certas condições podem não ser preenchidas totalmente. Porém, duas concepções não comportam graus - identidade do autor e do narrador, e identidade do autor e do personagem principal.

O autor também defende que as autobiografias se caracterizam por uma concepção de contrato de leitura entre o autor e o leitor, contrariando, assim, o ideário vigente de autonomia do texto. A autobiografia “pressupõe que haja *identidade de nome* entre o autor

---

<sup>27</sup> LEJEUNE, Philippe. “O Pacto autobiográfico”. In: LEJEUNE, Philippe; NORONHA, Jovita (org.). *O pacto autobiográfico* - De Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, 16.

(cujo nome está estampado na capa), narrador e a pessoa de quem se fala” (grifos do autor)<sup>28</sup>, ou seja, é uma identidade assumida na enunciação. Assim, notamos que ocorre um pacto de veracidade, comprometimento que não ocorre no campo romanesco, em que o princípio de invenção e de não-identidade caracterizam o gênero. Para Lejeune, o “pacto autobiográfico é a afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em última instância, ao *nome* do autor, escrito na capa do livro”<sup>29</sup> (grifos do autor).

Em artigo de 2013, Lejeune analisa sua trajetória acadêmica e define a ideia de seu pacto autobiográfico, indicando que sua análise é feita a partir da recepção:

eu fiquei muito impressionado pelo facto de a autobiografia não estar definida apenas por uma forma (relato) e um conteúdo (vida), relato e conteúdo que a ficção podia imitar, mas por um facto que a diferenciava radicalmente: o compromisso que uma pessoa real assumia ao falar dela (própria) num espírito de verdade – o que eu chamo “pacto autobiográfico”. Entre isso e o contrato de ficção existe, com certeza, uma série de posições intermédias que só se definem pela relação com estes dois polos. É, portanto, do lado da pragmática, do lado dos atos da linguagem, que eu situei o traço dominante do género. Uma autobiografia **não é apenas um texto no qual alguém diz a verdade sobre si próprio, mas um texto em que alguém real diz que a diz**. E este compromisso produz efeitos particulares sobre a recepção. Não se lê da mesma maneira um texto dependendo de que seja recebido como uma autobiografia ou uma ficção. [grifos nossos] (LEJEUNE, 2013, p. 538)

Os estudos de Lejeune receberam diversas críticas, muitas realizadas pelo teor normativo de algumas de suas afirmações, críticas que ele foi, ao longo de seu percurso de pesquisas, discutindo em diferentes textos.

O caráter normativo do ensaio “se explica justamente por sua intenção política em teorizar um gênero até então banido do cânone”<sup>30</sup>. Lejeune revisita e faz uma releitura de seu estudo sobre autobiografias em “O pacto autobiográfico (bis)”, de 1986 e “O pacto autobiográfico, 25 anos depois”, 2001. Foi inclusiva a escolha de Jovita Noronha, organizadora da coletânea traduzida para o português de estudos de Lejeune, dispô-los

---

<sup>28</sup> Ibid., p. 28.

<sup>29</sup> Ibid., p. 30.

<sup>30</sup> NORONHA, Jovita. “Apresentação”. In: LEJEUNE, Philippe; NORONHA, Jovita (org.). op. cit.p.8

nessa ordem. Noronha tinha como objetivo “dar conta da própria aventura teórica do autor, do alargamento de seu corpus, do que ele próprio denomina sua 'democratização’”<sup>31</sup>.

Para Jovita Noronha, Lejeune iniciou seus trabalhos pelo interesse da autobiografia como gênero literário e o ampliou para o olhar da autobiografia como fato cultural. Suas pesquisas passaram a refletir também, ao longo dos anos, sobre outras formas de autorrepresentação, tais como cartas, diários, autorretratos, autobiografias cinematográficas e, mais recentemente, os blogs.

Lejeune, em “O Pacto autobiográfico 25 anos depois”, avalia sua carreira e as principais críticas que recebeu. Para ele o caráter normativo está principalmente em seu primeiro livro *L'autobiographie en France* sobre autobiografia, publicado em 1971. Para ele, seus principais erros seriam a construção de um *corpus* a partir de *Confissões* de Rousseau e a oposição entre ficção e autobiografia. Nesse momento, Lejeune reconsidera suas propostas e considera que teria sido mais rico pensá-las como formas particulares de narrativa no lugar de uma oposição tão sistemática. Apesar das revisões, Lejeune mantém a validade e a importância de seu pacto autobiográfico para os estudos de narrativas de si. O artigo “O Pacto autobiográfico”, de 1975, ainda aparece como importante ponto de viragem em suas reflexões sobre o gênero autobiográfico.

Dessa forma, seja em diários, em recordações da infância, em entrevistas ou no blog *outros cadernos de Saramago*, observamos um processo de rememoração que Saramago faz de si. Entendemos que há nesses textos um “pacto autobiográfico”, no qual reconhecemos como única a identidade do autor, do narrador e do protagonista do relato, todos designados pelo mesmo nome inscrito na capa do livro.

---

<sup>31</sup> Ibid., p. 9.

Saramago publica *As pequenas memórias*, em 2006, 4 anos antes de seu falecimento. O livro é lançado na aldeia de Azinhaga, local onde nasceu, no dia do seu aniversário de 84 anos<sup>32</sup>. O livro é composto por fragmentos de variados tamanhos que contam as diferentes lembranças que Saramago guarda de sua infância e adolescência, dos seus 4 aos 16 anos de idade, e dos lugares onde viveu, na aldeia de Azinhaga e Lisboa. O livro faz parte de um projeto do escritor de compor um relato autobiográfico para que seus leitores soubessem de onde ele vinha<sup>33</sup>.

Neste o autor conta sobre diversos casos de sua vida, da sua vida escolar, de como recebeu o sobrenome “Saramago”, de seu medo de cães e fascínio por cavalos. Fala de seus familiares e dos diversos endereços que viveu em Lisboa devido às dificuldades financeiras da família. Nessas memórias, sua terra de origem, onde ia passar as férias, e as lembranças de são avós maternos possuem bastante importância e relevo.

A ideia para sua realização existe desde pelo menos 1993, nesta época seu título seria *O livro das tentações*. Em 6 de maio, encontramos o registro em que Saramago fala do desejo de realizar o livro sobre a sua infância, “livro sempre anunciado e sempre adiado: que não será uma livro de memórias respondo eu, quando me perguntam acerca dele, mas sim [...]Está é a memória que tenho eu de mim próprio”<sup>34</sup>. Em outro momento, comentando que também estava a escrever o *Ensaio sobre a cegueira*, Saramago cria uma hipótese para a realização do livro de sua infância:

talvez esta necessidade imperiosa de organizar uma lembrança coerente de meu passado, dessa sempre, feliz ou infeliz, única infância, quando a esperança ainda estava intacta, ou, ao menos, a possibilidade de vir a tê-la, se tenha constituído, sem que eu pensasse, como uma resposta vital para contrapor ao mundo medonho que estou a caminho de imaginar e descrever no *Ensaio sobre a cegueira*. (SARAMAGO, 1994, p. 105)

---

<sup>32</sup> AGUILERA, Fernando. op. cit., 2008.

<sup>33</sup> SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>34</sup> SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote I*, Lisboa: Editorial Caminho, 1994, p. 31.

O primeiro e último fragmentos do livro falam de Azinhaga, que aparece como seu lugar de nascimento e identidade num sentido muito significativo. Saramago aponta que, apesar de ter ido ainda muito criança para Lisboa, o seu lugar de origem tem muita importância no homem que se tornou. Destaca-se o trecho do primeiro fragmento do livro:

Foi nestes lugares que vim ao mundo, foi aqui, quando ainda não tinha dois anos, que meus pais, migrantes empurrados pela necessidade, me levaram para Lisboa, para outros modos de sentir, pensar e viver, como se nascer eu onde nasci tivesse sido consequência de um equívoco do acaso, de uma causal distração do destino, que ainda estivesse em suas mãos emendar. Não foi assim. Sem que ninguém de tal tivesse apercebido, a criança já havia estendido gavinhas e raízes, a frágil semente que então eu era havia tido tempo de pisar o barro do chão com seus minúsculos e mal seguros pés, para receber dele, indelevelmente, a marca original da terra, [...] Só eu sabia, sem consciência de que o sabia, que nos ilegíveis fólios do destino e nos cegos meandros do acaso havia sido escrito que ainda teria de voltar a Azinhaga para acabar de nascer. Durante toda a infância, e também os primeiros anos da adolescência, essa pobre e rústica aldeia [...] foi o berço onde se completou a minha gestação, a bolsa onde o pequeno marsupial se recolheu para fazer da pessoa, em bem e talvez mal, o que só ela própria, calada, secreta, solitária, poderia ter sido feito. (SARAMAGO, 2006, pp. 10-11)

Nesse relato o nascer tem uma dimensão profunda, não apenas “sair do ventre materno” primeiro significado encontrado no dicionário aurélio. Até porque os pais são citados como os que o levaram para outros modos de vida, outros “modos de sentir”. Para Saramago, o seu verdadeiro nascimento, tal como observa em 2006, está ligado ao contato com o barro da casa de seus avós maternos, seu Jerónimo e dona Josefa.

A aldeia de Azinhaga assume grande importância também por ser o lugar onde residem seus avós maternos. A casa destes, que recebia o nome de Casalino, é recordada como espaço de segurança e aprendizado, a qual Saramago se refere como “lar supremo”. Assim, somos apresentados a Azinhaga através dos tempos que o menino Zezito, como Saramago era chamado na infância, passava no Casalino. As recordações relacionadas aos seus avós aparecem como ensinamentos e momentos marcantes da vida de Saramago.

Comentando sobre a casa de seus avós:

aquela que durante dez ou doze anos foi o lar supremo, o mais íntimo e profundo, a pobríssima morada dos meus avós maternos, Josefa e Jerónimo se chamavam, esse mágico casulo onde sei que se geraram as metamorfoses decisivas da criança e do adolescente. Essa perda, porém, há muito tempo que deixou de me causar sofrimento porque, pelo poder reconstrutor da memória, posso levantar em cada instante as suas paredes brancas, plantar a oliveira que dava sombra à entrada, abrir e fechar o postigo da porta e a cancela do quintal onde um dia vi uma pequena cobra enroscada, entrar nas pocilgas para ver mamar os bácoros, ir à cozinha e deitar do cântaro para o púcaro de esmalte esborcelado a água que pela milésima vez me matará a sede daquele Verão. (SARAMAGO, 2006, p. 15-16)

Denise Lima<sup>35</sup>, chama a atenção da ampliação da simbologia da gestação do ser elaborada por Saramago através da metáfora do casulo para representar a casa como o lugar onde “se geraram as metamorfoses decisivas da criança e do adolescente”. Somada às várias formas de expressão que Saramago realizou ao longo de sua trajetória (ficção, entrevistas, artigos, conferências e escritos autobiográficos) podemos identificar alguns sinais de sua visão de mundo que provavelmente resultaram dessas “metamorfoses decisivas”. Tais como a valorização das pessoas simples, como os seus avós maternos, e do seu modo de vida, especialmente aqueles que são subjugados pelas diversas formas de poder, e o ao imaginário popular e à tradição.

Lima também acredita, e concordamos, que apesar de n’*As pequenas memórias* as lembranças de Azinhaga e Lisboa se distribuírem com certo equilíbrio, as do campo parecem ter deixado marcas mais profundas em Saramago, seja pelo prazer do vivido, seja pelos ensinamentos que moldaram sua pessoa.

A importância de seus avós e de sua terra de origem é exaltada no discurso intitulado “De como o personagem foi mestre e o autor seu aprendiz” que Saramago pronunciou, em 1998, no momento de recebimento do Prêmio Nobel<sup>36</sup>. Saramago fala das

---

<sup>35</sup> LIMA, Denise. *O espaço da memória em José Saramago: Literatura e autobiografia*. 2017. 392 f. Tese (Doutorado em letras) - Centro de Humanidades, Programa de pós-graduação em Letras da UFC. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

<sup>36</sup> SARAMAGO, José. “De como o personagem foi mestre e o autor seu aprendiz”. In: SARAMAGO, José. op. cit., 2013, p. 71-88.

lembranças de seus avós, de sua simplicidade e sabedoria. Das histórias que o avô contava, das vezes que ajudou a avó nos trabalhos do campo.

Como podemos notar logo no trecho inicial:

O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever. Às quatro da madrugada, quando a promessa de um novo dia ainda vinha em terras de França, levantava-se da enxerga e saía para o campo, levando ao pasto a meia dúzia de porcas de cuja fertilidade se alimentavam ele e a mulher. Viviam desta escassez os meus avós maternos, da pequena criação de porcos que, depois do desmame, eram vendidos aos vizinhos da aldeia. Azinhaga de seu nome, na província do Ribatejo. Chamavam-se Jerónimo Melrinho e Josefa Caixinha esses avós, e eram analfabetos um e outro. (SARAMAGO, 2013, p. 71)

Nos *Diálogos*, Saramago responde que sua família era “toda era formada por camponeses, sem-terra, gente pobre, analfabetos todos ou quase todos” e que é para falar dessa gente, citando o caso de seu avô e de seu irmão que morreu aos 4 anos de idade “ que para contar a história desta gente é que eu também vivo”<sup>37</sup> Não só a da família dele, mas de tantas outras pessoas miúdas que não deixaram sinais. Quando indagado por Carlos Reis sobre as ideias subjacentes do *Memorial do convento*, Saramago responde:

É essa a minha preocupação com as tais vidas que não deixaram sinal, que neste caso foram as vidas que puseram de pé o Convento de Mafra ou as pirâmides do Egípto ou o Aqueduto das Águas Livres. E não são só esses que fizeram os grandes monumentos e os tornaram visíveis: também há o trabalho comum das pessoas que, pela sua própria natureza, não deixaram sinais; porque pelo menos os carpinteiros e os pedreiros de Mafra deixaram materialmente algo. Mas há outros que não: os encarregados das obras que tomavam nota do número de telhas que entravam e das que eram usadas, esses provavelmente não deixaram nada, quando muito terão deixado a sua caligrafia em documentos que andam por aí.(SARAMAGO, 1998, p. 60)

Esse objetivo literário também é lembrado no texto, ou diálogo com o leitor como Saramago preferiu chamar, intitulado “Da estátua à pedra”. Neste, o autor, através da metáfora expressa no título, explica a sua trajetória literária<sup>38</sup>. Para Saramago sua obra

---

<sup>37</sup> SARAMAGO, José. *op. cit.*, 1998, p. 59-62

<sup>38</sup> SARAMAGO, José. “Da estátua à pedra - o autor explica-se”. In: SARAMAGO, José. *op. cit.*, 2013, p. 25-52.



poderia ser dividida em duas fases, a primeira seria a da estátua, que representa a superfície da pedra. Descrever a estátua com seu rosto, gestos, roupas, figura é descrever o exterior da pedra e esse exterior é o que ele realizou desde o *Manual de pintura e caligrafia* (1975) até *O evangelho segundo Jesus Cristo* (1991). A partir de *O ensaio sobre a cegueira* (1995) é inaugurada a fase da pedra, passando a tratar, então, sobre o interior da pedra.

Quando terminei *O Evangelho* ainda não sabia que até então tinha andado a descrever estátuas. Tive de entender o novo mundo que se me apresentava ao abandonar a superfície da pedra e passar para o seu interior, e isso aconteceu com o *Ensaio sobre a Cegueira*. Percebi, então, que alguma coisa tinha terminando na minha vida de escritor e que algo diferente estava a começar. (SARAMAGO, 2013, p. 42)

No final do texto, Saramago relembra histórias dos avós que marcaram sua vida, histórias contadas também no discurso do Nobel. Dentre elas está uma de quando o avô se despediu de suas oliveiras e figueiras, que ficavam no quintal da casa, abraçando-as e chorando, pois sabia que não retornaria a vê-las. Essa cena o marcaria para sempre, para ele significou que seu avô no final da vida compreendeu que o seu mundo estava dentro das coisas. E Para Saramago é o que ele próprio procurava e expressou através da metáfora da pedra à estátua:

Este neto, que todavia continua a sê-lo, apesar de ter mais idade que aquela que eles alguma vez tiveram, este neto, insisto, quando escreve sobre os seus avós está a impedir que morram definitivamente. Creio que compreender isto é avançar no caminho que vai até o interior da pedra, onde meu avô sempre esteve sem que eu soubesse. E creio que para isso escrevo. (SARAMAGO, 2013, p. 52)

Esse trecho é importante porque explicita uma relação entre a vida e a obra para Saramago. Aí, como no discurso do prêmio Nobel, e nas lembranças compartilhadas em *As pequenas memórias*, nota-se um argumento onde o vivido passa a ser uma dimensão valorizada na sua obra. Assim, a maneira como seus avós, dois camponeses, se

comportavam diante de seu cotidiano foi significativas e influenciou o homem que Saramago se tornou.

Assim, quando Saramago fala de si, de sua história de vida e de seus livros a presença de seus avós e de sua terra de origem, a aldeia de Azinhaga, são constantemente lembradas como fundamentais. Até mesmo no momento de sua morte, essa origem foi afirmada, suas cinzas foram jogadas na sede da Fundação José Saramago em uma oliveira centenária vinda de Azinhaga junto a uma pedra do Convento de Mafra, onde também foi colocada a última frase de seu romance *O memorial do convento*: “mas não subiu para as estrelas se a terra pertencia”.

É importante atentarmos que quando Saramago fala de si e de sua trajetória, aparece a construção de uma imagem sobre si mesmo, condição que o próprio reconhecia. Como podemos ver em seu diário, no dia 6 de maio de 1993 escrevendo sobre o projeto do livro *As pequenas memórias*, Saramago alertou que: “não será uma livro de memórias respondo eu, quando me perguntam acerca dele, mas sim [...]Está é a memória que tenho eu de mim próprio”<sup>39</sup>.

Quando analisamos textos autobiográficos, levamos em consideração a análise de Pierre Bourdieu feita em seu artigo “A Ilusão biográfica”. Notamos que o relato biográfico ou autobiográfico muitas vezes possui a preocupação imanente em atribuir um sentido, uma consistência à trajetória do indivíduo, garantindo coerência<sup>40</sup>.

Assim, percebe-se que biografias consistem em considerar a vida de um indivíduo como um percurso orientado, um deslocamento linear, que possui um começo, meio e fim (fim entendido de forma dupla, de término e de finalidade). Para Bourdieu, “produzir uma

---

<sup>39</sup> SARAMAGO, José. op. cit. 1994, p. 32.

<sup>40</sup> BOURDIEU, Pierre, “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996

história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como um relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica<sup>41</sup>. A ilusão biográfica constrói um sentido à vida a posteriori, através de um relato linear, cujas incoerências e incertezas não são expostas.

Ao lidar com escritos autobiográficos estamos atentos para o que Bourdieu chamou de *ilusão biográfica*. Mas também levamos em conta nessa dissertação o fato segundo o qual as escritas autobiográficas se constituírem como narrativas não significa que sejam ficção. Como demonstrou Lejeune, “ao tentar me ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estiliza-los ou simplifica-los. Mas não brinco de me inventar<sup>42</sup>”.

E mais apoiando-se nos estudos de Paul Ricoeur, Lejeune argumenta que:

Ao seguir as vias da narrativa, ao contrário, sou fiél a minha verdade: todos os homens que andam na rua são homens-narrativa, é por isso que conseguem parar em pé. Se a identidade é um imaginário, a autobiografia que corresponde a esse imaginário está do lado da verdade. Nenhuma relação com o jogo deliberado da ficção. (LEJEUNE, 2014, p. 121)

Os *Cadernos de Lanzarote*, escritos de 1993 a 1997, representam uma literatura autobiográfica, que o próprio autor nomeia de “diário”. Nesses diários, Saramago não exercita só a percepção de seu cotidiano, mas realiza reflexões sobre diversos temas, comenta sua obra literária e de outros escritores, a recepção de sua obra, a política de Portugal e de outros países, as conferências e eventos que participou. Dessa forma, nos *Cadernos* encontramos reflexões do autor sobre o mundo e sobre si mesmo.

Saramago associa a ideia de escrever diários ao fato de ter saído de Portugal e passado a viver em Lanzarote, na Espanha. Na abertura do primeiro dos *Cadernos*,

---

<sup>41</sup> Ibid., p. 185.

<sup>42</sup> LEJEUNE, Philippe. “Autobiografia e ficção”. In: LEJEUNE, Philippe; NORONHA, Jovita (org.). op. cit. 2014, p. 121.

Saramago justifica o motivo deles. Para o autor o fato de estar longe de origem gerou uma necessidade de somar aos sinais já deixado por ele, uma vez que ele acredita que tudo é autobiografia, um olhar sobre si:

Um dia escrevi que tudo é autobiografia, que a vida de cada um de nós a estamos contando em tudo quanto fazemos e dizemos, nos gestos, na maneira como nos sentamos, como andamos e olhamos, como viramos a cabeça ou apanhamos um objecto no chão. Queria eu dizer então que, vivendo rodeados de sinais, nos somos um sistema de sinais. Ora, trazido pelas circunstâncias a viver longe, tornado de algum modo invisível ao olhos de quantos se habituaram a ver-me e a encontrar-me onde me viam, senti (sempre começamos por sentir, depois é que passamos ao raciocínio) a necessidade de juntar aos sinais que me identificam um certo olhar sobre mim mesmo. O olhar do espelho. (SARAMAGO, 1994, p.9-10)

Dessa forma, é partir de sua saída de Lisboa que Saramago passa a se preocupar em realizar uma escrita autobiográfica, visto que como já citado a ideia e o início da realização de seu *As pequenas memórias* também datam do ano de 1993. Nos *Diálogos* realizados por Carlos Reis, Saramago fala que a necessidade se deu pelo avanço da idade:

acrescentando também a isso uma consciência mais aguda da passagem do tempo, a consciência da aproximação (eu continuo a chamar lhe aproximação...) da velhice, embora, por outro lado, um certo vigor físico e uma certa frescura mental ainda me mantenham uns dez anos atrás da idade real. Digamos que eu senti a necessidade de dar passos mais miúdos, passos mais pequenos; e esses só podem aparecer num diário, que tem características que não são as desejadas, pois parece que os meus críticos gostariam mais de ver ou de ler profundas reflexões filosóficas, quando do que se trata, para as pessoas a quem isso possa interessar e que são os meus leitores, é de dar-lhes a saber o que me acontece. (SARAMAGO, 1998, p.85)

Os *Cadernos* são formados por textos datados escritos quase que diariamente sobre suas atividades cotidianas, pensamentos e lembranças. O que vai ao encontro do que Lejeune define como constituinte do gênero de diário, uma vez que para este um diário é “uma escrita quotidiana: uma *série de vestígios datados*<sup>43</sup> (grifos do autor). Segundo Lejeune, no diário “nenhuma forma é imposta, nenhum conteúdo é obrigatório”. Mas

---

<sup>43</sup> LEJEUNE, Philippe. “Um diário todo seu”. In: *Ibid.*, p. 299.

acredita que algumas características são constitutivas do gênero, os diários seriam descontínuos, lacunares, redundantes e repetitivos, além de geralmente terminarem de maneira abrupta e inesperada.

Através da frase: “O diário está longe de ser o espelho da feiticeira, ele é, na verdade, um filtro”<sup>44</sup>, Lejeune indica que nos diários, pelo menos naquele que o autor escreve com a intenção de ser lido, não são compartilhados, dessa forma, segredos, e sim aquilo o que o diarista deseja que seus os leitores saibam.

Fernanda Fernandes em sua dissertação de mestrado sobre os *Cadernos de Lanzarote*<sup>45</sup>, salienta que os *Cadernos de Lanzarote* foram escritos com o objetivo, desde o princípio, de serem publicados. Assim, foi um projeto altamente arquitetado no qual o diarista escolhe de maneira “ainda mais cabal aquilo que pretende mostrar ou ocultar acerca de si com vistas a engendrar a autoimagem que intenciona mostrar ao futuro”<sup>46</sup>.

A autora indica, ainda, que existem diários de viagem, diários de luto, diários de bordo, diários de superação (doença ou algum trauma), diários de sobreviventes, diários de sonhos, diários de guerra, diários políticos, diários religiosos, diários íntimos, e tantas outras possíveis delimitações procedentes de experiências pessoais múltiplas. Ou seja que se agregando ao gênero um paratexto adicional.

E as anotações realizadas em *Cadernos de Lanzarote* são consideravelmente variadas, abordando em um único volume todas as delimitações mencionadas. No entanto, em seu conjunto, os diários apresentam repetições de temas, às vezes entre volumes

---

<sup>44</sup> LEJEUNE, Philippe. “Contínuo e descontínuo”. In: *ibid.*, p. 342.

<sup>45</sup> FERNANDES, Fernanda. *O autor segundo ele mesmo: a escrita de si em Cadernos de Lanzarote*, de José Saramago. 2015, 137 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e vida social) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis da UNESP. Universidade Estadual Paulista, Assis.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 73.

diferentes, contribuindo com que existam temas mais recorrentes, sobressaindo àqueles esporádicos, relativos a reflexões espontâneas.

Fernandes observa que os diários saramaguianos representam um espaço de reflexão principalmente histórica e artística. Diferenciando-se da maioria dos do séculos XX e XXI, visto que os *Cadernos* não existem em função de conflitos íntimos ou estritamente pessoais, mas em virtude de questões mais universalizantes, como a cultura literária e conflitos atinentes às desigualdades sociais.

Denise Lima concorda que um dos temas recorrente dos diários de Saramago é reflexão do autor sobre sua obra, mas elenca mais alguns, como a memória, a percepção de mundo e a história (principalmente a de Portugal e europeia). Neste primeiro tópico, devido a sua problemática, nos interessa principalmente ao primeiro desses temas.

Assim, são várias as passagens sobre a memória que encontramos nos *Cadernos*, Saramago reflete sobre “o passado, o ato de recordar, a passagem do tempo, a identidade em relação à história, a morte, às vezes tentando definir esses aspectos fugidios da existência humana, às vezes tomando-os como mote para algum fato a registrar”<sup>47</sup>. Lima destaca uma passagem em que Saramago sintetiza o pensamento que desenvolveu sobre a memória ao longo de sua vida:

Sobre a memória: “A memória é um espelho velho com falhas no estanho e sombras paradas: há uma nuvem sobre a testa, um borrão no lugar da boca, o vazio onde os olhos deviam estar. Mudamos de posição, ladeamos a cabeça, procuramos, por meio de justaposições ou de lateralizações sucessivas dos pontos de vista, recompor uma imagem que nos seja possível reconhecer como ainda nossa, encadeável com esta que hoje temos, quase já de ontem. A memória é também uma estátua de argila. O vento passa e leva-lhe, pouco a pouco, partículas, grãos, cristais. A chuva amolece as feições, faz descair os membros, reduz o pescoço. Em cada minuto, o que era deixou de ser, e da estátua não restaria mais do que um vulto informe, uma pasta primária, se também em cada minuto não fôssemos restaurando, de memória, a memória. A estátua vai manter-se de pé, não é a mesma, mas não é outra, como o ser vivo é, **em cada momento, outro e o mesmo. Por isso deveríamos perguntar-nos quem, de nós, ou em nós, tem memória**, e que memória é ela. Mais ainda: pergunto-me

---

<sup>47</sup> LIMA, Denise. op. cit., 2017, p. 290.

que inquietante memória é a que às vezes me toma de ser eu a memória que tem hoje alguém que já fui, como se ao presente fosse finalmente possível ser memória de alguém que tivesse sido.” (Excerto, com modificações, de um texto que publiquei algures, não sei quando. Ah, esta memória.) (grifos nossos) (SARAMAGO *apud* LIMA, 2017, p. 290)

Dessa forma, é necessária restaurar continuamente, “de memória, a memória”, para que a imagem que reconhecemos como nossa não se perca em “nuvem”, “borrão” ou “vazio”, como ocorre quando nos miramos em espelhos velhos. Porém, a memória nunca será uma imagem nítida no espelho, porque ela olha para o passado, enquanto faz parte do presente. O esforço da memória:

Seu esforço consiste em sustentar os fios frágeis que contornam uma imagem basicamente reconhecível, que “não é a mesma, mas não é outra”. A memória salva-nos do “vulto informe” em que nos transformaríamos, se recusássemos o olhar do espelho. Nesse sentido, a escrita, autobiográfica ou não (e qual, a rigor, não é?), estaria a serviço da memória na (re)composição de uma imagem do eu. (LIMA, 2017, p.290)

Concordamos com a pesquisadora quando indica que Saramago expressa uma constância pessoal sempre que reflete sobre menino que ele foi, demonstrando uma coerência identificadora. O que também nota-se no seu livro de memórias da infância e adolescência, em entrevistas e quando analisa sua obra. Lima destaca o seguinte trecho para evidenciar essa característica da escrita de si de Saramago:

A mim estas coisas assombram-me, quase me deixam sem palavras, e desconfio que as poucas que restam não serão das mais apropriadas. O rapazito que andou descalço pelos campos da Azinhaga, o adolescente da fato-macaco que desmontou e tornou a montar motores de automóveis, o homem que durante anos calculou pensões de reforma e subsídios de doença, e que mais adiante ajudou a fazer livros, e depois se pôs a escrever alguns – esse homem, esse adolescente e esse rapazito acabam de ser nomeados *Doutor honoris causa* pela Universidade de Manchester. Lá irão os três em Maio, a receber o grau, juntos e inseparáveis, porque só assim é que querem viver. Tão inseparáveis e juntos que, mesmo agora, quando estou a procurar as palavras certas para deixar notícia do afago que me fizeram, estou também, de forquilha na mão, a mudar a cama aos porcos do meu avô Jerónimo e a rodar válvulas num torno de bancada. Benedetto Croce dizia que toda a História é história contemporânea. A minha também. (SARAMAGO *apud* LIMA, 2017, p. 291)

Para Lima essa constância pessoal expressa no texto de Saramago alega uma convivência entre o menino, o adolescente e o homem que são, no fim das contas, a mesma pessoa. Por isso, ao lado de informações sobre o cotidiano do homem e do escritor, existe registros da sua infância e dos seus antepassados.

Exposto este argumento da pesquisadora é interessante retornar ao artigo “Da estátua à pedra” na parte em que Saramago fala sobre seu interesse em escrever um livro autobiográfico sobre sua infância e adolescência. No texto Saramago diz que não existe nada mais magnífico do que “irmos levando a vida pela mão da criança que fomos, imaginar que cada um de nós teria de ser sempre dois, que fossemos dois pela rua, dois tomando decisões dois diante das diversas circunstâncias que nos rodeiam e provocamos”<sup>48</sup>. Saramago argumenta que isto pode parecer fantasia de escritor mas que se tomássemos como filosofia de vida evitaríamos que cometêssemos traições e deslealdades.

Um ponto da vida de Saramago importante e conhecido de sua trajetória de vida ainda não foi explorado neste subcapítulo que é o fato de Saramago se declarar comunista até o final de sua vida e ser membro do PCP desde 1969. Como já mencionado, João Céu e Silva possuía como questão de seu livro de entrevistas com José Saramago entender sua hipótese de que Saramago é um escritor que nasceu com a Revolução de abril e com os caminhos que esta trilhou, ou seja, devido a contrarrevolução de novembro de 1975. Para Céu e Silva, o que conhecemos de Saramago hoje é em decorrência da vitória de outras correntes políticas em Portugal, diversas da defendida pelo PCP.

Por isso, em *Uma longa viagem com José Saramago* encontramos muitas perguntas sobre a relação do escritor com o partido que passou a pertencer desde janeiro de 1969 e sobre a política portuguesa. Saramago responde que se tornou comunista e membro do

---

<sup>48</sup> SARAMAGO, José. op. cit. 2013, p. 46.



partido devido ao descontentamento com a política portuguesa, por causa de Salazar e da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) e que quem estava no trabalho político contra isso era justamente o partido. Além de já possuir simpatia por ter vários amigos membros do partido, foi desta maneira que ocorreu uma aproximação com o partido. Ressalta, ainda, que nunca foi um membro disciplinado.

Quando Ceu e Silva o indaga por sempre usar o “nós” ao se referir ao PCP, Saramago responde que não deixaria o partido “salvo se o Partido deixar de mim”<sup>49</sup>. E para isso acontecer só se o partido se tornasse outro, com novas ideias e projetos. Pois ele deseja e se reconhece no partido como o conheceu e ainda o é:

Eu bem sei que as circunstâncias históricas e tudo o mais exigem manobrar com flexibilidade e entrar em compromissos, mas nada que toque no essencial. E nesse particular é o único partido da Europa ou do mundo que não tem que se envergonhar de si mesmo. Não fez nenhuma alteração estética, não fez acrobacias labirínticas de explicações e justificações. Continua a ser o Partido. (SARAMAGO, 2009, p. 129)

Ao comentar sobre a exposição “A consistências dos sonhos”, Ceu e Silva aponta que um de seus aspectos importantes é mostrar a faceta de escritor comprometido e a dimensão pública de José Saramago. Isto é notado através da exibição de diversos recortes de imprensa do mundo inteiro onde se destacam a reflexão e a parte mais política de sua escrita. Também sua militância política vinculadas à manifestação da Associação de Escritores Portugueses, na construção da Festa do *Avante!* (jornal do PCP) e em campanhas nas eleições municipais de Lisboa e de sua terra natal, bem como suas polêmicas com o PCP. Também encontram-se imagens da participação de Saramago em

---

<sup>49</sup> SILVA, João. *apud* SARAMAGO, José. op. cit., 2009, p. 129

manifestações do 25 de abril, o cartão de militante do PCP e telegrama de Santiago Carrillo (ex-dirigente do Partido Comunista Espanhol) parabenizando o pelo Prêmio Nobel.

Dessa forma, observa-se que Saramago ainda se reconhece com o Partido e com ser comunista, integrando parte de sua narrativa de si. João Céu e Silva destaca uma entrevista de José Saramago quando indagado sobre a carga ideológica de seus livros, responde:

também ela está nos meus livros, mas está de uma maneira natural, lógica e pacífica, e sobretudo não é intimativa. Nos meus livros, expressa-se um senhor que se chama José Saramago. E sendo ele quem é e pensando como pensa, é inevitável que ele passe para esses livros o que pensa, mas sempre com grande respeito pelo leitor, não tenciono converter ninguém (SARAMAGO, 2009, p.165).

Esse trecho também indica um tema recorrente de Saramago quando fala de seus livros: negar a tese da morte do autor<sup>50</sup>. Para Saramago ele (como pessoa, como autor) está no seu textos de ficção através, principalmente, de seu narrador. Dizia que desejava que o leitor sentisse que seus livros carregavam uma “pessoa” dentro, ou seja ele, o autor do romance:

se há uma subversão é a da aceitação muito consciente do papel do autor como pessoa, como sensibilidade, como inteligência, como lugar particular de reflexão, na sua própria cabeça. É o lugar do pensamento do autor, em livros que se propõem como romances que são, como ficções.

Quando eu digo que a subversão é essa, isso resulta dessa espécie de novo dogma que se instaurou nas últimas dezenas de anos, segundo o qual a presença do autor é incômoda; que aquilo que o autor é não tem que ser considerado no momento de analisar o livro e sobretudo porque se supõe que o autor terá todo o cuidado em não estar presente no livro. Ao contrário dessa concepção, eu sou aquele que faz o romance. E quero que isso se veja e se saiba. Foi isso que me levou a dizer já que provavelmente o leitor não lê o romance, o leitor lê o romancista; e que se não fosse ele querer saber quem é essa pessoa que escreve aquelas coisas, talvez o romance não valesse a pena, até porque, nas histórias que nós contamos, ninguém pode ter pretensões de originalidade. (SARAMAGO, 1998, p. 71)

E ainda:

---

<sup>50</sup> No século XX, ocorreu um importante debate sobre a questão da autoria, através dos formalistas e do estruturalismo. Nos anos de 1960, a “morte do autor”, como formulado por Roland Barthes, buscava privilegiar a linguagem. E Foucault, ao formular a função-autor, demonstrava que essa função não se tratava mais da pessoa física. Cf. BARTHES, Roland. A escrita do romance. In: BARTHES, Roland. O grau zero da escrita. Tradução Mario Laranjeira. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.)

é uma velha questão que alimento, que é negar a existência do narrador. Aqui há uns anos largos fui a uma universidade no Canadá onde havia um congresso de literatura comparada, um grande congresso [...] essas comunicações propunham tudo o que era possível imaginar, mas em nenhuma delas estava presente a palavra autor. Com essa ideia que vem de Jacques Derrida - de que o autor não tem importância nenhuma e que o texto é o que conta - esquecemos o autor. Falou-se muito naquela altura da morte do autor [...]. Foi também o caso de Roland Barthes ao afirmar que o autor morreu [...] quando digo que não há narrador, sou eu o responsável - eu autor, eu, eu pessoa, eu José Saramago - porque sou eu quem está a escrever. (SARAMAGO, 2009, p. 101)

Não entendemos essas declarações de Saramago como uma defesa do retorno ao entendimento dos textos literários através do “gênio criador do autor”, tão criticado desde o início do século passado pelos formalistas russos e depois pelo estruturalismo. Mas como uma reflexão sobre a função da escrita e a crença que ele é o mesmo, seja em seus textos literários, palestras e demais formas de intervenção. E nesse sentido, é uma afirmação política sobre a responsabilidade dos intelectuais. Isso se evidencia no trecho reproduzido a seguir, no qual Saramago comenta com Carlos Reis sobre o que deseja quando realiza uma conferência:

tenho sempre a preocupação de que não seja em vão que o escritor fulano (eu) passou por este ou por aquele sítio. Não quero dizer que isto aconteça ou que aconteça sempre; mas desejaria que as pessoas, depois de eu ter passado por lá para dizer aquilo que fui dizer, ficassem a pensar no que disse. **E como aquilo que vou lá levar são as minhas preocupações - que por sua vez aparecem nos meus livros -, no fundo verifico que só sei falar de mim; ou só sei falar daquilo que, de facto, é importante para mim como pessoa.** E isto não tem nada que ver com egoísmos ou com egocentrismos. Não: o que acho é que as questões que me preocupam são questões que, queiram as pessoas reconhecê-lo ou não, a todos preocupam. E assim, quando vou falar das minhas preocupações, vou acordar, se estão adormecidas, as preocupações dessas outras pessoas. (grifos nossos) (SARAMAGO, 1998, p. 34)

Nesse sentido, trazer as formulações de José Leite Jr. enriquecem a compreensão de como a defesa da não separação do autor e narrador representa a ação de um intelectual, e mais de um intelectual marxista. Para o pesquisador a negação de Saramago de um

narrador desvinculado de seu autor se sustenta no conceito marxista da singularidade do trabalho artístico. E que aceitar tal divisão seria admitir a alienação do trabalho<sup>51</sup>.

Leite indica que a declaração até pode parecer narcisismo do escritor, mas que a leitura de sua obra afasta a hipótese de um individualismo burguês através da reivindicação de subjetividade. Mas pelo contrário, “soa como um protesto de alguém que entende sua tarefa intelectual como um trabalho inalienável”<sup>52</sup>. Assim, Saramago suspende a cisão entre autor e obra ficam suspensas, uma vez que para ele o leitor lê o romancista e não a obra.

E nesse sentido, Leite procura compreender o sentido que sustenta a recusa de Saramago sobre o narrador. Para isso recorre a conotação de trabalho para o marxismo, visto que é recorrente encontrar declarações de Saramago que identificam sua atividade artística como trabalho. E indica que um importante ponto para a literatura marxista é a singularidade do trabalho artístico. Dessa forma, o autor não nega o narrador para chamar atenção para seu ego, mas para seu trabalho:

Para Saramago, o narrador e o autor sincretizam-se. Não é que ele recuse a existência de um narrador. O que ele não aceita é tirar o narrador do eixo paradigmático do autor, de sua singularidade artística, enfim. Para ele, não há como delegar o trabalho criativo, instaurador, pois isso seria também denegar a natureza do trabalho do qual emana a obra. Negar o trabalho do autor, assim entendido, implicaria atribuir à figura do narrador um valor de não-trabalho (LEITE JUNIOR, 2016, p. 23)

Dessa forma, vemos que Saramago não se separa de sua atividade artística, visto que como indicou Leite, negar o narrador significa negar a alienação de seu trabalho. Não se tratando então de uma declaração ingênuo ou egocêntrica do autor, mas entendendo que “narrar é um trabalho (singular, criativo, intelectual), então não interessa disfarçá-lo, mas ressaltá-lo”<sup>53</sup>.

---

<sup>51</sup> LEITE JÚNIOR, José. “O narrador recusado por Saramago”. In: *Estudos Semióticos*, v. 12, p.21-26, 2016.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 22.

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 25.

Compreendemos, então, que a escrita autobiográfica, as entrevistas, a ficção e demais formas de manifestações, evidenciam a atividade intelectual que José Saramago exerceu. E, nesse sentido, é possível pensar a relação entre o papel do intelectual exercido por Saramago e sua escrita autobiográfica e o lugar que Saramago reclama para si em sua ficção como uma forma de intervir socialmente, o que será realizado no próximo subcapítulo.

## **1.2 José Saramago e as configurações de intelectual do século XX**

A postura de intelectual engajado pode ser percebida em José Saramago em sua posição de sua figura pública, construída em através dos escritos de si e de sua obra, entrevista, discursos e palestras, bem como na sua obra ficcional. Saramago enquanto intelectual se posicionou ativamente em diversas questões e ações públicas, principalmente a partir do final da década de 1960 quando passou a contribuir para diversos jornais e revistas portuguesas, atuando em diversas funções como como editorialista, crítico literário e diretor-adjunto.

Para Saramago a literatura em si não tem poder de mudar o mundo<sup>54</sup>, mas sua obra literária é marcada por um engajamento, além de reclamar a sua presença nesta em nome da responsabilidade que tem como autor do texto. E esse engajamento não fez com que sua obra descambasse para o território do panfletarismo, pelo contrário visto que a crítica já reconheceu o valor literário junto ao aspecto político de sua obra. Respondendo sobre o teor de carga ideológica de seus livros, Saramago diz que o que ele é como pessoa e como

---

<sup>54</sup> Como pode ser visto no Programa Roda Viva de 13/10/2003 e que a crítica literária Leyla Perrone Moises chama atenção . [https://www.youtube.com/watch?v=k36uq02\\_fVY&t=2023s](https://www.youtube.com/watch?v=k36uq02_fVY&t=2023s).

pensa do ponto de vista ideológico, político e filosófico está em seus livros, como sugestão ao leitor, ou seja, procura não ser declaradamente ideológico em suas obras. Lembra, ainda, que esta foi a recomendação que Engels deu para uma jovem escritora que lhe pediu conselhos. Assim, para Saramago - e segundo este para Engels também - “a questão tem que estar lá, no poder de sugestão que a história tenha, que permita ao leitor ir mais além do que aquilo que parece estar dito, porque naquilo que está escrito há implícito uma quantidade de coisas”<sup>55</sup> a que o leitor é capaz de chegar sozinho.

Entende-se que a obra de Saramago pretende ser contestadora e combativa, sem deixar de lado seu estatuto literário e valor estético. A distinção adorniana entre engajamento - atitude e consciência - de tendenciosidade - ação prática pode ser importante para pensar Saramago. Para Adorno a arte engajada não deveria se apresentar explicitamente, para manter o efeito estético da obra de arte.

Teoricamente ter-se-ia que distinguir engajamento de tendencionismo. A arte engajada no seu sentido conciso não intenta instituir medidas, atos legislativos, cerimônias práticas, como antigas obras tendenciosas contra a sífilis, o duelo, o parágrafo do aborto, ou as casas de educação correcional, mas esforça-se por uma atitude: Sartre, por exemplo, pela decisão, como condição de existir frente à neutralidade espectral. A inovação artística do engajamento, porém, frente ao veredicto tendencioso, torna o conteúdo em favor do qual o artista se engaja, plurissignificativo, ambíguo. (ADORNO, 1973, p. 54)

A autonomia pura, por outro lado, também é criticada por Adorno. Sua análise indica que o valor das obras artísticas não são simplesmente o que foi inculcado de espiritual, mas o que elas podem proporcionar para o avanço intelectual, político e cultural da sociedade, isto é, que possam fomentar uma visão crítica, na qual “obriga o espírito a tomar um rumo em que ele não precise se acanhar”<sup>56</sup>. Assim, para Adorno as obras de

---

<sup>55</sup> SARAMAGO, José. op. cit., 2009, p. 53.

<sup>56</sup> ADORNO, Theodor. “Engagement”. In: ADORNO, Theodor. *Notas de literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973, p. 51-72.

artes não precisam se privar do papel de conscientização política, pelo contrário devem envolver-se com a formação do sujeito crítico.

Teresa Cerdeira falou da indissociabilidade entre o homem, o escritor e cidadão que Saramago representou. Cerdeira fala que Saramago refletiu sobre importantes questões de seu tempo e que representou uma “voz atenta, questionadora, insatisfeita, aos violentos impasses da história”<sup>57</sup>. Assim, José Saramago, exercendo sua função intelectual, agiu de maneira atuante na defesa das causas que acredita, seja em sua obra literária, sua escrita autobiográfica, em discursos, entrevistas, artigos e ensaios para jornais e revistas.

Esta dissertação defende que José Saramago assumiu uma postura questionadora, recusando uma neutralidade intelectual, visto que para ele, os intelectuais devem usar a inteligência “de uma maneira que lhes é própria, também necessariamente ligada a uns tantos valores de ideologia que é seu primeiro dever analisar e pôr em causa”<sup>58</sup>.

Em texto intitulado “Prelúdio e Marcha” e datado de 25 de abril de 1981, ou seja, no aniversário de 7 anos da Revolução dos Cravos, Saramago analisa o papel dos intelectuais. Nesse texto, Saramago se incluiu no que ele chamou de classes dos intelectuais, defendendo que esta classe pode ser entendida num sentido bastante amplo, através da definição dicionarista, como aqueles “os cultores das coisas da inteligência.”, mas também pode ser considerada em um sentido mais restrito, como os criadores culturais, entre eles músicos, escritores, escritores.

Preferindo o sentido restrito, argumenta que os intelectuais desejam ser a palavra de todos os que a não articulam própria. Considera que pode representar uma “presunção

---

<sup>57</sup> CERDEIRA, Teresa. “José Saramago: o homem, o escritor, o cidadão: indissociáveis”. IN: Anais do XXIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP), São Luís: UFMA, 2012. p. 1

<sup>58</sup> SARAMAGO, José. “Prelúdio e marcha”. In: *Folhas políticas*. 1999, p. 17. Disponível em: [http://www.projeto.camisetafeitadepet.com.br/imagens/banco\\_imagem\\_livros/129\\_livro\\_site.pdf](http://www.projeto.camisetafeitadepet.com.br/imagens/banco_imagem_livros/129_livro_site.pdf)

exagerada, mas à conta dela se criaram obras grandes, e quando foram pequenas não foram inúteis”<sup>59</sup>. Saramago conclui “Prelúdio e Marcha” afirmando que mesmo quando a situação política não é animadora para os intelectuais, estes devem continuar, pelo menos, a traçar linhas de pautas importantes para o avanço da sociedade.

Para nossa questão da atuação de Saramago como intelectual vale retomar a questão do intelectual, principalmente o contemporâneo. Durante o século XX muitos trabalhos e pesquisas se dedicaram a história dos intelectuais. Percorrendo diversos caminhos e apresentando tendências variadas, tanto no que se refere à definição, natureza e funções desempenhadas pelos intelectuais. Dessa forma, muitos pensadores procuraram responder a pergunta: quem são os intelectuais? Existe respostas mais amplas e outras mais restritivas sobre o conceito de intelectual.

O contexto de surgimento do conceito moderno de intelectual se deu com o caso Dreyfuss, através do artigo *J'accuse*, de Zola que denunciou os abusos e o antisemitismo do processo. Vale assinalar que apoiando o artigo, um manifesto - o Manifesto dos Intelectuais - fundamentado no direito institucional de petição foi assinado por um número significativo de escritores, artistas, professores universitários, que propunha exprimir através desse ato coletivo, um protesto político. De acordo com Helenice Rodrigues, os seus assinantes pediam revisão do processo Dreyfus, remetendo a exigência de reatar os princípios da Revolução francesa<sup>60</sup>. Segundo a autora, os “intelectuais” defendiam os valores universais de verdade e de justiça.

Baseando-se nos estudos do historiador Christopher Charle, Rodrigues destaca três particularidades desse manifesto. A primeira particularidade trata de reivindicar o direito

---

<sup>59</sup> SARAMAGO, José. “Dos intelectuais desanimados”. In: *Ibid.*, p. 100.

<sup>60</sup> RODRIGUES, Helenice. “O intelectual no ‘campo’ cultural francês”. In: *Varia História*, Belo Horizonte, vol.21,n.34, 2005, p.395-413.



ao escândalo, a segunda reforça o direito de se agrupar para dar mais força ao protesto. E a última, autoriza o direito de reivindicar um poder simbólico, através do somatório de títulos que a maior parte dos assinantes mencionava ao lado do seu nome.

A partir do caso-Dreyfus, a palavra “intelectual” foi inserida no vocabulário francês e utilizada para referir-se àquele que assume uma posição política e ideológica e que intervém em assuntos públicos. E não apenas para qualificar a condição profissional do sujeito que trabalha com o intelecto.

Para Norberto Bobbio a definição de intelectual é ampla, seja pela heterogeneidade de opiniões, de posicionamentos políticos, de atividades profissionais, e por existirem em todas as sociedades. Os intelectuais são aqueles que refletem sobre as coisas, são *men of ideas*. Por isso, qualquer generalização no que diz respeito ao seu estudo estaria fadada ao erro<sup>61</sup>.

O livro *Os Intelectuais e o poder - dúvidas e opções dos homens da cultura na sociedade contemporânea* reúne artigos e seminários proferidos por Bobbio ao longo das décadas de 1950, 1960, 1970, 1980 e 1990. Representando, então, uma importante publicação para quem se dedica ao tema dos intelectuais. Assim, mesmo que as formulações realizadas por Bobbio não sejam a que melhor representam a postura intelectual de Saramago, é importante para termos um panorama, mesmo que breve, que evidencie a diversidade dos estudos sobre os intelectuais.

O cientista político italiano realiza um diálogo com importantes teóricos que se dedicaram ao estudos dos intelectuais. No artigos “Os Intelectuais e o Poder” e “Intelectuais” datados de 1977 e 1978, respectivamente, Bobbio realiza uma análise do

---

<sup>61</sup> BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens da cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

conceito de intelectual mostrando sua heterogeneidade. O autor aponta a existência de uma grande quantidade de estudos sobre os intelectuais e manifesta o distanciamento e aproximação de seu pensamento sobre os mesmos.

O autor coloca-se contra a ideia da decadência intelectual e seu desaparecimento, e contra as abordagens que classificam os intelectuais de maneira homogênea. Esses erros decorrem de uma análise restritiva sobre a origem histórica dos intelectuais. Bobbio se opõe a ideia de que a categoria dos intelectuais tivesse surgido no final do século XIX com o caso Dreyfus. Para ele difundiu-se o uso da palavra, passou-se a chamar de intelectual aqueles que em outros tempos foram denominados de sábios, doutos, *philosophes*, literatos, escritores, sacerdotes e clérigos.

Dessa forma, embora com nomes diversos, os intelectuais sempre existiram, uma vez que sempre existiu o poder ideológico, ao lado dos poderes econômico e político. O poder ideológico se exerce sobre as mentes pela produção e transmissão de ideias, de ensinamentos práticos e visões de mundo através do uso da palavra. Bobbio, ainda, defende que nas democracias modernas, que são sociedades pluralistas, o poder ideológico encontra-se fragmentado, atuando nas mais diversas direções, algumas vezes contrastantes entre si. O desaparecimento dos intelectuais, portanto, é improvável, uma vez que fechado um canal através do qual passa um fluxo do poder ideológico, outro é aberto.

Outro motivo para a confusão das análises, segundo Bobbio a mais grave, é a incapacidade de distinguir, no discurso sobre os intelectuais, o plano do ser do plano do dever ser, ou seja passa de uma postura descritiva para uma prescritiva. Assim, uma coisa é formular quando é correto utilizar o termo intelectual, outra é acrescentar qual deve ser a sua função na sociedade. Bobbio indaga se só porque um intelectual não tomou a postura segundo o nosso modelo ideal de intelectual ele deixou de sê-lo? Nesse sentido, fala de

Sartre como o melhor exemplo desta confusão, uma vez que o filósofo francês estabelece uma distinção entre "verdadeiros" e "falsos" intelectuais. Falsos são os que desempenham uma função para que Sartre julga como negativa.

Depois de indicar as principais críticas realizadas por Bobbio, é importante compreender quem seriam os intelectuais para ele. O autor define o intelectual como aquele que não “faz as coisas, mas reflete sobre as coisas, que não maneja objetos, mas símbolos, alguém cujos instrumentos de trabalho não são máquinas, mas ideais”<sup>62</sup>. Assim, o intelectual desenvolve um trabalho não-manual, o intelectual é o homem da cultura.

Expostas estas considerações, Bobbio defende uma posição “independente” dos intelectuais, isso significa que esses devem estar presentes e participantes em sua função crítica, em uma efetiva participação e fomentação de debates críticos. Esse intelectual independente reclama uma separação do engajamento intelectual do engajamento político. Dessa forma, Bobbio emprega o conceito de uma forma neutra:

Parece supérfluo advertir que para uma justa colocação do problema é oportuno acolher o termo no seu uso mais neutro, independente de qualquer juízo de valor, tanto mais que a história do problema está constelada de juízos éticos e políticos contrastantes no que diz respeito a esse ou aquele grupo de intelectuais de parte de seus - sempre iminentes - confrères. (BOBBIO, 1997, p. 116).

Defendendo uma definição mais neutra, Bobbio distingue dois tipos de intelectuais: os “ideólogos” e os “expertos”. Segundo ele, uma diferenciação objetiva e que se remete aos “tipos ideais” weberianos. O critério de diferenciação entre estes tipos seria “a diversa tarefa que desempenhas como criadores ou como transmissores de idéias ou conhecimento politicamente relevantes, é a diversa função que eles são chamados a desempenhar no contexto político”<sup>63</sup>.

---

<sup>62</sup> BOBBIO, Norberto. “Intelectuais e poder”. In: *Ibid.*, p. 68.

<sup>63</sup> *Ibid.*, p. 72.

Dessa forma, a categoria dos ideólogos corresponde aos humanistas, historiadores, literatos, filósofos, aqueles que fornecem “princípios-guia”, ou seja, os “valores”, as “concepções de mundo”, as ideias gerais sobre os objetivos perseguidos. E a dos expertos representa os técnicos, os cientistas, aqueles que fornecem os “conhecimentos-meio”, conhecimentos que são específicos e técnicos. Os expertos indicam os conhecimentos mais adequados para o alcance de determinado fim<sup>64</sup>.

Uma outra visão importante na historiografia sobre o tema dos intelectuais é a de Jean-Paul Sartre. Para este os intelectuais constituem uma categoria restrita, visto que ela é moderna e revolucionária. Segundo o filósofo francês os intelectuais são recrutados entre os técnicos de saber prático, ou seja surgem com a burguesia em decorrência da divisão de trabalho no sistema capitalista. Os intelectuais não os técnicos de saber prático que organizam a produção e a cultura, mas sim aqueles que extrapolam essas funções, entrando em contradição com essa.

Segundo Sartre o intelectual surge em uma situação histórica específica e possuem uma característica revolucionária. Sartre nas três conferências, de 1965, que compõem a obra *Em defesa dos intelectuais* definiu quem são os intelectuais e as funções que possuem. Como o próprio título sugere, Sartre defendeu os intelectuais de críticas recorrentes da época, onde os conservadores observavam defeitos, Sartre considerava a virtude e importâncias dos intelectuais. Assim, é a partir das críticas que Sartre define seu conceito de intelectual.

---

<sup>64</sup> Bobbio, ainda, alerta para uma possível associação entre o ideólogo e o intelectual tradicional e o experto com o intelectual orgânico, categorias propostas por Antonio Gramsci, seria incorreto, uma vez que seus critérios de distinção são diferentes. Segundo Bobbio, o de Gramsci baseia-se na “dependência ou a independência com respeito às classes sociais em luta pelo predomínio, nem é a diversa formação ou competência” enquanto o seu na diversa função que desempenham no contexto político.

Para Sartre, o sentido comum das críticas conservadoras, é o fato delas representarem uma censura, o intelectual é caracterizado como aquele que se intromete “*no que não é de sua conta* e que pretende contestar o conjunto das verdades recebidas, e das condutas que nelas se inspiram, em nome de uma concepção global do homem e da sociedade”<sup>65</sup> (grifos do autor). O próprio surgimento dos intelectuais em sua concepção moderna, o emprego do termo “intelectual” possuía um sentido negativo.

No caso Dreyfus, o uso negativo da palavra intelectual se popularizou em França, para os que defendiam a condenação do oficial Dreyfus, os seus defensores, ou seja os intelectuais, eram vistos como pessoas que abusavam da notoriedade que possuíam, devido ao trabalho que realizavam. E, assim, saíam de seus domínios para criticar a sociedade e os poderes estabelecidos em nome de uma concepção global do homem

Sartre então expõe um esquema que explicita a imagem do intelectual. Indica que não chama de intelectuais, por exemplo, os cientistas que trabalham para fissão do átomo para aperfeiçoar a bomba atômica. Porém, se esses mesmos cientistas se reunirem publicamente para advertir a opinião pública contra o uso da bomba atômica, tornam-se intelectuais.

Nesse sentido, os intelectuais são recrutadores entre os técnicos do saber prático, somente entre eles, categoria social surgida na sociedade capitalista a partir da divisão do trabalho e se tornam intelectual quando extrapolam suas funções. O intelectual surge, então, dentro da classe burguesa, mais especificamente entre a pequena burguesia. Os intelectuais são de uma época em que o discurso de universalidade da burguesia, se tornou ideologia. Assim, apesar de pertencer a burguesia, tem que se colocar contra o humanismo burguês, reconhecendo que a universalidade ainda está por fazer. Assumindo uma posição

---

<sup>65</sup> SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Editora Ática, 1994, p. 14-15.

contraditória, pois não pertence às classes oprimidas e passa a ser rejeitado por sua classe social.

Para Sartre as classes oprimidas não podem criar seus próprios intelectuais, só se tornando possível após a revolução social, distanciando do conceito de intelectual orgânico de Gramsci<sup>66</sup>. O intelectual oriundo dos técnicos do saber prático deve assumir o ponto de vista das classes oprimidas, mas isso não significa que resolveu sua contradição. A ação do intelectual deve ser associada à das classes exploradas, pois é no nível de consciência de classe que ele pode servir ao povo, visto que este precisa conhecer o mundo para poder mudá-lo:

embora o intelectual nunca possa ser originalmente *situado* nessas classes, é bom ter tomado consciência de seu *ser-situado*, mesmo a título de membro das classes médias. E não se trata de recusar sua situação, mas de utilizar a experiência que dela tem para *situar* as classes trabalhadoras; ao mesmo tempo, suas técnicas do saber universal permitem que ele esclareça para essas mesmas classes seu esforço no sentido da universalização. Nesse nível, a contradição que o intelectual produz permite-lhe tratar a singularidade histórica do proletariado por métodos universais (métodos históricos, análises de estruturas, dialética) e captar o esforço de universalização em sua particularidade (enquanto procede de uma história singular que a conserva na medida mesmo em que exige a *encarnação* da revolução). É ao aplicar o método dialético, ao se apropriar do particular através de exigências universais e ao reduzir o universal a um movimento de singularidade no sentido da universalização, que o intelectual, definido como *tomada de consciência de sua contradição* constitutiva, pode ajudar na constituição da tomada de consciência proletária. (SARTRE, 1994, p. 46-47)

Rejeita, ainda, a possibilidade de existir intelectuais conservadores, chamando-os de “falsos intelectuais”. Estes são suscitados pela classe dominante para defender sua ideologia através de argumentos falsamente rigorosos. Também são originados entre os técnicos do saber prático, só que assumem argumentos reformistas, acusando os verdadeiros intelectuais de radicalismo. Para Sartre, o radicalismo e o empreendimento

---

<sup>66</sup> Sartre considera os *philophes* do século XVIII como os intelectuais orgânicos, porque foram formados no campo da burguesia numa época que ela reclamava por uma universalidade, tomando-se como classe universal. Assim, sua ideologia parecia surgir espontaneamente dos princípios gerais da pesquisa científica. Enquanto o intelectual moderno é um homem-contradição.

intelectuais são sinônimos e que para uma mudança social é necessário contestar os próprios princípios das classes dominantes, do contrário ocorre uma subserviência disfarçada de contestação.

Nesse sentido, para os fins da pesquisa, faz-se fundamental refletir sobre outros estudos que analisaram o papel dos intelectuais para a transformação social. Entre os quais se destacam a análise de Gramsci sobre a função do intelectual, que é organizativa. Gramsci divide dois tipos de intelectuais: o intelectual tradicional, “ligado a instituições herdadas e não criadas pelo capitalismo, por exemplo a Igreja e o sistema escolar”<sup>67</sup>, e o intelectual orgânico, “ligado a instituições criadas pelas classes fundamentais do capitalismo, o proletariado e a burguesia”<sup>68</sup>.

Na obra *Os intelectuais e a organização da cultura*<sup>69</sup>, Gramsci salienta que todos os homens são intelectuais, mesmo que nem todos assumam na sociedade essa função. Gramsci aponta que não é o fato de exercer uma atividade não manual que indica que as pessoas exerçam a função de intelectuais, tendo em vista que não existe atividade humana se não houver a atividade intelectual, uma vez que “não se pode separar o homo *faber* do homo *sapiens*”<sup>70</sup>:

Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um "filósofo", um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar (GRAMSCI, 1982, p. 7-8)

Porém, ainda que todos os homens sejam intelectuais visto que refletem e organizam suas ideias para agir nas mais diversas atividades, nem todos os homens

---

<sup>67</sup> KONDER, Leandro. *Em torno de Marx*, São Paulo: Boitempo Editorial, 2010, p 109.

<sup>68</sup> Idem.

<sup>69</sup> GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

<sup>70</sup> Ibid., p. 7.

exercem a função de intelectuais na sociedade<sup>71</sup>. Para a construção do seu argumento da função do intelectual, Gramsci indica que em qualquer situação e grupo, a organização é fundamental para conseguir alcançar determinada situação em que a sua concepção de mundo se torne hegemônica.

Os intelectuais possuem uma função que os torna necessários no uso das representações ideológicas. Para Gramsci, então, a principal função dos intelectuais é a de produzir e organizar um conjunto de indicações gerais e instruções que se deve proceder em conformidade ao contexto que estão inseridos. Leandro Konder alerta que Gramsci emprega o conceito de ideologia mais de acordo com Lênin do que com Marx. Para Marx, a ideologia é sempre negativa e atua na distorção do conhecimento:

Em Gramsci e em Lênin, a ideologia é tendencialmente maléfica, porém pode, em situações excepcionais, ter um desempenho histórico progressista. Pode-se observar esse fenômeno em movimentos populares, em cuja consciência – mesmo com as distorções ideológicas – existe abertura para o real e disposição de transformá-lo. (KONDER, 2010, p. 109)

Edward Said, em *Representações do intelectual*, fórmula que o intelectual é aquele que “empenha todo o seu ser no senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichês pronto”<sup>72</sup> originados das justificativas dos poderosos, ou seja, o intelectual é uma perturbador do *status quo*. Para a elaboração da sua concepção, Said parte da comparação das formulações de Julien Benda e Antonio Gramsci, uma vez que os entende como extremos opostos.

Indica que para Benda, em seu livro *La trahison des clercs*, os intelectuais são representados como um grupo minúsculos reis-filósofos “com grande sentido moral, que

---

<sup>71</sup> Da mesma forma que todos em algum momento da vida podemos fritar um ovo ou pregar um botão que caiu do casaco, nem todos serão considerados cozinheiros ou alfaiates.

<sup>72</sup> SAID, Edward. *Representações do intelectual: As conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.



constituem a consciência da humanidade<sup>73</sup> daí o termo religioso utilizado no título da obra<sup>74</sup>. Exemplos de intelectuais para Benda são Sócrates, Espinosa, Voltaire e Jesus, e de acordo com a definição de Benda eles não podem ser numerosos porque:

Têm de ser indivíduos completos, dotados de personalidade poderosa e, sobretudo, têm de estar num estado de quase permanente oposição ao status quo. Por todas essas razões, os intelectuais de Benda formam inevitavelmente um grupo pequeno e altamente visível de homens - ele nunca inclui mulheres -, cujas vozes tonantes e imprecações indelicadas são vociferadas das alturas à humanidade. (SAID, 2005, p.22)

Enquanto que para Gramsci todos os homens são intelectuais mesmo que não exerçam essa função na sociedade. Para Said, a análise social realizada por Gramsci está mais próxima da realidade do que a de Benda. Mas Said se preocupa com o desaparecimento da imagem do intelectual e que ele possa se tornar apenas mais um profissional ou figura em uma tendência social.

Said defende que o intelectual é um indivíduo com um papel público na sociedade, não podendo ser entendido simplesmente como um profissional descaracterizado ou um membro competente de uma classe, que se preocupa apenas com seus interesses. Nesse sentido, o ponto crucial para Said é que o intelectual aparece como uma pessoa capaz de representar um público:

E esse papel encerra uma agudeza, pois não pode ser desempenhado sem a consciência de ser alguém cuja função é levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do que produzi-los); isto é, alguém que não pode ser facilmente cooptado por governos ou corporações, e cuja *raison d'être* é representar todas as pessoas e todos os problemas que são esquecidos ou varridos para debaixo do tapete. (SAID, 2005, p. 26)

Através desse debate enxergamos José Saramago como alguém que imprimiu em suas ações um empreendimento contra as injustiças e desigualdades sociais. Como pode se

---

<sup>73</sup> Ibid., p.20

<sup>74</sup> Para Said a concepção de Benda não endossa noção de que os intelectuais devam ser completamente alheios a esse mundo, refugiados em suas torre de marfim.

notar na atuação dele nos jornais *Diário de Lisboa* e *Diário de Notícias*. Destaca-se, então, análise do biógrafo Fernando Lopes sobre esse período. O autor indica que exercendo a função de editorialista do jornal oposicionista *Diário de Lisboa*, Saramago escreveu contra a censura e cerceamento das liberdades democráticas, versando sobre temas sensíveis da realidade política portuguesa e internacional. Classifica sua postura como uma importante intervenção cívica “em prol da transformação política, social e econômica de um país ainda cerceado pelo fascismo”<sup>75</sup>, além de uma conformidade com o ideário comunista. Apesar desses editoriais terem sido publicados de forma anônima, Saramago reuniu a maioria deles e publicou em 1974 em forma de livro, com o título *As opiniões que o DL teve*.

Comenta também que Saramago realizou um jornalismo comprometido com a sociedade e com sua transformação quando se tornou diretor-adjunto do *Diário de Lisboa*, em 1975. Saramago ficou responsável pelos editoriais do importante jornal português no momento em que Portugal passava por uma revolução.

A noção de compromisso assumida por Saramago foi analisada por pesquisadores, como Teresa Cerdeira e Denise Lima, que destacam que esse compromisso é manifestado de forma dupla, a primeira através de sua figura pública e a outra através de sua literatura. Para Cerdeira, falar de escritores como Saramago é necessariamente falar da escrita como compromisso com a história e com a própria escrita. Uma vez que um escritor sempre fala de seu tempo e de seu trabalho.

Nesse sentido vale a pena destacar a leitura de Saramago de todo romance ser histórico, uma vez que fala do tempo presente. Saramago analisando as semelhanças e diferenças entre a história e literatura, indica que a definição de história formulada por Fernand Braudel: “A História não é outra coisa que uma constante interrogação dos tempos

---

<sup>75</sup> LOPES, João. *op. cit.*, 2010, p. 65.

passados, em nome dos problemas, das curiosidades, e também das inquietações e angústias com que nos rodeia e cerca o tempo presente<sup>76</sup> também se aplica a sua literatura, e que é por isso que recusa o título de romancista histórico:

Direi igualmente que o «romance histórico», também ele, «não é outra coisa que uma constante interrogação dos tempos passados, em nome dos problemas, das curiosidades, e também das inquietações e angústias de que nos rodeia e cerca o tempo presente». Assim sendo, História e Romance seriam tão-somente expressões da mesma inquietação dos homens, os quais, como múltiplos Janos bifrontes, voltados a uma e a outra parte, e do mesmo modo que tentam desvendar o oculto rosto do Futuro, teimam em procurar, na impalpável névoa do Tempo, um Passado que constantemente se lhes escapa e que hoje, talvez mais do que nunca, queriam integrar no Presente que ainda são. Benedetto Croce escreveu um dia: «Toda a História é história contemporânea». É também à luz destas palavras reveladoras que tenho vindo a realizar o meu trabalho de escritor, embora esteja pronto a reconhecer que o Mestre merecia um aluno mais capaz e que a lição teria o direito de esperar frutos mais saborosos. (SARAMAGO, 2009, s/p)

Assim, Saramago indica que é em nome das angústias, problemas, curiosidades do tempo presente que ele realiza seu trabalho de escritor, evidenciando essa noção de compromisso expressa por Cerdeira. Uma vez que para a pesquisadora esse compromisso se expressa quando Saramago fala de seu tempo “mesmo quando escolhe, por opção voluntária um outro tempo<sup>77</sup>”.

Concordamos com Lima quando ela conclui que o leitor de Saramago pode reconhecer nos diários a mesma tendência política que existe na sua obra ficcional, adicionamos ainda as inúmeras entrevistas, palestras, discursos que o autor realizou. Para a pesquisadora a razão para isso residiria no fato de que Saramago tomou para si o propósito, o que desejava que fosse o de todos os escritores, da escrita como compromisso. Em seu diário de 1993, Saramago transcreve o discurso que preparou para o Parlamento Internacional dos Escritores:

que este [...] se considere reunido em sessão permanente, isto é, que o facto da sua existência sirva para estimular uma participação quotidiana e efectiva dos

---

<sup>76</sup> BRAUDEL, Fernand. *apud* SARAMAGO, José. “Contar a vida de todos e de cada um”, 2009. Disponível em: <https://www.josesaramago.org/contar-a-vida-de-todos-e-de-cada-um/>

<sup>77</sup> CERDEIRA, Teresa. *op. cit.*, 2012, p. 2

escritores na sociedade, ao mesmo tempo que vá recebendo alimento e substância dessa mesma participação. O bom Parlamento não é aquele em que se fala, mas aquele em que se ouve. Os gritos do mundo chegaram enfim aos ouvidos dos escritores. Vivemos os derradeiros dias daquilo que, no nosso tempo, se chamou “compromisso pessoal exclusivo com a escrita”, tão querido a alguns, mas que, como opção de vida e de comportamento, é, essencialmente, tão monstruoso quanto já sabemos que é o compromisso pessoal exclusivo com o dinheiro e o poder... (SARAMAGO *apud* LIMA, 2017, p. 302)

Como já apontado no primeiro tópico no capítulo, Saramago reclama seu lugar em sua obra ficcional, retomamos o tema para aprofundar a ideia de compromisso defendida pelo escritor. A maturação da ideia que todo texto carrega o seu autor no seu interior e a noção de responsabilidade da escrita para Saramago encontra-se a em seu artigo “O autor como narrador”. Nesse Saramago, critica a separação entre as figuras do autor e do narrador, sugerindo que ao aceitar essa distinção o escritor abdica da responsabilidade do escreveu. O ponto central do argumento como pode ser notado no próprio título do artigo consiste em uma crítica das teorias em separar o narrador de seu autor, condenando este último a um papel de secundariedade da compreensão da obra.

Não é a intenção aprofundar na discussão sobre o lugar do narrador para na Teoria Literário, mas sim pensar como esse argumento defendido por Saramago se relaciona com seu engajamento intelectual. Saramago demonstra uma preocupação com o fato de o escritor abrir mão de sua responsabilidade sobre o que escreve significar um distanciamento entre a arte e os problemas sociais. Nesse sentido, destaca-se esse trecho:

E também me pergunto se a resignação ou indiferença com que os autores de hoje parecem aceitar a usurpação, pelo narrador, da matéria, da circunstância e do espaço narrativos que antes lhe eram pessoal e inapelavelmente imputados, não será, no fim de contas, a expressão mais ou menos consciente de um certo grau de abdicção, e não apenas literária, das suas responsabilidades próprias. (SARAMAGO, 1998b, p.26)

Sartre no livro *Que é a literatura* também reflete sobre a responsabilidade dos escritores. Para Sartre, o escritor deve desvendar o real, pois ao realizar isso ele está agindo sobre o real, “não depende de nós termos talento, mas, como escolhemos o ofício de escrever, cada um de nós é responsável pela literatura e depende de nós que ela caia ou não na alienação”<sup>78</sup>.

Assim, Saramago enquanto autor mantém um olhar crítico sobre a sociedade, apontando as mazelas sociais. Por exemplo, em seu livro publicado em 1980, *Levantado do chão*, observa-se o crescimento paulatino e efetivo de uma consciência de classe capaz de transformar a realidade. O romance culmina com a Revolução Agrária de 1975 em Portugal, narrando a conquista dos camponeses que, juntos, lutaram contra a exploração daqueles dos latifundiários, o Estado e a igreja. No livro encontra-se a epígrafe de Almeida Garrett:

E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infância, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para fazer um rico? (SARAMAGO, 2013c, s/n)

Exposto o breve enredo e a epígrafe de *Levantado do chão*, lembrar que Saramago declarou no programa Roda Vida, em 2003, não acreditar no papel da literatura para a transformação do mundo se mostra ainda mais surpreendente. Neste romance, encontramos um discurso que reitera uma crítica à opressão de classes, consoante com a

---

<sup>78</sup> SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?*. São Paulo: Editora Ática, 1993, p. 194.

postura de um intelectual marxista, que expõe a violência de uma sociedade desigual<sup>79</sup>.

Visto que endossa um entendimento que a literatura foi uma forma de militância de Saramago.

Essa postura de inconformismo, característica de um intelectual se retomarmos o argumento de Said, visto que o intelectual é aquele que “questiona as normas vigentes; e isso porque precisamente as normas dominantes estão [...] ligadas à nação, e esta é sempre triunfalista, está sempre numa posição de autoridade, sempre exigindo lealdade e subserviência em vez de investigação”<sup>80</sup>.

Ao lado da crítica social, Saramago quando fala de suas origens e de trajetória pessoal e literária indica uma importante relação entre a vida e a obra, na qual percebemos que a experiência possui dimensão significativa em sua obra, sem deixar de reconhecer a “ilusão” que esse tipo de formulação pode fornecer. Como vemos no discurso do Nobel (1998), ao comentar sobre seus avós e sua obra literária:

Vieram depois os homens e as mulheres de Alentejo, aquela mesma irmandade de condenados da terra a que pertenceram o meu avô Jerónimo e minha avó Josefa, camponeses rudes obrigados a alugar a força de trabalho que só mereciam o nome de infames, cobrando por menos que nada a vida a que os seres cultos e civilizados que nos prezamos de ser apreciamos chamar, segundo as ocasiões, preciosa, sagrada ou sublime. Gente popular que conheci, enganada por uma Igreja tão cúmplice como beneficiária do poder do Estado e dos terra-tenentes latifundistas, gente permanentemente vigiada pela polícia, gente, quantas e quantas vezes, vítima inocente das arbitrariedades de uma justiça falsa. Três gerações de uma família de camponeses, os Mau-Tempo, desde o começo do século até a Revolução de Abril de 1974 que derrubou a ditadura, passam nesse romance a que dei o título de *Levantado do Chão*, e foi com tais homens e mulheres do chão levantados, pessoas reais primeiro, figuras de ficção depois, que aprendi a ser paciente, a confiar e a entregar-me ao tempo, a esse tempo que simultaneamente nos vai construindo e destruindo para de novo nos construir e outra vez nos destruir. (SARAMAGO, 2013 ,p.77)

---

<sup>79</sup> Para José Leite Jr. a literatura de Saramago reitera temas e figuras que confirmam suas adesão ideológica às classes oprimidas, em sua missão histórica de emancipação, pressupondo uma concepção histórica segundo a axiologia da luta de classes. Para mostrar como constante na obra, Leite escolheu três livros, O ano de 1993 (1975), Memorial do Convento (1982) e Ensaio sobre a Cegueira (1995). Além de *Levantado do chão* (1980) para fins introdutórios. cf. LEITE JUNIOR, José. “Violência e Resistência no discurso de Saramago: anotações semióticas”. In: *Revista Dialectus*, n. 7, 2015, p. 94-103.

<sup>80</sup> SAID, Edward. op. cit. p. 47

Em seus *Diários* e no blog, Saramago opinou sobre os mais variados temas, como a União Europeia, as eleições de Obama, o aquecimento global, o conflito entre judeus e palestinos, para citar apenas alguns exemplos. No trecho a seguir, o tom de ironia que Saramago comenta a espionagem realizada pelos Estados Unidos:

Por coincidência, foi hoje a notícia que o cão prometido por Obama às filhas será precisamente um cão-d'água português. Trata-se, sem dúvida, de um importante triunfo diplomático de que Portugal deverá tirar o máximo partido para bem das relações bilaterais com os Estados Unidos, subitamente facilitadas graças à presença de um nosso representante directo, diria mesmo embaixador na Casa Branca. Novos tempos se avizinham. Tenho a certeza de que se Pilar e eu formos aos Estados Unidos, a política de fronteiras já não sequestrará os nossos computadores para lhes copiar os discos duros. (SARAMAGO, 2009c, p. 203)

Umberto Eco escreveu o prefácio para a edição italiano de *O caderno*, livro que reuniu as postagens do blog de Saramago. Indica que, nestes, Saramago se “mete um pouco com toda a gente, atraindo sobre sua pessoa polémicas e excomunhões vindas de muitos lados”<sup>81</sup>. Eco caracteriza Saramago como um “blogger zangado”:

E este escritor fantasioso e metafórico vem dizer-nos despreocupadamente que Bush é de "uma ignorância abissal, e uma expressão verbal confusa perenemente atraída pela irresistível tentação do puro despropósito", cowboy que confundiu o mundo com uma manada de vacas, que não sabemos sequer se pensa (no sentido nobre da palavra), robot mal programado que constantemente mistura mensagens que tem registadas lá dentro, mentiroso compulsivo, corifeu de todos os outros mentirosos que o aplaudiram e serviram nos últimos anos? [...] E, militante comunista (ainda tenazmente), põe-se a gritar que "a esquerda não tem uma puta ideia do mundo em que vive", e ainda por cima se queixa de não ter tido resposta (sei lá, uma expulsão, uma excomunhão ao menos)? (ECO, 2009, s/p)

Esta declaração de Eco vai ao encontro das definições de Sartre sobre o papel do intelectual, Sartre defende exatamente a característica do intelectual meter-se “onde não é

---

<sup>81</sup> ECO, Umberto, Um ‘blogger’ chamado Saramago. *Diário de Notícias*, Lisboa, 07 de outubro de 2009, disponível em: <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/interior/um-blogger-chamado-saramago-1382926.html>

chamado”. O intelectual envolve-se em questões suscitadas em seu tempo, visto que sua função primordial é a crítica, objetivando questionar o que se apresenta como consolidado.

Denise Lima elege a reflexão da história e a política de Portugal e da Europa como um dos temas recorrentes que Saramago aborda em seus *Cadernos de Lanzarote*. Assim, chama a atenção de que é através da perspectiva de cidadão português que Saramago comenta sobre a política da União Europeia, além de uma visão anticapitalista. Para Saramago, esse acordo econômico constituía uma tentativa de hegemonia dos países ricos sobre os pobres, com possível comprometimento inclusive de sua cultura. A pesquisadora destaca o trecho datado de 22 de junho de 1993 dos *Cadernos de Lanzarote I* para exemplificar o descrédito que o escritor português tinha da União Europeia:

Como é que se pode, por exemplo, acreditar na boa-fé de Delors<sup>82</sup>, que agora, na cimeira de Copenhague, se saiu com um apelo à solidariedade dos povos europeus para a resolução do problema do desemprego? Foi a falta de solidariedade que fez na Europa 18 milhões de desempregados, ou são eles tão-somente o efeito mais visível da crise de um sistema para o qual as pessoas não passam de produtores a todo o momento dispensáveis e de consumidores obrigados a consumir mais do que necessitam? A Europa, acostumada a viver na irresponsabilidade, é um comboio disparado, sem freios, onde uns passageiros se divertem e os restantes sonham com isso. Ao longo da linha vão-se sucedendo os sinais de alarme, mas nenhum dos condutores pergunta aos outros e a si mesmo: “Aonde vamos?” (SARAMAGO *apud* LIMA, 2017, p. 301)

Lima sublinha que as entradas sobre a Europa multiplicam-se nos *Cadernos*, mantendo uma coerência do pensamento, nas quais a ironia utilizada por Saramago se destaca como ferramenta para sua intervenção. Para a autora, uma passagem se destaca e resume o pensamento de Saramago sobre o tema: “A culta Europa, a civilizada e democrática Europa tem, nos seus tecidos profundos, um tumor que pode ser mortal, e

---

<sup>82</sup> Jacques Delors foi presidente da Comissão Europeia, instituição que representa os interesses da União Europeia, entre os anos de 1985 e 1995.



gasta o tempo em trabalhos de cosmética, de maquiagem, como uma velha cortesã que ainda alimentasse a esperança de alguém a pôr por conta”<sup>83</sup>.

Residindo na Espanha, Saramago realizou em seus *Cadernos* uma leitura da sociedade e política de Portugal, assumindo uma postura crítica contra uma apatia e perda de identidade frente à União Europeia, mesmo que seu iberismo tenha lhe gerado problemas e críticas. Assim, no seu exercício de intelectual, seja nas suas páginas autobiográficas e em textos não ficcionais, comentava a política portuguesa e sua inserção no cenário político europeu. E mesmo na sua obra literária, Saramago ofereceu ao leitor uma análise da história de Portugal, mantendo um inconformismo e crítica característicos de sua postura.

Nesse sentido é importante destacar o romance *A jangada de pedra*, nesta o autor resgata dois importantes aspectos identidade portuguesa: ser português no passado glorioso e no presente globalizado e a sua predestinação às conquistas marítimas. Este último evidenciando uma analogia com a obra *Os lusíadas*, de Luís Vaz de Camões. Enquanto o primeiro com a sensação de não pertencimento no mundo europeu.

A situação de inferioridade de Portugal em relação a Europa seria a principal causa do o desprendimento alegórico da Península Ibérica do continente europeu e que motivam a viagem de Portugal e Espanha em busca da identidade perdida. Interessante também é destacar o local que a península termina o seu deslocamento: “A península parou o seu movimento de rotação, desce agora a prumo, em direção ao sul, entre a África e a América Central”. Indicando que possuiriam mais características em comum com esses dois continentes.

---

<sup>83</sup> SARAMAGO *apud* LIMA, op. cit., 2017, p. 302.

Marisa Corrêa Silva, em “José Saramago: o iberismo como utopia”, indica que representação literária de uma convivência harmoniosa entre portugueses e espanhóis é não apenas anti-convencional, mas absolutamente desconfortável para o leitor português. “Sob esse ponto de vista, a Jangada é uma provocação, não somente de cunho estético, mas também político e ideológico”<sup>84</sup>. Destaca algumas características que representam essa visão dentro de um contexto português:

historicamente, Portugal sempre esteve em luta para impedir um verdadeiro processo de fagocitose (política, cultural etc.), cujo resultado seria a nação submergir na Espanha. Até hoje festeja-se a restauração da independência de Portugal do trono de Espanha, jugo resultante da morte de D. Sebastião em Alcácer-Quibir. A Associação Internacional dos Lusitanistas pelega por uma maior divulgação do português como segunda língua, e pela preservação da língua, especialmente nas ex-colônias africanas, onde as relações econômicas com outros países europeus, aliadas à natural tendência do ex-colonizado a repudiar as marcas do passado colonial, ameaçam a continuidade do português como língua nacional (SILVA, 2002, p. 68)

Porém, como indica a autora, o que temos no romance é que a ruptura física com a Europa provoca uma união entre habitantes dos dois países. A fusão identitária é automática, embora não de todo livre de problemas. Como, a reação da Europa aos jovens que, adotam como bordão a frase “Nós também somos ibéricos”, escrita inicialmente em francês, de forma semelhante à que a França reagiu ao movimento libertário de 68, ou seja, com repressão policial, e posteriormente, discurso de psicólogos. Silva conclui, então, sua análise indicando que a excepcionalidade da obra de Saramago, é que mostra como a coesão cultural só se evidencia quando comparada ao restante da Europa. Isso tornaria possível o entendimento entre Portugal e Espanha, que se tornaram um único bloco.

Saramago também comentou em seus diários problemas africanos e latino-americanos, como os legados das ditaduras para as sociedades dos países do cone sul, os sem-terra no Brasil, as guerras em Ruanda, Uganda e Angola, a relação entre Cuba

---

<sup>84</sup> SILVA, Marisa Corrêa. José Saramago: o iberismo como utopia. Revista Acta Scientiarum. Maringá, v. 24, n. 1, p. 067-072, 2002, p. 68

e os EUA. Pode-se notar, então, um esforço de compreensão da sociedade e uma crença na necessidade de compromisso de sua atuação na sociedade através de intervenções escritas e orais. Bem como participou de diversas ações com o objetivo de refletir e agir sobre os problemas sociais, como sua atividade na criação da Frente Nacional para a Defesa da Cultura, em 1992; Fórum Social Mundial, na edições de 2002 e 2005; além da defesa de grupos como os zapatista, no México, e os sem-terras, no Brasil.

A conclusão da conferência apresentada em Barreiro, em 25 de abril de 1994, intitulada “O sabor da palavra liberdade” indica que Saramago acreditava no seu dever enquanto intelectual:

A não intervenção cívica é talvez o maior erro da sociedade portuguesa nos nossos dias.

Ter-vos-ei surpreendido trazendo aqui palavras que não foram as do costume, alguém perguntará, mesmo, como é possível vir dizê-las quando este dia devia ser de festa, nada mais que festa, **mas eu penso que o meu dever para convosco, para comigo também, só podia ser o de trazer à reflexão de quem me ouvisse o que penso ser verdade.** E dizer a verdade é uma expressão do exercício da minha própria liberdade. Exerci a liberdade de ter uma opinião e comunicá-la, mesmo sendo para vos trazer algumas questões dolorosas, algumas dúvidas, muitas preocupações. **A verdade, se eu pude ser portador dela, nem sempre é cómoda.** Mas o pensamento reto é dessa água que bebe. (SARAMAGO, 2014, p.94). (grifos nossos)

O objetivo do primeiro capítulo foi apresentar e refletir sobre a escrita que José Saramago realizou sobre si e sobre sua obra literária, bem como do papel do escritor na sociedade. Destacando a importância da ação do intelectual para a transformação da sociedade. Assim, ao longo deste trabalho esperamos mostrar mais detalhadamente momentos da atuação de Saramago.

## Capítulo 2

### “Ser comunista é um estado de espírito”

A postura e ponto de vista intelectual de José Saramago não foram unânimes, sendo classificados por alguns como um “stalinista” e outros de marxista heterodoxo. Sua militância partidária foi bastante ativa especialmente nas décadas de 70 e 80<sup>85</sup>. Importante destacar que a relação com o partido foi marcada por discordâncias teóricas<sup>86</sup>, mas, como já indicado no capítulo anterior, Saramago declarava continuar a reconhecer no PCP, dizendo que só deixaria o partido caso se tornasse outro, com novas ideias e projetos.

Vale ressaltar que Saramago se filiou ao PCP em 1969, ou seja, num período em que o partido se encontrava na clandestinidade devido à ditadura do Estado Novo. Nesse período, o PCP seguia as orientações do programa intitulado *Rumo à vitória*, de 1964 e aprovado pelo VI Congresso do partido que ocorreu em 1965. E estava sob liderança de Álvaro Cunhal<sup>87</sup>, que havia fugido, junto com outros importantes quadros, do forte peniche em 1960 e restaurado a orientação política que o PCP adotava desde a década de 1940, com os I e II Congressos Ilegais de sua história, ocorridos em 1943 e 1946. O I Congresso Ilegal consagra o “trabalho de massas” como o trabalho de base do partido e defende a criação de uma frente comum contra a ditadura, através de um grande movimento de unidade nacional. Unidade esta que é procurada teoricamente desde 1935 com a adoção da linha da “Frente Popular” pela Internacional Comunista.

---

<sup>85</sup> As biografias *Saramago - Biografia*, de João Marques Lopes, e *José Saramago: a consistências dos sonhos. cronobiografia*, de Fernando Gómez Aguilera, são bem fundamentais para observar a militância desse período. Vale indicar que em novembro de 2018 foi publicada pela editora portuguesa Livros Horizonte, uma nova biografia de Saramago escrita pelo jornalista Joaquim Vieira e intitulada *José Saramago: rota de vida*.

<sup>86</sup> Como podemos ver na matéria de Francisco Mangas para o jornal português *Diário de Notícias*: <https://www.dn.pt/portugal/interior/um-ilustre-comunista-nem-sempre-obediente-1597489.html>

<sup>87</sup> Cunhal tornou-se secretário-geral em 1961 e se manteve até 1992, mas manteve forte influência até o ano de 2002, afastando-se por graves problemas de saúde.

Com a decisão de se dedicar à escrita ficcional e com o sucesso literário que atingiu a partir dos anos de 1980, Saramago reduziu sua participação na vida interna do PCP, Lopes indica que se conservou como um militante que “deixa utilizar seu enorme prestígio simbólico como capital político do PCP”<sup>88</sup> e ações como reuniões, comícios, ou seja, em apoio a atividades partidárias ou frentistas, bem como participar de campanhas eleitorais em que figurava em cargos não elegíveis.

Saramago conquistou um importante espaço no meio midiático e acadêmico, nos quais desenvolveu em seus artigos, entrevistas, palestras, comentários “geralmente voltados para o desvendamento dos mecanismos do poder, a deterioração das democracias, a hegemonia exercida pela economia capitalista sobre a política ou as causas das desigualdades”<sup>89</sup>. Tal atividade intensificando-se com a atribuição do prêmio Nobel de Literatura em 1998 e amplia-se o alcance de suas intervenções.

Nesse sentido, nosso objetivo não é de discutir ideologicamente a adesão de Saramago ao comunismo, quer dizer, se foi ou não comunista, mas sim observar a argumentação que Saramago construiu ao longo de sua vida sobre o significado de ser e de se manter comunista. Com isso, analisar como foi construída ao longo dos anos sua argumentação sobre ser comunista. Importa-nos a crítica realizada sobre o estado da sociedade, como designava seu comunismo, ou seja, o que Saramago dizia quando se afirmava como comunista. O que é importante para compreender seu posicionamento como intelectual para além de uma questão partidária.

---

<sup>88</sup> LOPES, João. op. cit., 2010, p. 203.

<sup>89</sup> SARAMAGO, José. *As palavras de Saramago*. In: AGUILERA, Fernando (seleção e organização). *As palavras de Saramago: Catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

Para tal fim foram priorizadas entrevistas, conferências, artigos para jornais e livros escritos na década de 1990 em diante, principalmente após a atribuição do Nobel, em 1998, visto que as intervenções de Saramago foram ampliadas consideravelmente, em nível internacional. Acreditamos que a década de 90 e os anos 2000 foram de intensa atividade intelectual do escritor, formulando, como vimos no capítulo anterior, uma interpretação sobre sua trajetória de vida e sobre sua obra, bem como reflexões que expressam sua leitura de mundo.

## 2.1 O significado de ser comunista para José Saramago

Eu sou aquilo que se podia chamar de comunista hormonal.

José Saramago<sup>90</sup>

José Saramago intitulou-se diversas vezes como um comunista hormonal, desde meados da década de 90 encontramos referências a essa formulação<sup>91</sup>, como podemos ver na sabatina realizada no Teatro da Folha de São Paulo, em 2008<sup>92</sup>. Demonstrando humor e ironia ao apontar que existe uma pergunta “inevitável” e “quase sempre formulada da mesma forma”: “Por que você depois da queda da União Soviética, do derrubamento do muro de Berlim, dos processos de Moscou, da invasão da Hungria, por que você continua a ser comunista?”<sup>93</sup>. Na resposta de Saramago a essa pergunta, leia-se:

Eu sou aquilo que se podia chamar um comunista hormonal. O que isso quer dizer? Quer dizer que da mesma maneira que tenho no corpo um hormônio - que

---

<sup>90</sup> SARAMAGO, José. Sabatina da Folha de São Paulo, 2008. A entrevista completa pode ser assistida no youtube, através do link <https://www.youtube.com/watch?v=mMgyE8LPIA>).

<sup>91</sup> Como podemos encontrar no livro *Uma voz contra o silêncio*, homenagem realizada a Saramago no ano de 1998 devido ao recebimento do Prêmio Nobel. Cf. SARAMAGO, José; *Uma voz contra o silêncio*. Lisboa: Caminho, ICEP, IPLB, 1998h.

<sup>92</sup> As transcrições realizadas da Sabatina da Folha serão indicadas pela data (2008).

<sup>93</sup> SARAMAGO, José, 2008.

não sei onde - que me faz crescer a barba, há outro hormônio que me obriga, mesmo que eu não quisesse, por uma espécie de fatalidade biológica, a ser comunista. É muito simples. Mais tarde, veio-me uma expressão mais interessante, mais nobre [...] comecei a dizer que ser comunista é um estado de espírito. E é. Pode-se ler Marx, [...] as obras mais importantes que Lenin escreveu, mas no fundo, no fundo, é um estado de espírito. (SARAMAGO, 2008, s/p)

A afirmação aponta para uma continuidade na sua trajetória de vida, a de se manter comunista desde que percebeu “que o espaço ideológico que podia esperar [...], que me confirmasse essa ideia [de que o mundo é ruim e que é necessário mudá-lo] era muito claro, era a esquerda, a esquerda comunista, e para aí fui e aí estou”<sup>94</sup>. Mas vem acompanhada de um fato interessante: o de ter tido a necessidade de formular uma nova expressão, a de ser comunista um estado de espírito, uma que expressasse de maneira mais justa o que ele acreditava que era ser comunista.

Essa nova expressão também foi repetida diversas vezes por Saramago e não foi a última criada pelo escritor. Em, 2003, intitulou-se um comunista libertário, sabendo da surpresa que causaria, uma vez que Saramago se classificava como um marxista e essa formulação o aproximava do anarquismo, Saramago declarou que nele conviviam “dois inimigos considerados irreconciliáveis. Eu sou o lugar onde essas duas expressões políticas encontram harmonia”<sup>95</sup>. Assim, observamos que Saramago foi construindo formulações que expressavam o que significava ser comunista para ele, em seu momento histórico, como sempre lembrado, após o fracasso e os crimes cometidos pelo em nome do comunismo.

Dessa forma, a questão que nos instiga é compreender - e assim reconstruir - a argumentação que Saramago realizou sobre ser comunista e que comunismo era esse que o

---

<sup>94</sup> SARAMAGO, José. 2008.

<sup>95</sup> SARAMAGO, José. op. cit., 2010, p. 237.

fez classificar o comunismo como um “estado de espírito”, e já no final de sua vida dizer que era um comunista libertário. Bem como refletir sobre o fato de se classificar como comunista escritor e não um escritor comunista uma vez que era como escritor, exercendo seu trabalho de escritor, que Saramago realizava suas entrevistas, palestras e demais eventos. Destacamos os seguintes trechos que evidenciam o ponto de vista de José Saramago:

Que significa hoje ser escritor comunista? À margem das distinções mais ou menos sutis que poderíamos fazer entre ser-se um escritor comunista e um comunista escritor (não é certamente o mesmo, por exemplo, ser-se jornalista comunista e comunista jornalista...), creio que a pergunta não vai dirigida ao alvo que mais importa. Pelo menos em minha opinião. Tiremos o escritor e perguntemos simplesmente: Que significa ser hoje comunista? Desmoronou-se a União Soviética, foram arrastadas na queda as denominadas democracias populares, a China histórica mudou menos do que se julga, a Coreia do Norte é uma farsa trágica, as mãos dos Estados Unidos continuam a apertar o pescoço de Cuba... Ainda é possível, nesta situação, ser-se comunista? Penso que sim. Com a condição, reconheço que nada materialista, de que não se perca o estado de espírito. (SARAMAGO, 1998c, p.3)

e

Quando às vezes eu digo algo que pode soar a desvio idealista, como “ser socialista é um estado de espírito”, dizem-me que não, que não é isso, pois ser socialista é algo que resulta do exame das condições históricas, da vida, da economia, e toda essa conversa, e depois de ter estudado tudo isso dizemos: sou socialista. Mas, embora possa parecer um pouco estranho, eu digo que não, que “ser socialista é um estado de espírito”. [...] E o estado de espírito é sentir-se socialista não por isso ou aquilo, por motivos muito objetivos e muito concretos que podem ser postos no papel, não [...] o que tento explicar é que quando digo que é um estado de espírito estou a referir-me a como uma pessoa se relaciona com o que está fora dela, com o mundo, com os outros com tudo. (SARAMAGO, 2003, p. 88-89 - entrevista originalmente dada em 1998)

O que pode estar por trás dessas afirmações? Quais elementos indicariam esse estado de espírito? Essas são perguntas importantes para nos fazermos no sentido de ampliar o entendimento sobre sua concepção de ser comunista, não reduzindo o



comunismo a uma posição partidária. Não negando a importância da relação e a atuação que Saramago exerceu durante sua vida no partido, mas procurando compreender o que significou e como construiu sua argumentação sobre o ser comunista como um “estado de espírito”. Vale indicar que para Saramago o ser comunista que é um estado de espírito e não o comunismo em si, como podemos observar:

O comunismo é um estado de espírito, esta pode parecer uma frase um pouco oca mas não o é. Eu acho que não, é realmente um estado de espírito ser-se comunista. Não é o comunismo que é um estado de espírito, ser-se comunista é que é um estado de espírito e não creio que o Brejnev tivesse esse estado de espírito - o poder era o poder. Também na China onde tantos comunistas houve. Leia-se o Malraux em *A condição humana* e ele descreve o que foi aquilo e depois perguntamo-nos se o estado de espírito estará ainda hoje presente nos dirigentes políticos e econômicos da China, onde se exerce o capitalismo mais selvagem que pode existir? Se isso acontecer, é ou não verdade que para não acontecer é necessário um estado de espírito? Só com um estado de espírito determinado é que isto não o sucede. Pelo menos, eu creio que não. (SARAMAGO, 2009, p. 88)

A epígrafe escolhida para *Objecto quase*, livro de contos publicado em 1978, como indicado por Saramago, pode nos fornecer uma pista desses elementos: “Se o homem é formado pelas circunstâncias, é necessário formar as circunstâncias humanamente”<sup>96</sup>. Para o escritor a epígrafe retirada de *A sagrada família*, obra de Marx e Engels publicada em 1844, “contém e explica de modo claro e definitivo” o que ele tenta exprimir quando diz que ser comunista ou socialista é um estado de espírito, uma vez que “só um "estado de espírito comunista" pode ter presentes, como regra de pensamento e de conduta, estas palavras. Em todas as circunstâncias”<sup>97</sup>. A frase, ainda, é corroborada por diversas

---

<sup>96</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *apud* SARAMAGO, José. *Objecto quase*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Disponível em: [chrome-extension://oemmndebldboiebfnladdacbfmadadm/https://www.kbook.com.br/livraria/wp-content/files\\_mf/objectoque.pdf](chrome-extension://oemmndebldboiebfnladdacbfmadadm/https://www.kbook.com.br/livraria/wp-content/files_mf/objectoque.pdf)

<sup>97</sup> SARAMAGO, José. “Ser escritor comunista, hoje”. In: *Público*, 9 de outubro de 1998, p. 3.

declarações públicas de Saramago sobre ser necessário construir uma mentalidade socialista para que se tenha pessoas socialistas<sup>98</sup>.

É nesse sentido, que refletindo sobre os erros que o socialismo real cometeu, Saramago chega a conclusão de que não foi alterada a mentalidade das pessoas do ponto de vista ético e cívico, ou seja, não se alterou seu estado de espírito para com os outros e com o mundo. como podemos ver nas declarações:

Olhamos para os antigos países socialistas e que do ponto de vista cívico, do ponto de vista moral, da ética, da convivências dos cidadãos uns com os outros, o socialismo não modificou em nada a mentalidade das pessoas, não as orientou. (SARAMAGO, 2010, p. 19 - entrevista originalmente dada em 1992)

E:

Pensávamos que bastava resolver os problemas materiais das pessoas, problemas graves, terríveis, duríssimos, e que, uma vez resolvidos, encontraríamos, depois desses grandes programas, o “homem novo”. Não foi assim. As mudanças materiais não bastam para que esse homem novo nasça, se é que algum dia nascerá. (SARAMAGO, 2003, p.89 - entrevista originalmente dada em 1998)

Percebe-se uma crítica às experiências das revoluções comunistas que ocorreram na história do século XX - autocrítica que uma geração de intelectuais fizeram parte - que o fez continuar acreditando que o caminho para um mundo mais justo é o socialismo. Mas, esse não poderia deixar de lado a participação cidadã e a garantia das liberdades individuais do homem.

Dessa forma, destacamos trechos em que Saramago reflete sobre o socialismo e a sociedade capitalista:

Mas quero lembrar que o mundo continua dividido entre ricos e pobres, e esse é um problema real. A grande guerra é a que vai confrontar os que possuem bens e

---

<sup>98</sup> Como na entrevista realizada pela Ivana Jinkingis, em 1992, e publicada na revista *Margem esquerda - ensaios marxistas*, N. 15, em 2010. Cf. *Margem esquerda - ensaios marxistas*, N. 15, São Paulo: Boitempo editorial, 2010c.

os que carecem de tudo. O que acontece é que os pobres, pobres deles, não podem nem sabem organizar-se. Para fazê-lo é preciso poder, e eles não o têm. **hoje o único poder organizado é o poder financeiro e econômico**, para qual tanto faz religião, ideologia, cultura, idiomas, tudo. (grifos nossos) (SARAMAGO, 2003, p.92 - entrevista originalmente dada em 1998)

E:

O que quero dizer é que não vejo nenhum motivo para deixar de ser aquilo que sempre fui: alguém que está convencido de que o mundo em que vivemos não vai bem; convencido de que a aspiração legítima e única que justifica a vida, ou seja, a felicidade do ser humano, está sendo fraudada diariamente; e que a exploração do homem pelo homem continua a existir. Nós, seres humanos, não podemos aceitar as coisas tais como elas são, pois isso nos conduz diretamente ao suicídio. É preciso acreditar em algo e, sobretudo, é preciso ter um sentimento de responsabilidade coletiva, pelo qual cada um de nós é responsável por todos os outros. E isso eu não consigo ver no capitalismo. (SARAMAGO, 2010, p. 225 - entrevista originalmente dada em 1994)

Nos trechos acima nota-se uma crítica a uma competitividade que a sociedade capitalista gera e uma crítica ao poder financeiro e econômico. Nos últimos anos de sua vida, Saramago se preocupou em demonstrar a importância de se discutir os limites da democracia, “sequestrada” e “limitada” justamente por esses poderes. Essas questões serão aprofundadas no terceiro capítulo, mas foi importante apontá-las nesse momento visto que é nesse contexto que Saramago que indica ser um comunista libertário.

Em decorrência a publicação de *Ensaio sobre a lucidez*, publicado em 2004, Saramago é entrevistado por María Blanco do jornal espanhol *El país*, e nesta se define como comunista libertário<sup>99</sup>. Para Blanco, a leitura do livro indica uma crítica ao poder político e retruca que a leitura do livro faz parecer trata-se de um escritor anarquista. Respondendo a questão, Saramago diz:

A veces he reflexionado sobre el hecho de que yo siga siendo comunista. Por supuesto lo soy y no me imagino a mí mismo siendo algo distinto. Pero me he

---

<sup>99</sup> SARAMAGO, José. Soy un comunista libertario. *El país*, Madrid, 24 de abril de 2004, entrevista concedida a María Blanco disponível em: [https://elpais.com/diario/2004/04/24/babelia/1082763550\\_850215.html](https://elpais.com/diario/2004/04/24/babelia/1082763550_850215.html)

dado cuenta de que tenía que añadir algo a ese decir "yo soy comunista", y lo que estoy añadiendo es que soy un comunista libertario. (SARAMAGO, 2004, s/p)

E definindo o que seria um comunismo libertário indica:

Creo que sí, habría que pensarlo. Y es evidente que una concepción ortodoxa de lo que pudiera ser el comunismo, llevado a su último extremo como en el caso del anarquismo, llevaría a la disolución del Estado. (SARAMAGO, 2004, s/p)

No livro de reflexões pessoais, literárias e políticas de Saramago, organizado por Fernando Aguilera, encontramos um trecho importante das preocupações que levaram Saramago a formular a expressão comunista libertário:

Sou um comunista libertário, uma pessoa que defende a liberdade de não aceitar tudo o que vem, e que assume o compromisso juntamente com três perguntas que devem sempre nos orientar na vida: por quê?, para quê?, para quem? Essas são as três perguntas básicas, e, efetivamente, você pode aceitar um conjunto de regras e acatá-las disciplinadamente, mas tem de manter a liberdade de perguntar: por quê?, para quê?, para quem? (SARAMAGO, 2010, p. 237-238 - entrevista originalmente dada em 2003)

Assim, vemos a preocupação de não se aceitar os fatos como dados e inquestionáveis, como os limites do regime democrático. Nota-se, então, neste contexto uma crescente preocupação com o poder econômico e com a necessidade de se discutir o que é realmente uma democracia, como veremos adiante ao analisar a crítica a sociedade capitalista realizada pelo autor. Na mesma entrevista realizada por Blanco, Saramago indica:

¿Cómo voy a calificar un sistema que me permite únicamente quitar un gobierno y poner otro pero no me permite absolutamente nada más? Digo, y lo repito, hoy los gobiernos no mandan. Los gobiernos son los comisarios políticos de los bancos. No soy el único que critico esto, hay mucha gente que lo está diciendo, lo que pasa es que quizá mi forma de decirlo sea más explícita. (SARAMAGO, 2004, s/p)

Saramago indica que a epígrafe escolhida para o livro *Objecto quase* ajuda a explicar o que seria ser comunista. Mas, acreditamos que os contos que compõem o livro

ajudam a entender o que é o comunismo para Saramago, e com isso também compreender a crítica que realizou a sociedade capitalista. O livro é composto por seis contos, que apesar dos enredos bastante diversos, possuem uma unidade, que é justamente uma crítica à sociedade que coisifica o homem:

Os contos que formam *Objecto quase* desenvolvem, como sugere o título, uma análise de como a sociedade tem caminhado rumo a uma desqualificação das diferenças que nos tornam tão únicos em nossa inescapável dimensão afetiva e subjetiva, como se fosse neutralizada ou esfacelada a pluralidade que deveria ser a essência de toda sociedade. O capitalismo, eficaz nem nutrir e disseminar o individualismo moderno, é atacado *metaforicamente* pela poética saramaguiana, cujos contos aqui mencionados são uma amostra significativa da ideologia socialista do autor. Os contos são uma espécie de libertação do sufocado grito da “choupanização” contra a impessoalidade da globalização. (FIORUCI; MORAES, 2013, p. 17-8) (grifos nossos)

A palavra metaforicamente foi grifada para atentarmos que pesquisadores da obra de Saramago, além do próprio Saramago refletindo sobre sua obra, utilizam conceitos como metáfora, parábola e alegorias para compreender a obra literária desse escritor. A Academia Sueca comunicou no momento de atribuição do Prêmio Nobel da Literatura “que, com parábolas portadoras de imaginação, compaixão e ironia torna constantemente compreensível uma realidade fugidia”<sup>100</sup>.

São diversos os autores que apontam e discutem o caráter alegórico de obras de Saramago, principalmente a partir da publicação de *Ensaio sobre a cegueira*, publicado em 1995, incluindo Ana Paula Arnaut, Maria Alzira Seixo, Fernando Lopes, Horácio Costa. Vale destacar que esse último ao analisar *Ensaio sobre a cegueira* enxerga em *Objecto quase* uma conexão com o “ciclo alegórico”<sup>101</sup> iniciado na década de 1990.

---

<sup>100</sup> ACADEMIA SUECA, “Comunicado” In: *Jornal de Letras*, 14 de outubro de 1998, p. 4.. A nota completa da Academia Sueca e reproduzo em Anexo I.

<sup>101</sup> Vale ressaltar que Horácio Costa não é único ao indicar as ligações entre *Objecto quase* e os romances da década de 1990 e 2000 de Saramago. Tutikian em palestra dada no Instituto de Letras em Colóquio em homenagem a José Saramago e José Cardoso Pires, abordou essa relação.

Assim, sendo através de metáforas, parábolas ou alegorias<sup>102</sup>, a obra de José Saramago faz uso de recursos para levar suas mensagens ao leitor, bem como uma busca de compreender o mundo, que ele tenta explicá-los em seus livros:

Embora uma fábula normalmente contenha uma lição de moral, não é minha intenção com meus livros. Na verdade, diante de determinado tema, eu o trato como se precisasse chegar a uma conclusão para uso próprio. No fundo, são questões que tenho com o mundo, com a sociedade, com a nossa história. Lembre-se que meus temas não se repetem, pois não tenho um plano literário. É como se o mundo me incomodasse no sentido mais profundo e eu, através de um romance ou fábula, o deixasse exposto. (SARAMAGO, 2010, s/n)

Dessa forma, estamos entendendo os contos que compõem *Objecto quase* não como uma mera adição de imagens, mas uma forma de expressão em que autor pode exprimir suas opiniões ou críticas, ao mesmo tempo em que dá ao leitor o poder de formar seus próprios conceitos a partir do que leu. Assim, percebemos em *Objecto quase* - importante destacar que foi publicado antes do grande sucesso literário que Saramago conquistou nos anos de 1980 - Saramago expressa suas dúvidas e seus questionamentos sobre a sociedade contemporânea, através de uma argumentação anticapitalista e uma crítica à globalização. Posições que do ponto de vista político manteve durante sua vida<sup>103</sup>.

Os contos que compõem *Objecto quase* – "Cadeira", "Embargo", "Refluxo", "Coisas", "Centauro" e "Desforra" – seguem uma unidade na diversidade, de acordo com Fioruci, em que as histórias constroem um painel crítico amplo da sociedade contemporânea. Que vai desde a sua alienação, seja esta imposta pelo estado totalitário

---

<sup>102</sup> Umberto Eco, por exemplo, no artigo já citado escrito para edição italiana de *O caderno*, utiliza os três termos: “que na sua crítica moral e social nunca leva o problema a peito, mas poeticamente o contorna nos modos do fantástico e do alegórico, de modo que o seu leitor (embora suspeitando que de te fabula narratur) terá de pôr muito de si para compreender até onde vai parar o apólogo [...] E este escritor fantasioso e metafórico [...] E este delicado tecelão de parábolas usa palavras que não deixam margem para dúvidas quando define o dono da editora que o publica?”. Disponível em: <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/interior/um-blogger-chamado-saramago-1382926.html>

<sup>103</sup> Posições que também podem ser observadas em sua obra literária, significativos exemplos são *A jangada de pedra* e *A caverna*.

como no conto “Cadeira” ou pela tecnologia em “Embargo”, ou pela “coisificação” dos homens em “Coisas” até o apogeu da sua natureza livre e espontânea, em “Desforra”, passando pela humanização das coisas e pela “coisificação” dos homens, em “Coisas”. Assim, nota-se uma crítica a uma sociedade capitalista que promove uma alienação do homem, alienação entendida como desumanização do homem. Nesse processo de alienação o ser humano não tem sua dignidade explicitada através de características únicas, próprias da pessoa humana, nem sua liberdade e autoconsciência respeitadas.

Como dito, Saramago alerta para a urgência de se discutir a democracia, e na sua leitura do estado democrático está perpassada por uma crítica à globalização e ao capitalismo<sup>104</sup>. Em seu argumento a democracia foi sequestrada servindo somente aos interesses das classes poderosas, quem verdadeiramente a economia e os direitos. Em entrevista realizada por Erika Campelo, em 2004, para *Carta Maior*, Saramago chama a atenção para o fato de que não se discute o que é democracia e os seus limites e que estaríamos vivendo “numa bolha democrática”<sup>105</sup>:

Porque no fundo o que se passa é que todos estamos de acordo que vivemos em um sistema democrático, portanto somos cidadãos, somos eleitores, há eleições, votamos, forma-se um parlamento, e a partir desse parlamento, forma-se uma maioria parlamentar. Temos os juízes, tribunais, temos todo o esquema montado. Este esquema é formal. Mas até que ponto se permite que esse sistema seja substancial? Vivemos dentro de uma bolha, que eu chamo de bolha democrática, onde tudo funciona perfeitamente.

Estamos aqui hoje em Paris, mas podíamos estar em Lisboa, ou São Paulo, ou Rio, e sabemos que a sociedade funciona de uma certa maneira. O que é o funcionamento das instituições democráticas, isso chega até onde? Chega até a capacidade do cidadão de eleger um governo. Se não está satisfeito com este governo, nas eleições seguintes pode tirar este governo e por outro, que isso traz mudanças sim. Mas mudar de governo não significa mudar o poder, e este é o drama da democracia. (SARAMAGO, 2004b, s/p)

---

<sup>104</sup> A questão da democracia vai ser aprofundada no terceiro capítulo da dissertação.

<sup>105</sup> SARAMAGO, José. Saramago questiona a ilusão do mundo democrático. In: *Carta Maior*, Paris, 23 ago 2004b. Entrevista concedida a Erika Campelo. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Jose-Saramago-questiona-a-ilusao-do-mundo-democratico/4/2164>

Esse “drama da democracia” para qual Saramago chama a atenção, não é para negar a importância das eleições ou defender um regime autoritário, mas para expor as limitações que existem. Em texto escrito para o jornal francês *Le monde diplomatique*, Saramago atenta que o fato de ser comunista pode levar a alguns leitores a pensar que é um inimigo da democracia<sup>106</sup>:

Pode passar pelo espírito de alguns leitores uma desagradável suspeita sobre minhas convicções democráticas, **tendo em vista minhas notórias posições ideológicas**<sup>1073</sup>... Defendo a idéia de um mundo verdadeiramente democrático que se tornaria realidade dois mil e quinhentos anos depois de Sócrates, Platão e Aristóteles. Essa quimera grega de uma sociedade harmoniosa, que não se dividiria em senhores e escravos, tal como a concebem os cândidos espíritos que ainda acreditam na perfeição. (grifos nossos) (SARAMAGO, 2004c, s/p)

O que seria esse “mundo verdadeiramente democrático”? Acreditamos que em um mundo que a democracia seja vivenciada plenamente por todos os cidadãos. Dessa forma, é necessário, para Saramago, questionar a realidade da democracia vigente. E é nesse sentido que Saramago aponta as grandes corporações financeiras internacionais como quem limita a democracia, visto que são estas que realmente governam o mundo:

Na realidade, chamar um governo “socialista”, ou “social-democrata”, ou ainda “conservador”, ou “liberal”, e denominá-lo “poder” não passa de uma operação estética barata. Trata-se de fingir dar nome a algo que não está ali, onde querem nos fazer crer que esteja. Pois o poder, o verdadeiro poder, está em outro lugar: é o poder econômico. É aquele do qual percebemos o contorno em filigrana, mas que nos foge quando tentamos aproximar-nos e contra-ataca se entende que desejamos limitar sua influência, submetendo-o às regras do interesse geral. Em termos mais claros: os povos não elegeram seus governos para que estes os “ofereçam” ao mercado. Mas o mercado condiciona os governos para que estes lhe “ofereçam” seus povos. Em nossa época de globalização liberal, o mercado é o instrumento por excelência do único poder digno desse nome: o poder econômico e financeiro. Este não é democrático, pois não foi eleito pelo povo, não foi gerado pelo povo e, principalmente, não tem por objetivo a felicidade do povo. (SARAMAGO, 2004c, s/p)

---

<sup>106</sup> A versão traduzida do artigo de Saramago escrito em 2004 para o *Le monde diplomatique* e intitulado “Que reste-t-il de la démocratie?” pode ser acessado em: <http://diplo.org.br/2004-08.a961>. Os trechos utilizados foram retirados da tradução e identificados pelo ano da publicação (2004c)

<sup>107</sup> Na publicação on line, o jornal *Le monde diplomatique* faz nota explicando que Saramago era membro do PCP.



A leitura do texto nos faz concluir que o argumento de Saramago é demonstrar que somos governados pelo poder do capital e possui uma camada democrática - como o próprio título da entrevista realizada para *Carta Maior* revela “Saramago questiona a ilusão do mundo democrático” - mas que na realidade é excludente:

O chamado sistema democrático parece, cada vez mais, um governo dos ricos e, cada vez menos, um governo do povo. Impossível negar o óbvio: a massa de pobres convocada a votar jamais é chamada a governar. Na hipótese de um governo formado pelos pobres, em que estes representassem a maioria – como Aristóteles o imaginou, em sua *Política* –, eles não disporiam de meios para modificar a organização do universo dos ricos, que os dominam, os vigiam e os oprimem. (SARAMAGO, 2004b, s/p)

É interessante apontar que a democracia - como está - deve ser vista como ponto de partida e não como de chegada. E Saramago chama a atenção que estamos lidando como ponto de chegada<sup>108</sup>. Para Saramago essa maneira de lidar com a democracia estaria ocasionando uma limitação das ações do homem para a transformação social:

He llegado a una conclusión terrible. El hombre, el ser humano ideal, se manifiesta en situaciones de crisis; pero de crisis real, cuando todo se derrumba. Ahí se muestra todo lo que existe de peor y de mejor en el ser humano. Ahí nos sorprende la capacidad de heroísmo. Hablo de la gente común que se revela mucho más grande de lo que es, mucho más buena, capaz de sacrificios que jamás había imaginado. Porque la crisis, el problema que se le ha planteado es “Ahora tengo que valer lo que valgo”. Y ocurre. Sucede. La normalidad es la enemiga del ser humano.

Quien alcanza la normalidad se instala en la ambición, se instala en todo, o casi todo, lo que hay de negativo. “España es un país próspero.” “España va bien.” Vale, y ¿qué están haciendo los españoles por cambiar lo que evidentemente no marcha bien?. Pues nada. Como los portugueses, nada, nada, nada. Cuando yo digo que la democracia no es un punto de llegada, sino de partida, la gente me mira como si hubiera caído de la luna o yo que sé... Y peor que eso, no saben (aunque lo sospechen) que sí, que es cierto lo que digo. No saben, no sabrían concretarlo. “Entonces, si dice que es un punto de partida... ¿cómo hacemos?” Saben llegar, pero no avanzar. (SARAMAGO; RAMONET, 2010b, p. 27)

Notamos, então, que Saramago foi construindo definições quando indagado do porquê dele continuar a ser comunista, como a de comunista hormonal, de que ser

---

<sup>108</sup> SARAMAGO; RAMONET, O desastre actual é a total ausência de espírito crítico. In: *Le monde diplomatique en español*, julho de 2010, p. 26 -27, entrevista concedida a Víctor Sampedro. Disponível em: [http://www.medelu.org/IMG/pdf/SARAMAGO\\_SAMPEDRO\\_p26.pdf](http://www.medelu.org/IMG/pdf/SARAMAGO_SAMPEDRO_p26.pdf)

comunista é um estado de espírito e por último, a de comunista libertário. É importante analisar a relação que Saramago teve com seu partido, uma relação que ele mesmo intitula como heterodoxa<sup>109</sup>, mas importante na construção de sua imagem, a ponto de apesar de se manifestar de muitas vezes de forma crítica ao PCP, se manteve militante até o fim de sua vida.

Assim, consideramos importante indicar a atuação de Saramago no PCP uma vez que, como apontado no capítulo anterior, essa relação tem um espaço importante na construção como intelectual. Em entrevista para a revista *Visão*, em dezembro de 1998, Saramago classifica o convite para entrar no partido como um dos momentos mais bonitos de sua vida<sup>110</sup>. Quando indagado por João Céu e Silva, em entrevistas realizadas em 2009, Saramago responde que ainda possui forte ligação e o caracteriza como um que se diferencia dos outros, em suas palavras o PCP de “uma certa maneira este não é um partido como qualquer outro e a prova de que não é está em que podemos olhar para o Partido e ver como são os militantes”<sup>111</sup>.

O escritor Urbano Tavares Rodrigues, amigo e camarada de Saramago, no momento da morte de Saramago, escreveu para o *Diário de Notícias*, de 19 de junho de 2010, um artigo sobre a militância de José Saramago<sup>112</sup>, no qual Rodrigues indicava que, apesar de uma heterodoxia, Saramago se manteve fiel ao partido:

A sua relação [de Saramago] com o Partido Comunista Português manteve-se sempre firme, embora José Saramago com o seu espírito crítico, algumas vezes

---

<sup>109</sup> Um exemplo de como saramago analisa sua militância pode ser encontrada no livro de entrevistas organizado por João Céu e Silva: “É claro que nunca fui aquilo a que se chama um militante disciplinado... Sempre achei que tinha uma opinião e que deveria expressá-la!”

<sup>110</sup> SARAMAGO, José. “Sempre me senti sozinho”. *Visão*, 10 de dezembro de 1998f, p. 134-138. Os outros momentos foram a decisão de se dedicar à escrita ficcional, em 1975, e o encontro com Pilar Del Rio.

<sup>111</sup> SARAMAGO, José. op. cit. 2009, p. 129.

<sup>112</sup> RODRIGUES, Urbano. “Urbano Tavares Rodrigues: José Saramago e o Partido Comunista”. In: *Diário de Notícias*, 19 de junho de 2010. Disponível em: <https://www.dn.pt/portugal/interior/urbano-tavares-rodrigues-jose-saramago-e-o-partido-comunista--1597471.html>

tenha emitido juízos pessoais em discordância com a ortodoxia. (RODRIGUES, 2010, s/n)

Comentando sobre essas divergências com o PCP, Saramago declarou que:

Se alguma vez me tivesse sentido mal [no partido], tinha saído, e se um dia me sentir mal, saio. As minhas discordâncias, que são sérias, e nalguns casos sobre pontos essenciais, não foram suficientes para abandonar o partido. Creio que por causa da força da minha própria convicção, e sem esforço. É o único partido onde a minha convicção está à vontade e tem suficiente resposta. (SARAMAGO, 2010, s/n - entrevista originalmente dada em 1991)

A trajetória de Saramago nos jornais portugueses ilustra bem essa relação não ortodoxa com o partido. Quando assumiu o cargo de diretor-adjunto do importante jornal *Diário de Lisboa*, Saramago deixou de frequentar células do PCP com o objetivo de manter uma autonomia sobre o que escrevia nos jornais<sup>113</sup>. Esse fato foi comentado diversas vezes por Saramago, como nas entrevistas realizadas, em 2009, por João Céu e Silva :

Quando em Março tomei posse do cargo de director-adjunto do *Diário de Notícias* decidi, e não pedi parece a ninguém, deixar de ir às reuniões da célula de jornalistas. Seria inevitável que se dissesse e opinasse sobre a linha do jornal e aparecessem umas sugestões bem-intencionadas - não digo mal-intencionadas - para que se apontasse numa certa direcção ou noutra. E até às vésperas do 25 de Novembro mantive-me distanciado, só no dia 22 é que houve uma reunião na António Serpa (sede do PCP na altura) com toda a gente da rádio, televisão e jornais, para sermos informados de que algo iria acontecer. (SARAMAGO, 2009, p. 54)

[...]

Quando me convidaram para ser director-adjunto do *Diário de Notícias*, eu que era um assíduo militante das reuniões da celular de escritores e também de jornalistas deixei a dado momento de ir e não dei nenhuma explicação. E essa o Partido não me perdoa! (SARAMAGO, 2009, p. 126)

---

<sup>113</sup> Outros exemplos poderiam ser citados, mas para não fugir do foco principal do capítulo, preferimos citar este. Vale ressaltar que Saramago reconheceu que o fato de possuir e declarar posições contrárias ao seu partido poderia ser algo usado pela mídia, como podemos observar na resposta que dá a jornalista Alexandra Coelho que pergunta se era para se esperar intervenções contrárias a posição do PCP em relação a campanha de regionalização e a resposta foi a seguinte: “Não de modo nenhum. Eu tornei pública a minha posição em relação a isso, e partir daí ponto final, não tenho mais que dizer. Aliás, já fui convidado três ou quatro vezes para participar em debates, para escrever depoimentos para jornais, e digo que não, que não entro nisso. Também não quero que me transforme em uma bola de pingue-pongue que é usada quando convém.” Cf. SARAMAGO, José. “A minha casa é Lanzarote”. *Publico*, 14 de outubro de 1998e, p. 30. Entrevista concedida a Alexandra Lucas Coelho.

Nesses editoriais, Saramago não poupou ninguém de críticas ou a elogios, nem mesmo o PCP, mostrando a sua posição em relação ao mais variado tipo de assuntos, apresentando soluções, argumentando sobre o que deveria ser a escolha dos portugueses e o futuro de Portugal<sup>114</sup>. Raquel Varela indica momentos que Saramago criticou abertamente o PCP nas páginas do *Diário de Notícias*. Como na caso da crônica de 1 de Setembro de 1975, chamada “Intervalo para Acusar”, onde Saramago escreve que:

Se o PCP forma frente unitária de esquerda e, três dias depois, apela para negociações onde cabem Deus e o Diabo – como haveremos, doravante, de definir estratégia e tática?” (SARAMAGO *apud* VARELA, 2010, p. 232).

Fernando Lopes indica que os editoriais escritos nesse período demonstram a relação que Saramago tinha com o PCP não foi de uma “ortodoxia acomodada ou subordinação anódica ao aparelho”<sup>115</sup>. Salienta que Saramago estava mais ligado a linha gonçalvista de tomada do poder rumo ao socialismo do que a concepção etapista defendida por Álvaro Cunhal. Pesquisadores da obra de Saramago e da história de Portugal interpretam que também foi devido a essa postura que Saramago não foi convidado a participar do novo jornal do PCP - chamado *O Diário* - depois que foi demitido em decorrência do 25 de novembro enquanto outros jornalistas comunistas foram chamados<sup>116</sup>.

Opinião que é compartilhada por Saramago, como podemos ver na entrevista

---

<sup>114</sup> O interesse por esse período da trajetória de José Saramago tem aumentado nos últimos anos, sendo realizados dissertações e teses sobre as crônicas políticas escritas durante esse período. Cf. AGUIAR, Marta. (2014) e THIMÓTEO, Saulo. (2010 e 2014)

<sup>115</sup> LOPES, Fernando, *op. cit.*, 2010, p. 200.

<sup>116</sup> Além de Fernando Lopes, o historiador António Costa Pinto, convidado a falar no jornal português *Jornal das 2* sobre o percurso político de Saramago diz que Saramago foi vetado por Cunhal por ser “demasiadamente esquerdista para conjuntura no pós 25 de novembro” para participar do jornal do PCP. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z7eD1sZm0eQ&list=PLVWITuet9dcM2B8NbcPBEfRp9SGhEuKN2&index=38>

concedida a revista *Visão*, publicada em 10 de dezembro de 1998<sup>117</sup>. Saramago quando perguntado que o PCP o deixa cair após ser despedido do *Diário de Notícias*:

Isso é certo. Não vou negar porque é um facto, embora não tenha feito alarde dele. Basta dizer que jornalista do *Diário de Notícias*, que como eu, se encontraram sem trabalho, foram encontrá-lo n' *O Diário*... (SARAMAGO, 1998f, p. 136)

Saramago salienta que é nesse contexto que decide se dedicar à escrita ficcional, visto que não conseguiria emprego em jornais novamente, pois além do desgaste com o PCP, sua direção, junto com Luiz de Barros, receberam diversas críticas, acusada de possuir um forte teor ideológico, principalmente por parte do PS. Mas vale lembrar que, como vimos no primeiro capítulo, Saramago já havia publicado *Terra do pecado* (1947), *Poemas possíveis* (1966), *Provavelmente alegria* (1970), além de 3 livros de crônicas *Deste mundo e de outro* (1971), *A bagagem do viajante* (1973) e *As opiniões que o DL teve* (1974), os dois primeiros compostos por crônicas literárias escritas para jornais e revistas portuguesas e o terceiro de editoriais escritos para o jornal *Diário de Lisboa*. Além do *Claraboia*, livro publicado postumamente mas escrito nos anos 50 e de outros materiais não publicados como podemos observar no *José Saramago a consistência dos sonhos*, Saramago entre as décadas de 40 e 60 escreveu crônicas, contos, poemas, peças e enceta a criação de romances. Dessa forma, acreditamos que a escolha a se dedicar à escrita ficcional deve ser entendida como um retorno a um projeto do que a impossibilidade de se inserir no mercado de trabalho jornalístico.

José Saramago foi indagado diversas vezes sobre a postura do partido com a sua obra literária e respondia sempre indicando sua autonomia literária e um respeito do partido pelo seu trabalho:

---

<sup>117</sup> SARAMAGO, José. “Sempre me senti sozinho”. *Visão*, 10 de dezembro de 1998f, p. 134-138.

o Partido nunca me disse: "Convinha que orientasses o teu trabalho neste ou naquele sentido"; nunca o disse, nem por mera insinuação. Mas também é certo que, se o tivesse dito, eu não aceitaria conselhos dessa ordem. Porque, se não aceito conselhos ou opiniões ou modos de entender e apreciar aquilo que faço, vindos da crítica (que se supõe ser qualquer coisa de especializado), muito menos iria aceitar ordens ou sugestões de pessoas que por todas as razões eu considero, mas a quem, nessa área, não reconheço competência. Mal seria. E duvido mesmo que isso alguma vez passasse pela cabeça de um dirigente partidário, que tem a sua própria responsabilidade, e a quem também não vou dizer: "Convinha que tu orientasses a tua acção política neste sentido ou naquele". (SARAMAGO, 1998, p. 54)

João Madeira aponta o que em um dos raros discursos públicos em que estes temas são debatidos, Álvaro Cunhal, em novembro de 1974, homenageando Soeiro Pereira Gomes, o importante escritor neorrealista e que se tornara membro do PCP e falecera na clandestinidade, disserta sobre a função social e política da literatura e da arte<sup>118</sup>:

(...) não podem ser neutras, alheadas dos grandes problemas em cuja solução todo o nosso povo está empenhado, numa luta que é de facto (mesmo que alguns disso se não tenham ainda apercebido) de vida ou de morte. A literatura e a arte têm um grande papel a desempenhar na consciencialização, no bem-estar, na alegria e na felicidade dos homens. Podem hoje ser uma arma de combate contra o que resta do passado e pela edificação do futuro Portugal democrático, pacífico, independente (CUNHAL *apud* MADEIRA, 2014, p. 80).

Dessa forma, a direção do PCP sustentava a necessidade de uma arte a serviço da transformação social, de acordo com uma tradição neorrealista. O exemplo de Soeiro Gomes apontava, assim, um caminho aos escritores comunistas nas novas condições históricas abertas pelo 25 de Abril. Madeira indica também que é nesse sentido que, “já no início de 1975, os escritores comunistas da Organização Regional de Lisboa do PCP definem, como primeira das tarefas prioritárias o trabalho ideológico”<sup>119</sup>.

Aponta também que posições mais heterodoxas foram surgindo no partido, como a de Maria Alzira Seixo:

---

<sup>118</sup> MADEIRA, João. “Os Escritores comunistas e a Revolução do 25 de Abril”. In: *Miscelânea*, Assis, v. 15, jan-jun. 2014, p.25-43.

<sup>119</sup> *Ibid.*, p. 35

Talvez escrever não seja lutar, mas transformar, isto é, não um combate que tem em vista a aniquilação, mas um embate (do instrumento da escrita sobre o papel, da desordem sobre a ordem, da história que se faz sobre a história que se fez), donde resulta a folha preenchida, o cumprimento da existência. Nesse caso, a comunicação não será fácil; quer dizer, teremos sempre de prever a dificuldade, maior ou menor do embate. [...] Então, eu começo a compreender que expressões do tipo de “escrever para o povo”, por exemplo, não têm sentido (SEIXO, 1975 *apud* MADEIRA, 2014, p. 39)

E, nesse sentido, José Saramago e Alberto Ferreira propõem a ideia de realizar um encontro de escritores que pudesse debater os problemas que se colocavam à criação literária nas novas condições políticas criadas com a Revolução de Abril, proporcionando um espaço de debate alargado onde fossem escutadas as mais diferentes correntes e sensibilidades estéticas.

Madeira, indica que, então, na assembleia de 1978, Cunhal afirma que partido não impunha aos artistas nem escolas, nem estilos. Dessa forma, explícita que o que ocorreu foi uma pluralidade estética e que o carácter revolucionário da criação artística não se limitou a formulações simples e esquemáticas, com o domínio do conteúdo sobre a forma. E conclui afirmando que:

(...) sem confronto explícito, mas em perceptível tensão, a distinção era objectivamente estabelecida entre aqueles que alinhavam as suas obras num contexto de militância política estrita, de algum modo revivescendo a tradição neo-realista e aqueles que expressavam pela sua criação literária, uma pluralidade de sensibilidades estéticas. (MADEIRA, 2014, p. 41)

No dia 8 de outubro de 1998, a Academia Sueca atribuiu a Saramago o Prémio Nobel de Literatura, em decorrência de sua “capacidade de tornar compreensível uma realidade fugidia, com parábolas suportadas pela imaginação, a compaixão e a ironia”<sup>120</sup>. Álvaro Cunhal, então ex-secretário geral do PCP mas mantendo grande influência no partido, foi chamado para comentar nos jornais portugueses sobre a atribuição ao Nobel

---

<sup>120</sup> ACADEMIA SUECA, “Comunicado” In: *Jornal de Letras*, 14 de outubro de 1998, p. 4

para Saramago. Destaco o texto que o jornal *Diário de notícias* pediu para que Cunhal fizesse, no dia 9 de outubro é publicado:

Ao contrário das primeiras informações de reportagem relativas à apreciação do sentido da obra de José Saramago pela Academia Sueca ao atribuir-lhe o Prémio Nobel ("captação de uma realidade ilusória"), a tradução oficial da Academia em língua portuguesa expressa "que, com parábolas portadoras de imaginação, compaixão e ironia, torna constantemente compreensível uma realidade fugidia"<sup>121</sup>

[...]

Motivo de alegria para todos portugueses pelo reconhecimento universal do escritor e literatura portuguesa, de alegria para os comunistas portugueses por se tratar de um seu camarada.

Alegria já por mim compartilhada saudando pessoalmente José Saramago em conversa telefónica. (CUNHAL, 1998, p.12)

Analisando os jornais e revistas portuguesas de grande circulação, além do *Jornal de Letras*, no momento da divulgação do nome de Saramago como ganhador do prêmio e no momento da atribuição do prêmio, que foram digitalizados e disponibilizados pela hemeroteca de Lisboa, em decorrência aos 20 anos do recebimento do Nobel por Saramago<sup>122</sup>. Primeiro notamos um interesse e uma especulação pelo caráter político que o discurso de Saramago teria e depois a confirmação disso.

No jornal *Público* de 7 de dezembro, dia atribuição do prêmio e poucos dias antes do discurso do banquete, foi publicado<sup>123</sup>:

Será um discurso sobretudo literário mas atravessado por sinais da visão que Saramago tem do mundo e dos homens. A intervenção mais marcadamente política fica guardada para a cerimónia de entrega do prémio, na próxima quinta-feira dia 10. (COELHO, 1998, p. 20)

O que foi confirmado no discurso que Saramago realizou no dia 10, no qual foi realizada uma "intervenção de um homem que se confessa desiludido e pessimista, ao não

---

<sup>121</sup> O *Jornal de Letras*, em edição especial sobre José Saramago de 14 de outubro de 1998 divulga a nota completa da Academia Sueca e reproduz em Anexo I.

<sup>122</sup> Os jornais e revistas citados podem ser encontrados no seguinte link [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/efemerides/saramago/josesaramago\\_nobel.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/efemerides/saramago/josesaramago_nobel.htm)

<sup>123</sup> COELHO, Alexandra. "As primeiras 24h de Saramago na Suécia" In: *Público*, 7 de dezembro de 1998, p.20-21.



crer que o próximo meio século seja melhor em matéria de Direitos do Homem, mas que se apresenta, ainda assim, esperançado nas capacidades dos cidadãos”<sup>124</sup>. De fato, Saramago realizou um discurso sobre o aniversário de 50 anos da Declaração Universal de Direitos Humanos<sup>125</sup>. Neste ele diz:

Neste meio século não parece que os governos tenham feito pelos direitos humanos tudo aquilo a que moralmente estavam obrigados. As injustiças multiplicam-se, as desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a miséria alastra. A mesma esquizofrénica humanidade capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição das suas rochas, assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte do que ao nosso próprio semelhante.

Alguém não anda a cumprir o seu dever. Não andam a cumpri-lo os governos, porque não sabem, porque não podem, ou porque não querem. Ou porque não lho permitem aquelas que efectivamente governam o mundo, as empresas multinacionais e pluricontinentais cujo poder, absolutamente não democrático, reduziu a quase nada o que ainda restava do ideal da democracia. (SARAMAGO, 2013, p.90)

Essa concepção de defesa dos direitos humanos foi reafirmada com a criação da Fundação José Saramago, em 2007, que em sua declaração de princípios estabelece como uma de suas propostas de Saramago para a Fundação<sup>126</sup>:

Que a Fundação José Saramago assuma, nas suas atividades, como norma de conduta, tanto na letra como no espírito, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, assinada em Nova Iorque no dia 10 de dezembro de 1948. (SARAMAGO, 2007, s/p)

Com a atribuição do Nobel a Saramago, o escritor ganhou ainda mais projeção do que havia conquistado antes, trazendo com isso mais responsabilidades, pois “o prémio

---

<sup>124</sup> MOURA, Manuel. “A voz do comunista no momento real”. In: *Público*, 10 de dezembro de 1998, p. 34. Disponível em: [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/efemerides/saramago/Publico\\_10Dez1998/Publico\\_10Dez1998\\_item1/index.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/efemerides/saramago/Publico_10Dez1998/Publico_10Dez1998_item1/index.html)

<sup>125</sup> Retomaremos a questão da defesa dos direitos humanos no terceiro capítulo da dissertação.

<sup>126</sup> A declaração completa pode ser encontrada no blog *Outros cadernos de Saramago*, que após a morte do escritor passou a ser atualizado pela Fundação José Saramago. Faremos referência a esse documento pelo ano de sua publicação (2007). Disponível em: <https://caderno.josesaramago.org/129773.html>

toma-me mais visível e as coisas que eu diga são mais audíveis”<sup>127</sup>. E isso fica evidenciado quando no dia em que Saramago vai para Lisboa receber as homenagens pela atribuição do Nobel, homenagens do governo e do PCP, também vai apoiar uma greve, junto com outros membros do PCP, promovida pela Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - Intersindical Nacional (CGTP-IN) contra um pacote laboral do Governo.

Quando questionado como lidaria com o fato de ter recebido o Nobel, respondeu (a entrevista foi realizada logo após divulgação de seu nome como ganhador, ou seja, antes de receber o prêmio em Estocolmo):

Se o papel do prêmio Nobel é ser passeado pelo mundo, ser exibido, é evidente que eu não farei isso. Este prêmio Nobel vai continuar a ser quem é, participando como até aqui, com intervenções como até aqui, naquilo que considerar útil, indispensável e necessário. Não assumirei o prêmio Nobel como uma "miss" de beleza que tem de ser exibida em toda a parte ... não aspiro a esses tronos, nem poderia, claro ... !

Mas, se o que tenho vindo a fazer até agora tem tido alguma utilidade para alguém, como voz, como crítica, como análise das circunstâncias, dos factos, da vida política, da vida social, da situação em que o mundo está, então assim continuará a ser. Pode surpreender algumas pessoas que o prêmio Nobel não se limite a desfrutar das satisfações imediatas de quem ganhou, mas o que eu quero dizer é que a única coisa que muda é isso, é que antes não tinha o prêmio e agora o tenho. O homem é o mesmo e continuará a escrever. Também não me deitarei à sombra do prêmio. (SARAMAGO, 1998e, p.30)

É importante lembrar que José Saramago entende o fazer literário como um trabalho, como visto no primeiro capítulo da dissertação:

Eu nunca escrevi com prazer. Ao contrário do que é uso dizer-se, eu não acredito muito no prazer da escrita. Acredito no prazer da leitura. Para mim, a escrita é um trabalho e é muito difícil que um trabalho, entendido assim, dê prazer. Há que estar muito em cima das coisas, não há tempo para o prazer. Depois, sim, quando a obra está feita ou mesmo no decurso dela, quando se volta atrás, se lê e parece bem, aí já há um prazer. Mas é de ver o que já está feito, não no acto de fazer. Além disso, eu tenho sempre uma atitude de desromantizar as coisas. Apesar de ser muito romântico, na vida procuro sempre tirar aquilo que pode fazer perder a claridade com que as coisas devem ser vistas. Desromantizar, desmitificar, relativizar. (SARAMAGO, 1998d, p. 38)

---

<sup>127</sup> SARAMAGO, José. “Eu sou a língua que falo” *Diário de notícia*, 12 de outubro de 1998. Entrevista concedida a Maria João Caetano.

Acreditamos que para Saramago este trabalho vai além de escrever e publicar livros, também se manifesta na participação de entrevistas, palestras, intervenções que contribui para uma reflexão do estado do mundo . Para Saramago, ele representa “uma certa maneira” de ser escritor<sup>128</sup>, que é “uma maneira de ser escritor que não reduz - e não reduziu nunca e cada vez menos procurará reduzir - o papel e a responsabilidade que acho que sempre tive como cidadão e que o facto de ser escritor de uma certa maneira amplia.”<sup>129</sup>. Assim, fazia parte de seu trabalho as palestras, entrevistas e eventos que participou:

Às vezes se ouve uma coisa que não entendo, que não consigo entender. É quando um escritor diz: “Meu único compromisso é com a minha obra”. Não entendo isso, realmente não entendo... Pois ninguém no mundo, na vida, pode dizer que seu único compromisso é com aquilo que faz. Um sapateiro não diria isso, e não entendo por que eu deveria me expressar de uma forma diferente e específica de estar comprometido na sociedade com alguma coisa. Não entendo como poderia estar comprometido apenas com aquilo que faço. Na verdade, tenho de estar comprometido com aquilo que os outros fazem, e com as consequências daquilo que faço e do que os outros fazem; e essas consequências estão no marco da sociedade. A velha torre de marfim: “Estou aqui, criando, produzindo sem saber nem sequer qual é o destino dessas obras-primas”... Realmente não entendo. Mas, claro, aceito isso, embora deva dizer que, para mim, no meu caso, não me serve. (SARAMAGO, 2010, p.227)

E comentando sobre sua atitude e objetivos nas suas conferências, palestras, quando é convidado a falar de forma geral:

Eu sou muitas vezes convidado a fazer conferências em universidades ou onde quer que seja, mas a verdade é que não me passeio pelo mundo com uma conferência debaixo do braço, nem gosto de levar conferências escritas. E tenho sempre a preocupação de que não seja em vão que o escritor fulano (eu) passou por este ou por aquele sítio. Não quero dizer que isto aconteça ou que aconteça sempre; mas desejaria que as pessoas, depois de eu ter passado por lá para dizer aquilo que fui dizer, ficassem a pensar no que disse. E como aquilo que vou lá levar são as minhas preocupações - que por sua

---

<sup>128</sup> Carlos Reis indaga Saramago sobre o fato de ter sido convidado por Adelino Gomes compor um painel de cinco figuras públicas, que regularmente dão uma grande entrevista no programa *O Mundo de...* representando o elemento escritor. E Saramago responde que acredita que foi convidado por justamente representar “uma certa maneira de ser escritor”.

<sup>129</sup> SARAMAGO, José. op. cit., 1998, p. 38.

vez aparecem nos meus livros -, no fundo verifico que só sei falar de mim; ou só sei falar daquilo que, de facto, é importante para mim como pessoa. E isto não tem nada que ver com egoísmos ou com egocentrismos. Não: o que acho é que as questões que me preocupam são questões que, queiram as pessoas reconhecê-lo ou não, a todos preocupam. E assim, quando vou falar das **minhas** preocupações, vou acordar, se estão adormecidas, as preocupações dessas outras pessoas. (grifos do autor) (SARAMAGO, 1998, p. 34)

Assim, Saramago reclamava uma escrita comprometida com o seu tempo. Declarava que não separava a condição de escritor e a de cidadão. Não que tivesse objetivo de transformar sua obra em um panfleto, mas porque escrevia “para o presente, para as pessoas que estão vivas”. Argumentava que: “Meu compromisso é com o meu tempo”<sup>130</sup>. E também porque o homem político engajado vê a sua literatura como forma de mostrar suas preocupações enquanto pessoa, não raras vezes Saramago disse que era um ensaísta que sabia escrever romances, como podemos encontrar no livro de entrevistas de João Céu e Silva:

Não escrevo livros só para contar histórias. No fundo, é provável que eu não seja um romancista. Sou um ensaísta, sou alguém que escreve ensaios com personagens. Creio que é assim: cada romance meu é o lugar de uma reflexão sobre determinado aspecto da vida que me preocupa. (SARAMAGO, 2009, p. 46)

Em homenagem realizada pelo PCP, em 2008, em decorrência dos 10 anos de atribuição ao Nobel<sup>131</sup>, Saramago diz que se para receber o prêmio ele tivesse que deixar de lado sua concepção política e ideológica ele não o faria:

Quando nosso camarada Álvaro Cunhal se submeteu a uma operação de alto risco há alguns anos escreveu algumas cartas que deviam ser remetidas aos seus destinatários, no caso dele não sobrevier a operação. Felizmente para todos nós, e sobretudo para ele, ele sobreviveu, trabalhou, esteve conosco. Estas cartas foram destruídas, em todo caso soubesse, pelo menos sobre a carta que me era destinada, soubesse alguma coisa do que se continha. E o que se continha, era

---

<sup>130</sup> SARAMAGO, José. op. cit., 2010, p. 225.

<sup>131</sup> Um documentário desta homenagem foi realizado pelo PCP e compartilhado no perfil do youtube da Fundação José Saramago, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IWpM5A51BMI> (parte 1), [https://www.youtube.com/watch?v=abzJxu\\_GbKA](https://www.youtube.com/watch?v=abzJxu_GbKA) (parte 2) e <https://www.youtube.com/watch?v=pSE7cPFXBpk&t=357s> (parte 3). Os trechos de falas retirados destes vídeos foram identificados pelo ano de realização do documentário (2008b).

que o camarada Álvaro Cunhal estava convencido, seguro de que eu nunca abandonaria o partido... tinha razão e aqui estou. Há 10 anos quando fui festejar nesse mesmo local [sede do PCP], disse num discurso improvisado como este, que para ganhar o Prêmio Nobel não tinha de ter deixado de ser comunista. E lembro que nos *Cadernos de Lanzarote* quando alguma vez se ajeitou a hipótese que eu viria a ganhar, eu deixei escrito muito claramente de que se para ganhar o Prêmio Nobel era necessário abandonar as minhas convicções políticas e ideológicas não valeria a pena. (SARAMAGO, 2008b, s/p)

Notamos que Saramago utilizou o espaço que conquistou devido ao seu sucesso como escritor para denunciar as injustiças sociais, uma injustiça que atravessa o sistema político e econômico de nossa sociedade, ou seja, que é gerada pela sociedade capitalista. Para ele, é preciso uma transformação social para uma sociedade mais justa e igualitária. O autor mostrou-se nos últimos anos de sua vida um grande crítico do conceito de utopia, mas acreditava que não devemos nos esconder atrás de desejos inatingíveis e sim lutar no hoje por um mundo melhor.

A intervenção que Saramago realizou no V Fórum Social Mundial de Porto Alegre, em 2005, dividindo a mesa com o escritor uruguaio Eduardo Galeano e o jornalista espanhol Ignacio Ramonet em um debate tinha como tema “Quixote hoje: utopia e política”. Saramago realizou uma fala que teve bastante impacto e repercussão, ao realizar uma crítica ao conceito de utopia, argumentando que o que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia<sup>132</sup>.

Saramago foi pragmático ao argumentar que a importância da utopia não está no seu significado de esperança espaço-temporal sempre vislumbrado em um futuro longínquo, mas pelo contrário, na crença de uma transformação imediata, através da ação, como podemos ver no trecho:

---

<sup>132</sup> Uma versão abreviada do discurso foi publicada na revista da Fundação José Saramago em janeiro de 2014, cf. “A única utopia possível”. In: *Blimunda*, N. 20, janeiro de 2014b. E uma parte também pode ser encontrada no youtube, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wHz4rymbxq4>. Quando utilizado trecho transcrito do vídeo será indicado através da data do Fórum (2005)

Quando eu vos digo que não sou um utopista e que até admiti, com toda a franqueza, que me desagrada o discurso sobre a utopia, é porque o discurso sobre a utopia é o discurso sobre o não existente. Toda a gente sabe que a utopia é um lugar que está em um lugar qualquer de que nada se sabe, de que não se conhece o destino nem o caminho para lá chegar. Também não se saberá quando. Mas o pior de tudo é o equívoco tremendo em que caímos, todos, quando falamos de utopia, e que é o seguinte: a utopia, no fundo, no fundo, em termos práticos, significa que eu, que necessito de umas tantas coisas, quer como pessoa quer como membro de uma coletividade, de uma sociedade, estou consciente do que não se pode ter agora, porque os inimigos são mais poderosos, porque me faltam os meios, porque a fruta não está madura, e por isso digo: bom, isso que não pode ser agora, tem de sê-lo um dia

[...]

Então, aquilo que a mim me parece como mais sobriamente, menos retoricamente e, se me permitem, menos demagogicamente, possível é que o único lugar- -tempo onde de facto o nosso trabalho pode ter um efeito, e que esse efeito possa ser reconhecido por nós, discutido por nós, contrastado por nós, para passar ao futuro imediato, é o dia de amanhã. O dia de amanhã é a nossa utopia. (SARAMAGO, 2014b p. 87)

Burghard Baltrusch, em “‘O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia’ - sobre utopia e ficção em José Saramago”<sup>133</sup>, realiza uma análise do discurso de Saramago sobre a utopia inserindo em um debate marxista. O pesquisador salienta que o discurso de Saramago remete para a histórica controvérsia ideológica entre socialismo utópico e marxismo. Indicando que Marx e Engels tinham questionado as propostas e iniciativas social-utopistas de Henri de Saint-Simon, Robert Owen e Charles Fourier, por estes não terem reconhecido a capacidade do proletariado para a organização e ação históricas auto-determinadas. Assim, os fundadores do marxismo aproximaram o utópico da ingenuidade.

Para Baltrusch, Saramago não ficou ancorado nessa perspectiva da utopia, visto que atribuiu o valor da utopia à imediatez do amanhã, “deixou uma porta aberta para a salvação de certos aspectos positivos da ideia utópica”. Segundo o pesquisador, o discurso de Saramago aproxima-se do conceito utópico de Ernst Bloch que, em *O princípio esperança*

---

<sup>133</sup> BALTRUSCH, Burhard. “‘O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia’ - sobre utopia e ficção em José Saramago”. In: BALTRUSCH, Burhard. *‘O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia’ - estudos sobre utopia e ficção em José Saramago*. Berlim: Frank & Timme, 2014, p. 9-18.

(1959), se distanciou da crítica realizada por Marx e Engels, como também das noções abstratas de More e Fourier, entre outros. Bloch propunha:

o oximoro de uma “utopia concreta” que estaria “no horizonte de toda a realidade” como uma “possibilidade real” (1959, 3: 258). Ao colocá-lo neste contexto, o discurso saramaguiano de uma resistência antiglobalização ultrapassa o debate histórico entre os socialismos utópico e científico. Na sua intervenção de 2005, o Nobel português também usara a metáfora do Quixote reescrito por Pierre Ménard, do conhecido conto de Borges, relacionando-a com a necessidade de redefinição ou retradução constante dos conceitos de utopia ou justiça. BLOCH *apud* BALTRUSCH, 2014, p.14)

É importante acrescentar ao argumento de Baltrusch, que a crítica de Saramago é ao conceito de utopia, uma vez que passamos muito tempo analisando, refletindo, classificando as utopias, quando seria mais útil realizar ações, no hoje, que poderiam gerar importantes alterações na sociedade:

o único lugar-tempo onde efetivamente que o nosso trabalho pode ter um efeito e que esse efeito pode ser reconhecido por nós, discutido por nós, contestado por nós para passar para o futuro imediato é o dia de manhã. O dia de amanhã é nossa utopia. É com o trabalho de hoje que se constrói não já utopia de amanhã, porque essa a utopia já sabemos que não é tão modesta em questões de ambições de tempo, sempre se projeto não sabe quando, não se sabe donde... Com a nossa pequena vida que temos, e com nossa relativa esperança de que amanhã ainda estaremos todos vivos, é com o trabalho de hoje que amanhã se fará. E é com o trabalho do que está passando aqui no Fórum Social Mundial que o dia de amanhã poderá sofrer, receber, captar alguma transformação.  
[...]

Se nós fossemos em cada momento cumprindo aquilo que chamamos de nossas utopias, se a realização delas fossem possível num prazo curto, isso seria o bom, isso seria po útil. Não chamaríamos utopia, chamaríamos apenas trabalho, objetivo, caminho, determinação, meios vontade, nada mais...Não chamaríamos de utopia, somos obrigados, ou temos sido obrigados a dar esse nome, porque como quem dá um nome que fica suspenso, pairando aí no ar e que já não sabemos que faremos com ele, quando alguma coisa que temos segura é o dia de amanhã. (SARAMAGO, 2005, s/p)

Dessa forma, Saramago não quis entender a utopia como um futuro longínquo, mas como parte do presente histórico, das nossas ações, do nosso trabalho, da nossa luta no amanhã. Coerente com o esse discurso, pediu que das reuniões realizadas em Porto Alegre

se retirassem propostas concretas, caso contrário o Fórum anual correria o risco de se tornar em uma simples encontro:

Como se Porto Alegre fosse uma Meca para onde os fiéis, que somos nós, fôssemos e atirássemos pedras ao diabo, que não está em Meca e nem aqui. Peço-vos que o Fórum não se transforme num partido político, mas que tome algumas posições que sejam, pela sua importância, merecedoras de divulgação frequente nos média e não só algo bonito que acontece uma vez por ano. Para cumprir os objetivos que o fizeram nascer é preciso formular algo que contrarie pela positiva o estado atual do mundo. (SARAMAGO *apud* VIEL, 2014, p. 84)

Ainda é interessante retomar à Sabatina da Folha de São Paulo:

Fui convidado para ir ao programa de Bernard Pivot [...], e é claro, a pergunta inevitável apareceu e é formulada quase sempre da mesma forma: Por que você depois da queda da União Soviética, do derrubamento do muro de Berlim, dos processos de Moscou, da invasão da Hungria, por que você continua a ser comunista? Claro, eu poderia perguntar para a pessoa se ela era católica, provavelmente dizia que sim, ou qualquer das igrejas cristãs, e eu teria perguntado para seguir na mesma linha, depois da Inquisição como você continua a acreditar. Mas não, naquele momento nasceu-me uma outra resposta, sabe eu sou aquilo que poderia se chamar comunista hormonal. (SARAMAGO, 2008, s/p)

Para essa questão de comunistas terem que lidar com uma interpretação de que o comunista significa violência e ditadura, o trabalho de Daniel Bensaid gera uma reflexão importante. No artigo “Forças do Comunismo”, o pesquisador marxista indica que a palavra “comunismo” sofreu grandes prejuízos devido a sua captura pela burocracia do Estado e sua submissão à empresa totalitária<sup>134</sup>. Mas Bensaid acreditava que a palavra “comunismo” vale a pena ser reparada e posta em movimento.

Para isso é necessário refletir o que se tornou o comunismo no século XX, uma vez que:

A palavra e a coisa não poderiam continuar fora do tempo e das experiências históricas às quais foram submetidas. O uso massivo do título comunista para nomear o Estado liberal autoritário chinês será mais penoso durante bastante

---

<sup>134</sup> O artigo compõe o livro *Centelhas - Marxismo e Revolução no Século XXI, de Daniel Bensaid e Michael Löwy, organizado por José Correia Leite*. Mas é possível lê-lo no blog da editora Boitempo, através do link <https://blogdaboitempo.com.br/2018/01/12/bensaid-forcas-do-comunismo/>



tempo, aos olhos do maior número, que as frágeis inovações teóricas e experimentais de uma hipótese comunista. A tentação de se furtar ao inventário histórico crítico equivaleria a reduzir a ideia comunista a “inventários” atemporais, a fazer disso um sinónimo das ideias indeterminadas de justiça ou de emancipação, e não a forma específica da emancipação na época da dominação capitalista. A palavra perde então em precisão política o que ela ganha em extensão ética ou filosófica. Uma das questões fundamentais é saber se o despotismo burocrático é a continuidade legítima da revolução de Outubro ou o fruto de uma contra-revolução burocrática, comprovada não somente pelos processos, as purgas, as deportações massivas, mas pelos transtornos dos anos trinta na sociedade e no aparelho de Estado soviético. (BENSÄID, 2018, s/p)

Vemos que para Bensäid não se deve ceder a uma identificação do comunismo à ditadura totalitária stalinista. E nem identificar o comunismo com uma ideia abstrata. Dessa forma, a concepção do “comunismo” continua sendo a que melhor representa a igualdade, a solidariedade, a emancipação, ou seja, é a que conserva um sentido histórico e carga programática oposta ao capitalismo.

Acreditamos que Saramago também compartilhava de uma crença na potencialidade da palavra comunismo e das ideias de Marx e Engels. Assim, quando indagado por João Céu e Silva sobre o renascer das ideias de Marx, responde:

As ideia não estavam tão perdidas assim nem nunca estiveram [as ideias de Marx]! O que acontece é que um triunfalismo, que afinal de contas não era mais do que um gigante com pés de barro, do neo-liberalismo económico nestes últimos 20 anos assim o ditou. Temos que nos recordar que o senhor Fukuyama, funcionário do departamento de Estado dos Estados Unidos, anunciou com toda a simplicidade e como se fosse algo óbvio o fim da História. Ele atreveu-se a dizer que o sistema político-económico - porque aqui não há que separar uma coisa da outra - vigente era o estado definitivo a que a humanidade deveria chegar e a partir daí realmente acabava-se a história Eu não percebo porque é que esse senhor que era historiador ou um entendido em matérias que decorriam da própria actividade do departamento de Estado produz uma enormidade como essa. (SARAMAGO, 2009, p. 384)

Nesse sentido, o prefácio que escreveu em 2001 para o livro *Che Guevara: contribuição ao pensamento revolucionário*, é interessante<sup>135</sup>. Neste, Saramago analisa a

---

<sup>135</sup> SARAMAGO, José. “Breve meditação sobre um retrato de Che Guevara”. In: PÉREZ, Manolo. *Che Guevara: contribuição ao pensamento revolucionário*. São Paulo: Expressão Popular, 2001, p. 7-10.

simbologia da imagem Che e da chegada de forma clandestina de seu retrato, “o mais célebre de todos”, o “feito com manchas de preto e vermelho” em um Portugal cerceado pelo fascismo. Retrato que naqueles tempos “se tornou em imagem universal dos sonhos revolucionários do mundo”.

Após isso, atenta para o fato de que esse retrato também foi usado como um “adorno incongruente” em muitos lugares, visto que para muitas portuguesas a adesão ao socialismo não passou de um “de um mero capricho conjuntural”. Com isso, ele propõe a reflexão: o que diriam essas pessoas, se perguntadas hoje, sobre si ao relembrar o significado que o retrato de Che Guevara teve um dia para elas:

Alguns diriam que a vida mudou, que Che Guevara, ao perder a sua guerra, nos fez perder a nossa, e portanto era inútil ficar a chorar, como uma criança, o leite derramado. Outros confessariam que se deixaram envolver por uma moda do tempo, a mesma que fez crescer barbas e alargar as melenas, como se a revolução fosse uma questão de cabeleireiro. Os mais honestos reconheceriam que o coração lhes dói, que sentem nele o movimento perpétuo de um remorso, como se a sua verdadeira vida tivesse suspenso o curso e agora lhes perguntasse, obsessivamente, aonde pensam ir sem ideais nem esperança, sem uma idéia de futuro que dê algum sentido ao presente.

“Che Guevara, se tal se pode dizer, já existia antes de ter nascido, Che Guevara, se tal se pode afirmar, continuou a existir depois de ter morrido. Porque Che Guevara é só o outro nome do que há de mais justo e digno no espírito humano. O que tantas vezes vive adormecido dentro de nós. O que devemos acordar para conhecer e conhecer-nos, para acrescentar o passo humilde de cada um ao caminho de todos.” (SARAMAGO, 2001, p. 9)

Percebemos, então, que Saramago construiu uma argumentação que indica uma continuidade de postura e de entendimento de mundo. Concordamos que exista sim uma continuidade, mas também notamos diversas nuances expressas nesses conceitos criados sobre o que é ser comunista. Mesmo não abdicando de seus princípios político-ideológicos de fundamentação marxista encontramos diferentes formulações, e assim justificativas, sobre porque se manter comunista.

Sua carreira foi marcada por intervenções onde para o que considerava injusto. Em 2004, Saramago reitera expressamente que não abandonaria suas convicções e nem o seu ativismo:

É óbvio que tenho noção de que talvez me fosse mais cômodo assumir uma postura menos interventiva do ponto de vista cívico e social. Afinal, quantos prêmios Nobel da Literatura fazem o mesmo? Mas, aos que acham que não deveria aborrecer-me com essas questões, respondo da mesma maneira à do dia em que soube da decisão da Academia Sueca: “Sim, tenho o Nobel, e o quê?”. Nada mudou. Embora a idade seja o que já é — os 81 anos, felizmente, não me pesam, mas sempre vão pesando — não vou mudar. Gosto de olhar-me ao espelho todas as manhãs e ver que sou um tipo porreiro. (SARAMAGO *apud* AGUILERA, 2008, p. 124-125)

Assim, para Saramago o comunismo não é para ser entendido como os crimes que aconteceram em seu nome, assim como as igrejas cristãs não podem ser reduzidas à inquisição. E nem a uma ideia de Progresso ou do destino da História, mas sim de uma de uma ação para transformar o mundo, com isso a necessidade do engajamento do homem. Dessa forma, teses como a de Fukuyama sobre o fim da história são falsas e a necessidade de se lutar por um outro entendimento de utopia, que indique um trabalho e luta no presente.

### Capítulo 3

#### Democracia e Direitos Humanos face à ideologia neoliberal

entre tantas outras discussões necessárias ou indispensáveis, é urgente, antes que se nos torne demasiado tarde, promover um debate mundial sobre a democracia e as causas da sua decadência, sobre a intervenção dos cidadãos na vida política e social, sobre as relações entre os Estados e o poder económico e financeiro mundial, sobre aquilo que afirma e aquilo que nega a democracia, sobre o direito à felicidade e a uma existência digna, sobre as misérias e as esperanças da humanidade, ou, falando com menos retórica, dos simples seres humanos que a compõem, um por um e todos juntos.

José Saramago<sup>136</sup>

José Saramago, a partir de meados dos anos 90 e nos anos 2000, acentuou sua crítica ao modelo de democracia neoliberal no qual vivemos, argumentando que esta está mutilada e amputada - ou como na epígrafe, decadente - pelos poderes econômico e financeiro que não visam o bem-estar da população, mas sim seus interesses. Entende que as democracias e seus governos, mesmo que eleitos democraticamente, se encontram limitados por estes poderes, que por sua vez não são democráticos.

A globalização neoliberal, em seu ponto de vista, é incompatível com os direitos humanos, pauta que Saramago passou a defender com mais ênfase também durante esse período, chegando a discursar no Nobel, em 1998, pela necessidade do respeito aos direitos humanos e a denúncia de seu descomprimento. Prova disso, é o estado do mundo, com sua desigualdade, a fome, a violência, a exclusão de grande parte da população de seus direitos.

---

<sup>136</sup> A epígrafe foi retirada do texto, intitulado “Este mundo da injustiça globalizada”, que Saramago enviou para o encerramento do Fórum Social Mundial de 2002. O texto completo pode ser encontrado no site do domínio público: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000302.pdf>

Dessa forma, neste capítulo procuramos entender a argumentação de Saramago quando critica a democracia e a sua defesa aos direitos humanos, bem como a relação entre estes. Para isso, analisamos o livro *Democracia e universidade*, no qual encontramos duas conferências proferidas por Saramago nos anos de 2003 e 2005, obra fundamental para compreensão da leitura e dos problemas que o autor enxergava no regime democrático neoliberal. E para o tema dos direitos humanos, foi utilizado o discurso que Saramago realizou no Nobel, 1998, e o texto “Este mundo de injustiça globalizada” escrito para o Fórum Social Mundial de 2002.

Além dos discursos e conferências de Saramago, também foram usados textos do jornal do PCP, *Avante!*, para observar como o partido tratou desse tema na época do discurso de seu membro ilustre, visto que a defesa dos direitos humanos é um tema controverso dentro do marxismo. É conhecida a crítica realizada por Karl Marx, em *Sobre a questão judaica*, à abstração do conceito<sup>137</sup>.

Tendo em vista tal controvérsia nos dedicamos a entender a argumentação de Saramago em relação da tradição do que ficou conhecido como marxismo ocidental. Devido a postura humanista de suas reflexões, contra a degradação da condição do homem na sociedade e crítica à alienação.

O conceito de marxismo ocidental foi consagrado a partir da publicação de *Considerações sobre o marxismo ocidental*, de Perry Anderson, ensaio escrito em 1974 e

---

<sup>137</sup> Será realizada no tópico 3.2 deste capítulo a análise realizada por Marx em *Sobre a questão judaica*.

publicado em 1976<sup>138</sup>. Anderson realiza uma análise geracional e cartográfica do marxismo clássico e do marxismo ocidental<sup>139</sup>.

O historiador inglês aponta como centro de gravidade do marxismo ocidental três países, Alemanha, França e Itália. Essa tradição é constituída por duas gerações, a primeira composta por Lukács, Gramsci, Korsch, Benjamin, Horkheimer, Della Volpe e Marcuse, intelectuais que nasceram nas décadas de 1880-1890. E a segunda formada por Lefebvre, Adorno, Sartre, Goldmann e Althusser, nascidos durante as décadas de 1900 e 1910, e, por último, cita Colletti, que nasceu durante a década de 1920.

Destaca-se que nesta conceituação cabem autores muito distintos, mas que se caracterizam por uma tentativa de superação da interpretação dominante tanto na II, quanto na III Internacional, principalmente, depois de 1924. Segundo Anderson o marxismo ocidental se dedicou a temas que tinham ocupado um interesse menor para o marxismo clássico e oriental:

O marxismo europeu, como vimos, inibiu-se progressivamente de qualquer confronto teórico com os principais problemas políticos ou económicos a seguir aos anos 20. Gramsci foi o último destes pensadores que, nos seus textos, abordou directamente as questões fundamentais da luta de classes. Contudo, também ele nada escreveu sobre a economia capitalista propriamente dita, no sentido clássico de analisar as leis de movimento do modo de produção como tal. Após ele, um mesmo silêncio passou a encobrir a ordem política da dominação burguesa, assim como os meios de a derrubar. Daí resultou que, no seu conjunto, quando o marxismo ocidental ia além das questões de método para abordar problemas de feição prática, acabava por se concentrar predominantemente no estudo das superestruturas. [...] Foi principalmente sobre a cultura que a sua atenção se debruçou. Foi sobretudo a Arte que, no domínio da própria cultura, mobilizou as energias e os talentos intelectuais mais importantes do marxismo ocidental. (ANDERSON, 1976, p. 98-99)

---

<sup>138</sup> A origem do conceito de marxismo ocidental remete a Korsch e a Merleau-Ponty.

<sup>139</sup> Domenico Losurdo, em 2017, publicou o livro *O Marxismo ocidental*, trabalho que elenca diversos autores marxistas para defender a existência de um típico do ocidente. Avança em relação ao trabalho citado de Anderson, uma vez que chega em autores contemporâneos, como David Harvey e Slavov Zizek. O conceito de marxismo ocidental também sofreu críticas, Pedro Neto no artigo “Crítica ao conceito de marxismo ocidental”, utilizando autores como Andrzej Walicki e Alvin Gouldner indica que é um equívoco a dicotomia entre marxismo soviético e ocidental, bem como indicar a década de 20, com trabalhos de Lukács e Gramsci, o surgimento da preocupação com a filosofia, cultura e arte no interior do marxismo.

Anderson defende que o deslocamento temático teria se dado em duas direções. A primeira em relação com a filosofia, a relação entre marxismo e Hegel assume grande importância. E a segunda foi diálogo dos diferentes teóricos do marxismo ocidental com correntes representantes da cultura burguesa, tais como a linguística de Saussure, a psicanálise de Freud, a sociologia de Weber a fenomenologia de Husserl e a filosofia de Heidegger, entre outras. Vale ressaltar que, como Anderson, indica os teóricos do marxismo ocidental se voltaram significativamente para textos do “jovem Marx”.

### **3.1 O que significa dizer que a democracia deve ser tratada como ponto de partida e não de chegada?**

O título deste subcapítulo refere-se à seguinte frase: “Cuando yo digo que la democracia no es un punto de llegada, sino de partida, la gente me mira como si hubiera caído de la luna o yo que sé...”, dita por Saramago em uma entrevista realizada por Vítor Sampadreja junto a Saramago e Ignacio Ramonet<sup>140</sup>. A escolha se justifica, visto que Saramago manifestava em suas intervenções uma crítica da sociedade capitalista e a descrença de que em uma sociedade neoliberal poderíamos viver uma cidadania plena, bem como um respeito aos direitos humanos. Nosso objetivo é entender como Saramago construiu um discurso crítico sobre a atual democracia, isto é, como se voltou contra os contornos da democracia na contemporaneidade e não ao seu ideário.

Para isso vamos realizar uma leitura crítica do livro *Democracia e universidad*<sup>141</sup>, compostos por dois textos. O primeiro recebe o mesmo nome que o livro e é originado de

---

<sup>140</sup> SARAMAGO; RAMONET. op. cit. 2010b, p. 27

<sup>141</sup> SARAMAGO, José. op. cit., 2013b. Vale apontar que “Verdade e Ilusão democrática” pode ser encontrado completo no site da Fundação José Saramago, bem como uma versão reduzida de “Democracia e Universidad”. <https://www.josesaramago.org/verdade-e-ilusao-democratica/>  
<https://www.josesaramago.org/democracia-e-universidade-2/>

uma conferência que ocorreu na *Universidad Complutense de Madrid*, em 2005. A publicação contém o debate realizado ao fim da conferência. O segundo recebe o título de “Verdade e Ilusão democrática”, também originado de uma conferência, ocorrida em 2003 em Santiago do Chile no ciclo de conferências intitulado *Las Conferencias de la Moneda*<sup>142</sup>

José Saramago começa a conferência com uma breve inflexão sobre o significado das palavras, nos indicando que os significados destas não são imutáveis, ou seja, as palavras continuam as mesmas graficamente, mas com outros significados. O autor nos recorda do famoso conto de Jorge Luis Borges, “Pierre Menard, autor do *Quixote*”, no qual é chamada atenção que a palavra “justiça” mesmo sendo a mesma mudou de significado:

Mas estando onde estamos, no século XXI, devemos ser conscientes de que a palavra “justiça”, cruzou quatro séculos a acumular diferentes significados; isto é, a palavra está aqui, recorrendo a ela, morfológicamente é igual, o que é diferente é o que a palavra encerra, o que diz, o conceito. Tudo muda, sim, e temos de estar alerta (SARAMAGO, 2013b, p. 16)

Poderíamos pensar por que Saramago está falando de palavras e seus significados no decorrer dos séculos quando foi chamado para falar de democracia e universidade? A resposta é simples, para Saramago as palavras democracia e universidade não só tiveram seu significado alterado ao longo da história, mas também são palavras que se “equivocam conscientemente, as que enganam, as palavras que mentem porque quem as diz está a manipular para alcançar objetivos que de outra forma não poderia conseguir”<sup>143</sup>.

No início de sua leitura sobre o conceito de democracia aponta que esta não pode significar apenas a junção de algumas palavras bonitas, mas que na realidade pouco significam, visto que elas negam justamente o que afirmam. Para entender a reflexão de

---

<sup>142</sup> Para fins de esclarecimento dos trechos retirados das duas conferências, a primeira compreende das páginas 13 a 43, enquanto “Verdade e Ilusão democrática” das páginas 59 a 73. Ressalto, ainda, que o debate não foi utilizado.

<sup>143</sup> SARAMAGO, José. “Democracia e Universidade”. In: SARAMAGO, José. op. cit., 2013b.p. 18.



Saramago, é fundamental compreender quem nos tem negado o real significado da palavra democracia. Mas, antes é importante que se discuta e compreenda o que o conceito de democracia diz representar.

Em “Verdade e Ilusão democrática”, Saramago é mais direto em sua crítica e inicia o texto indicando a origem da democracia, na Grécia antiga. A partir de *Política* de Aristóteles, é apresentada a definição do conceito de democracia, ou seja, governo em que o povo exerce a soberania. Mostra que na leitura de Aristóteles “os cidadãos ricos, embora participando, com toda a legitimidade democrática, no governo da *polis*, sempre estariam em minoria nele, pelo simples efeito de uma proporcionalidade imperativa e incontestável”<sup>144</sup>. Esta democracia pressupunha uma participação de todos os homens livres no governo da cidade e se baseava de forma direta através das assembleias populares.

Em um segundo momento, Saramago indica que a continuadora do sistema democrático foi Roma, porém o sistema não conseguiu se estabelecer. Para Saramago os empecilhos encontrados em Roma podem nos alertar para os limites de nossa democracia contemporânea:

o principal e definitivo obstáculo à implantação da democracia em Roma proveio do enorme poder económico de uma aristocracia fundiária que, muito justificadamente, via no sistema democrático um inimigo directo dos seus interesses. Embora tendo presente o risco de generalizações abusivas a que as extrapolações de tempo e de lugar sempre nos podem levar, é irresistível que me interrogue sobre se os impérios económicos e financeiros dos nossos dias, multinacionais e pluricontinentais, não estarão, eles também, fiéis à exclusiva e implacável lógica dos interesses, a trabalhar, fria e deliberadamente, para a eliminação progressiva de uma possibilidade democrática que, cada vez mais afastada temporalmente das suas indecisas expressões de origem, vai a caminho de um rápido estiolamento, por enquanto ainda mantida nas suas formas exteriores, mas profundamente desvirtuada na sua essência (SARAMAGO, 2013b, p.61-62)

---

<sup>144</sup> SARAMAGO, José. “Verdade e Ilusão democrática”. In: SARAMAGO, José. op. cit., 2013b.

A comparação pode causar um certo estranhamento, mas evidencia uma crítica clara: o capitalismo e a globalização são incompatíveis com uma democracia plena. Saramago irá aprofundar a questão mais adiante no texto ao discutir a questão do poder, mas no momento é importante a indicação desta crítica, em que a democracia não representa o interesse do povo, mas sim dos dirigentes dos “impérios econômicos e financeiros”. Para ele, mesmo que possamos classificar o atual estado como uma democracia, através de definições formais, não significa que realmente alcançamos uma sociedade realmente democrática:

Qualquer manual elementar de Direito Político nos informaria que a democracia é «uma organização interna do Estado em que cabe ao povo a origem e o exercício do poder político, uma organização em que o povo governado governa por intermédio dos seus representantes», ficando assim asseguradas, acrescentaria o dito manual, «a intercomunicação e a simbiose entre governantes e governados, no quadro de um Estado de direito». Em minha modesta opinião, aceitar acriticamente definições como esta, sem dúvida de uma pertinência e de um rigor formal que quase tocam a fronteira das ciências exactas, corresponderia, se nos transportássemos ao quadro pessoal da nossa quotidianidade biológica, a não dar atenção à gradação infinita de estados mórbidos, patológicos ou degenerativos de diversa gravidade que é possível, em cada momento, perceber no nosso próprio corpo. (SARAMAGO, 2013b, p.60)

Vemos que Saramago denuncia as limitações que uma noção abstrata de democracia esconde, em suas palavras “um corpo autoritário particular sob as roupagens democráticas gerais”<sup>145</sup>. Para o autor, está evidente que ainda temos muito a caminhar. Mas como, em qual direção? Uma participação ativa das pessoas comuns na vida política aparece como fundamental. Assim, Saramago elabora uma crítica à noção de democracia representativa porque, mesmo o voto representando a vontade política de quem vota, significa uma renúncia ao seu exercício da ação política:

creio poder concluir que sendo o acto de votar, objectivamente, pelo menos em grande parte da população de um país, uma forma de renúncia temporal à acção política que deveria ser-lhe natural e permanente, mas que se vê adiada e posta em surdina até às eleições seguintes, altura em que os mecanismos delegatários recomeçarão do princípio para da mesma maneira virem a terminar, ela, essa

---

<sup>145</sup> Ibid., p. 64-65.

renúncia, poderá ser, não menos objectivamente, para a minoria dos eleitos, o primeiro passo de um processo que, estando democraticamente justificado pelos votos, não raras vezes prossegue, contra as baldadas esperanças dos iludidos votantes, objectivos que de democráticos nada têm e que poderão até, na sua concretização, chegar a ofender frontalmente a lei. (SARAMAGO, 2013b, p. 65)

Saramago continua a argumentação apontando que classificar uma democracia através de maneiras quantitativas e mecânicas (partidos, parlamentos, governos) sem se proceder um exame sério e conclusivo de como são utilizados os votos que os colocaram no lugar que ocupam é um equívoco. Dessa forma, é imperativo que se se discuta sempre o que significa democracia. O que, para Saramago, não está sendo feito, uma vez que “uma democracia que não se auto-observe, que não se auto-examine, que não se autocritique, estará fatalmente condenada a ancilosar-se”<sup>146</sup>.

Voltemo-nos agora a uma questão fundamental, a questão do poder, que como já está claro não está nas mãos do povo. Para Saramago, o autêntico poder no capitalismo, é o poder econômico, financeiro, os quais não votamos, “que está num lugar não assinalado, a pressionar, a exigir, a mandar”<sup>147</sup>. Ou seja, podemos concluir que são esses poderes que mutilam e pervertem o significado da palavra democracia:

E pode acontecer que os países democráticos, com governos escrupulosamente democráticos, se encontrem na terrível situação de ter de cumprir obrigações que lhes são impostas de cima, e esse “de cima” não é democrático.

Esse é o grande paradoxo.

Depois de ter feito uma campanha eleitoral, com comícios, discursos, panfletos, cartazes nas paredes, propaganda televisiva, debates, isto é, tudo que é necessário para clarificar projetos, depois de nos termos empenhado a fundo para eleger um governo democrático, vemos que este pode acabar refém, ou dependente, vou ser mais moderado, do que decida, por exemplo o Fundo Monetário Internacional, em que também não votámos, ou a Organização Mundial do Comércio, que também não votámos, ou outras organizações supranacionais com interesses que não são os dos votantes. E cito estes organismos porque dos das grandes empresas multinacionais e pluricontinentais nem quero falar... (SARAMAGO, 2013b, p. 30)

---

<sup>146</sup> Ibid., p. 67.

<sup>147</sup> Ibid., p. 30.

Em “Verdade e Ilusão democrática”, Saramago também comenta a necessidade de se identificar quem detém o poder e como que se chegou a ele, bem como verificar o uso do que se faz, os meios de que se serve e seus fins. Salienta que se a democracia realmente fosse o que se diz ser - o poder do povo, pelo povo e para o povo - discutir o poder não teria sentido, uma vez que “sendo o povo a administrar o poder, está claro que só poderia fazer para o seu próprio bem e para a sua felicidade”<sup>148</sup>. Porém, analisando a situação do mundo em que vivemos só “um espírito perverso, panglossiano até ao cinismo, teria a ousadia de afirmar que o mundo que vivemos é satisfatoriamente feliz”<sup>149</sup>.

O que podemos entender desse raciocínio de que se o poder estivesse com o povo este se encontraria feliz? Que vivemos em uma falsa democracia e que o poder não está nas mãos de quem se diz estar. Saramago nos leva a questionar e problematizar um objeto sócio-histórico como a democracia. E mais: como realizar isso sem defender sistemas não democráticos? Para Saramago, o ponto fundamental é justamente entender onde está o poder:

Efectivamente, dizer hoje «governo socialista», ou «social-democrata», ou «democrata-cristão», ou «conservador», ou «liberal», e chamar-lhe «poder», é como uma operação de cosmética, é pretender nomear algo que não se encontra onde se nos quer fazer crer, mas sim em outro e inalcançável lugar – o do poder económico –, esse cujos contornos podemos perceber em filigrana por trás das tramas e das malhas institucionais, mas que invariavelmente se nos escapa quando tentamos chegar-lhe mais perto e que inevitavelmente contra-atacará se alguma vez tivermos a louca veleidade de reduzir ou disciplinar o seu domínio, subordinando-o às pautas reguladoras do interesse geral. Por outras e mais claras palavras, afirmo que os povos não elegeram os seus governos para que eles os «levassem» ao mercado, e que é o mercado que condiciona por todos os modos os governos para que lhe «levem» os povos. E, se assim falo do Mercado (agora com maiúscula), é por ser ele, nos tempos modernos, o instrumento por excelência do autêntico, único e insofismável poder realmente digno desse nome que existe no mundo, o poder económico e financeiro transnacional e pluricontinental, esse que não é democrático porque não o elegeu o povo, que não é democrático porque não é regido pelo povo, que finalmente não é democrático porque não visa a felicidade do povo. (SARAMAGO, 2013b, p. 70-71).

---

<sup>148</sup> Ibid., p. 69.

<sup>149</sup> Ibid., p. 69.

Na conferência “Democracia e Universidade”, Saramago nos apresenta um exemplo de como esse Mercado - com M maiúsculo como frisou no trecho anterior - controla dos governos. O exemplo citado é a questão da situação atual do emprego precário, problema cada vez maior que a população tem enfrentado<sup>150</sup>. Questão que obviamente não foi prometida por nenhum governo eleito, porém:

o poder económico fez saber ao poder político que a situação não lhe convinha, que emprego estável e para a vida, por muito bom que fosse para os cidadãos, ia contra seus interesses, que precisava de ter mãos livres para poder aumentar os lucros sem estar preocupado com os modelos de cada empresa, e portanto os governos não tiveram outro remédio se não propor leis que permitiriam passar da aspiração utópica do pleno emprego para a situação atual do emprego precário. E isto aconteceu como se se tivesse anestesiado, num processo absolutamente extraordinário e sem que ninguém se desse conta, toda a população. (SARAMAGO, 2013b, p. 33)

Saramago indica que não fez mais do que revelar algumas verdades e que precisamos enfrentar estes fatos de que possuímos um sistema democrático conduzido por um sistema não democrático. O sistema de organização social que chamamos de democracia se tornou cada vez mais uma plutocracia e que a democracia ocidental entrou em um processo de transformação retrógrada, que está gerando sua própria negação. Em sua argumentação notamos uma incompatibilidade entre neoliberalismo e democracia.

Dessa forma, é importante compreender o desenvolvimento da política neoliberal. Perry Anderson no artigo “Balanço do neoliberalismo” realiza um histórico do

---

<sup>150</sup> Neste ponto é interessante apontar que no texto escrito para o Fórum Social Mundial de 2002, Saramago afirma que os governos estão se “tornando cada vez mais em meros "comissários políticos" do poder económico, com a objectiva missão de produzirem as leis que a esse poder convierem, para depois, envolvidas no açúcares da publicidade oficial e particular interessada, serem introduzidas no mercado social sem suscitar demasiados protestos, salvo os certas conhecidas minorias eternamente descontentes...” Cf. SARAMAGO, José. “Este mundo da injustiça globalizada”, 2002. In: [www.dominipublico.gov.br/download/texto/ph000302.pdf](http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/ph000302.pdf)

neoliberalismo, desde o início de sua defesa no pós-guerra até a sua aplicação política nos anos de 1980, com o objetivo de diferenciá-lo do liberalismo clássico do século XIX<sup>151</sup>.

Anderson aponta que, em 1947, enquanto as bases do Estado de bem - estar na Europa do pós-guerra efetivamente se construía, Friedrich Hayek convocou uma reunião na estação de Mont Pèlerin, na Suíça, entre os adversários do Estado de bem - estar europeu e do New Deal estadunidense<sup>152</sup>. Foi fundada, assim, a Sociedade de Mont Pèlerin, de caráter neoliberal, que a cada dois anos organizava reuniões internacionais e cujo propósito “era combater o keynesianismo e o solidarismo reinantes e preparar as bases de um outro tipo de capitalismo, duro e livre de regras para o futuro”<sup>153</sup>.

Porém, a condição para a aplicação dos ideais neoliberais não eram favoráveis, as décadas de 50 e 60 foram marcadas por uma fase de auge sem precedentes do capitalismo avançado, sua “idade de ouro”. A situação mudou com a chegada de uma grande crise do modelo econômico do pós-guerra. Anderson salienta que, em 1973, todo o mundo capitalista avançado caiu em uma longa e profunda recessão, que combinava baixas taxas de crescimento com altas taxas de inflação. A partir disso, as ideias neoliberais começaram a ganhar espaço:

As raízes da crise, afirmavam Hayek e seus companheiros, estavam localizadas no poder excessivo e nefasto dos sindicatos e, de maneira mais geral, do movimento operário, que havia corroído as bases de acumulação capitalista com suas pressões reivindicativas sobre os salários e com sua pressão parasitária para que o Estado aumentasse cada vez mais os gastos sociais. Esses dois processos destruíram os níveis necessários de lucros das empresas e desencadearam processos inflacionários que não podiam deixar de terminar numa crise generalizada das economias de mercado [...] A estabilidade monetária deveria ser a meta suprema de qualquer governo. Para isso seria necessária uma disciplina orçamentária, com a contenção dos gastos com bem-estar, e a restauração da taxa “natural” de desemprego, ou seja, a criação de um exército de reserva de trabalho para quebrar os sindicatos.

---

<sup>151</sup> ANDERSON, Perry. “Balanço do neoliberalismo”. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p.19- 23.

<sup>152</sup> Participaram do encontro Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Ludwig Von Mises, Walter Eupken, Walter Lipman, Michael Polanyi, Salvador de Madariaga, entre outros.

<sup>153</sup> *Ibid.*, p.10.

Ademais, reformas fiscais eram imprescindíveis, para incentivar os agentes econômicos. (ANDERSON, 1995, p. 11-12)

A hegemonia deste programa não se realizou do dia para a noite, os anos 70 foram marcados por uma maioria dos governos da Organização Europeia para o Comércio e Desenvolvimento (OCDE) aplicando medidas keynesianas às crises econômicas. Mas, ao final da década, em 1979, ocorreu uma virada, na Inglaterra, foi eleito o governo Thatcher, “o primeiro regime de um país de capitalismo avançado publicamente empenhado em pôr em prática o programa neoliberal”. E em 1980, Reagan chegou à presidência dos Estados Unidos. Em 1982, Kohl derrotou o regime social liberal de Helmut Schmidt, na Alemanha. Em seguida, a maioria dos países norte da Europa ocidental, com exceção da Suécia e da Áustria, também aderiram a medidas neoliberais.

Indica também que o ideário do neoliberalismo havia sempre incluído, como componente central, o anticomunismo. O novo combate contra a URSS, que eclodiu com a intervenção soviética no Afeganistão, fortaleceu o poder de atração do neoliberalismo político, consolidando o predomínio da nova direita na Europa e na América do Norte. Os anos 80 viram o triunfo mais ou menos incontestado da ideologia neoliberal nesta região do capitalismo avançado.

Anderson aponta as características da política de cada um desses países, no qual o governo de Thatcher foi o mais duro, e observa a hegemonia alcançada pelo neoliberalismo como ideologia, alcançando outras regiões, em finais dos anos 80 e início do 90 e resistindo até mesmo a crise econômica deflagrada em 1991. Por último, vale indicar o balanço que Anderson realizou dos êxitos do neoliberalismo:

Cumpriu [o neoliberalismo] suas promessas ou não? Vejamos o panorama de conjunto. A prioridade mais imediata do neoliberalismo era deter a grande inflação dos anos 70. Nesse aspecto, seu êxito foi inegável. No conjunto dos

países da OCDE, a taxa de inflação caiu de 8,8% para 5,2%, entre os anos 70 e 80, e a tendência de queda continua nos anos 90. A deflação, por sua vez, deveria ser a condição para a recuperação dos lucros. Também nesse sentido o neoliberalismo obteve êxitos reais. Se, nos anos 70, a taxa de lucro das indústrias nos países da OCDE caiu em cerca de 4,2%, nos anos 80 aumentou 4,7%. Essa recuperação foi ainda mais impressionante na Europa Ocidental como um todo, de 5,4 pontos negativos para 5,3 pontos positivos. A razão principal dessa transformação foi, sem dúvida, a derrota do movimento sindical, expressado na queda drástica do número de greves durante os anos 80 e numa notável contenção dos salários. Essa nova postura sindical, muito mais moderada, por sua vez, em grande parte era produto de um terceiro êxito do neoliberalismo, ou seja, o crescimento das taxas de desemprego, concebido como um mecanismo natural e necessário de qualquer economia de mercado eficiente. A taxa média de desemprego nos países da OCDE, que havia ficado em torno de 4% nos anos 70, pelo menos duplicou na década de 80. Também este foi um resultado satisfatório. Finalmente, o grau de desigualdade – outro objetivo sumamente importante para o neoliberalismo – aumentou significativamente no conjunto dos países da OCDE: a tributação dos salários mais altos caiu 20% em média nos anos 80, e os valores das bolsas aumentaram quatro vezes mais rapidamente do que os salários. (ANDERSON, 1995, p. 17)

A argumentação de Anderson serve para contextualizar as questões trazidas por Saramago. Para o escritor português, devemos parar de nos contentar com a afirmação de que “a democracia é o menos mau sistema político de todos quantos até hoje se inventaram”<sup>154</sup>. Acreditamos que Saramago nos remete a emblemática fala de Churchill para evidenciar que os problemas que a democracia neoliberal possui são amplamente conhecidos, porém esta não está sendo ameaçada porque viver sobre qualquer outro modelo de governo seria pior. Para Saramago, não temos que nos contentar com o menos pior dos governos:

Porque, queiramos ou não a democracia está doente, gravemente doente, e não sou eu que digo, basta olhar para o mundo, ver a percentagem de pessoas que não votam, que não acompanham a forma que seu voto é gerido, basta olhar para a rua onde vivemos e o país onde estamos e ver como as coisas funcionam. Falta-nos a honradez simples de dar ao sistema em que vivemos o nome que realmente deveria ter, e esse nome não é novo, não temos que inventá-lo, já existia: pura e simplesmente podemos chamar-lhe de plutocracia. E a plutocracia é o governo dos ricos. (SARAMAGO, 2013b, p. 38).

---

<sup>154</sup> SARAMAGO, José. op. cit., 2013, p. 70.



Saramago indica que para não nos contentarmos com uma democracia doente devemos parar de considerar a democracia um dado adquirido e intocável. E aponta o caminho para isso:

Pois eu digo: discutamo-la, meus senhores, discutamo-la a todas as horas, discutamo-la em todos os fóros, porque, se não o fizermos a tempo, se não descobrirmos a maneira de a reinventar, sim, de a re-inventar, não será só a democracia que se perderá, também se perderá a esperança de ver um dia respeitados neste infeliz planeta os direitos humanos. E esse seria o grande fracasso da nossa época, o sinal de traição que marcaria para todo o sempre o rosto da humanidade que agora somos. (SARAMAGO, 2013b, p.73)

Que é necessário que se abra o debate para que a sociedade civil encare a contradição e deixe de viver de empréstimo. E reclamar a soberania, que é sempre dos cidadãos, ainda que deleguem e exijam a transparências aos representantes. Isso em vez deste “dolce far niente” em que às vezes parecemos sestar. (SARAMAGO, 2013b, p. 31)

Nesses textos percebemos um intelectual ativamente crítico, o qual atribui aos poderes econômicos e financeiros a detenção de grande parte do controle das orientações da sociedade civil. Podemos afirmar que a democracia neoliberal, para Saramago, apresenta-se como uma pseudodemocracia, sendo caracterizada como uma plutocracia, responsável pela concentração de renda e infelicidade do povo. Assim, esses poderes controlam o que deveriam representar a vontade da população.

Michael Löwy também traz uma contribuição importante para entendermos a crítica realizada por Saramago. O sociólogo indica que na visão do pensamento político tradicional, democracia combina com capitalismo, mas defende que a liberdade não pode “florescer” sob as leis do mercado<sup>155</sup>.

---

<sup>155</sup> LÖWY, Michael. “Quando o capitalismo não rima com democracia”. In: *Outras Palavras*, 19/08/ 2005. Disponível em: <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/lowy-quando-capitalismo-nao-rima-com-democracia/?fbclid=IwAR0RtGSzF9BPsP1IiKW0Tizp63XOgOxAT7upkRvcxfsveDiw0CFZiXkK0XU>

Partindo do ensaio “A situação da democracia burguesa na Rússia”, escrito em 1906 por Max Weber, Löwy aponta que apesar do sociólogo não ter desenvolvido a ideia, já sugeria uma contradição intrínseca entre democracia e capitalismo:

É profundamente ridículo acreditar que existe uma afinidade eletiva entre o grande capitalismo, da maneira como atualmente é importado para a Rússia, e bem estabelecido nos Estados Unidos (...), e a ‘democracia’ ou ‘liberdade’ (em todos os significados possíveis da palavra); a questão verdadeira deveria ser: como essas coisas podem ser mesmo ‘possíveis’, a longo prazo, sob a dominação capitalista?” (WEBER *apud* LÖWY, 2015, s/p)

Para Lowy, a história do século XX confirma a afirmação acima de Weber. Uma história marcada pelo fato da democracia ser jogada de lado quando a classe dominante apareceu ameaçada, cita como exemplo as ditaduras militares da América latina dos anos 60 e 70.

Porém, afirma que esse não é o caso da Europa atual, que nas últimas décadas assistiu ao triunfo do neoliberalismo. Lowy caracteriza o modelo europeu como uma “*democracia de baixa intensidade*, sem conteúdo social, que se reduziu a uma concha vazia”. Salienta que se continua a existir eleições, mas que estas eleições aparentam ser de partido único, o PMU, Partido do Mercado Unido, que possui duas variantes que têm pequenas diferenças: a versão de direita neoliberal e a de centro-esquerda social liberal:

O declínio da democracia é particularmente visível no funcionamento oligárquico da União Europeia, onde o Parlamento Europeu tem muito pouca influência, enquanto o poder está firmemente nas mãos de corpos não eleitos, como a Comissão Europeia ou o Banco Central Europeu. De acordo com Giandomenico Majone, professor do Instituto Europeu de Florença, e um dos teóricos semioficiais da UE, a Europa precisa de “instituições não-majoritárias”. Ou seja, “instituições públicas que, propositalmente, não sejam responsáveis nem diante dos eleitores, nem de seus representantes eleitos”: essa é a única maneira de nos proteger contra “a tirania da maioria”. Em tais instituições, “qualidades tais quais *expertise*, discricção profissional e coerência (...) são muito mais importantes que a responsabilidade democrática e direta” [Citado in Perry Anderson, *Le Nouveau Vieux Monde*, Marseile, Agone, 2011, pp. 154,158.]. Seria difícil imaginar uma desculpa mais descarada da natureza oligárquica e antidemocrática da UE.

Aludindo ao título da conferência “Verdade e Ilusão democrática”, percebemos que Saramago, ao desmentir a democracia, e demonstrando sua ilusão também chama a atenção para a necessidade da população questionar a ordem instituída. E evidencia a limitada participação das pessoas na vida política, ou seja, em decisões que afetam direta ou indiretamente suas vidas.

Percebemos nesses textos de Saramago uma crítica à desumanidade gerada pelo capitalismo. Lembremos que a frase de Marx e Engels “Se o homem é formado pelas circunstâncias, é necessário formar as circunstâncias humanamente”, exprime o que significa ser comunista para Saramago, o que o liga a corrente humanista-marxista.

É importante indicar que essa temática de um socialismo mais humano é típica dos anos 60. Domenico Losurdo observa que na década de 1960, Ernst Bloch levantava a bandeira em defesa da “dignidade humana”. Época em que o humanismo exerce um papel fundamental em Jean-Paul Sartre, que faz uma denúncia do colonialismo evidenciando teorias e práticas de desumanização por ele desenvolvidas.

É também que neste período Herbert Marcuse, em seu *Ideias sobre a teoria crítica da sociedade*, realizou uma importante leitura de *Manuscritos filosóficos de 1844*. Marcuse compreende Marx não só como economista e sociólogo, mas também como um teórico comprometido com o humanismo.

Como salienta Tony Judt, em *Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945*, a Primavera de Praga, de 1968, não procurava, com a luta por reformas, romper com o comunismo, e sim promover o desenvolvimento econômico e estabelecer um “comunismo democrático” ou “socialismo com semblante humano”<sup>156</sup>. Carlos Fuentes aponta que o socialismo mais humano proposto por Dubecek “era uma tentativa de de

---

<sup>156</sup> JUDT, Tony. *Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 445.

conciliação entre as razões estratégicas do império soviético e as razões humanas dos cidadãos capturados dentro do Pacto de Varsóvia”<sup>157</sup>.

Por último, ressaltamos o humanismo francês. Segundo Michael Lowy, o humanismo francês dos anos 60, formado, principalmente, por Goldman e Lefèbvre<sup>158</sup>, tem suas origens no final da década de 50. Devido ao impacto de acontecimentos políticos, como o relatório Khrushchov no XX Congresso do PCUS, a revolução húngara e a guerra da Argélia. O que contribuiu para a redescoberta de autores “heréticos” do marxismo, com destaque para Trotsky, Gramsci, Korsh, Marcuse, Bloch e, principalmente, Lukács. Bem como a redescoberta dos *Manuscritos de 1844*, cuja a temática da alienação foram fundamentais para o desenvolvimento teórico desses autores. E indica que ocorreram importantes contatos internacionais foram estabelecidos, entre os humanistas franceses com os de outros países, através principalmente de congressos, nos quais participaram, por exemplo Bloch e Marcuse.

Para Löwy, algumas características do humanismo radical francês, dos quais destaca-se: a referência ao jovem Marx, à teoria da alienação e seu humanismo socialistas, bem como a continuidade em suas obras de maturidade; crítica ao capitalismo como desumanizante; oposição ao stalinismo como sistema de dominação burocrática e como ideologia de Estado dogmático e conservadora e a recusa do “realismo socialista” e qualquer concepção reducionista de arte.

---

<sup>157</sup> FUENTES, Carlos. *Em 68* - Paris, Praga e México. Rio de Janeiro: 2008, p. 12.

<sup>158</sup> LÖWY, Michael. “O marxismo dos anos 60 na França: a corrente humanista revolucionária” In: *Serviço Social & Sociedade* São Paulo, SP, v.10, n.30, abril 1989, p.103-08

### 3.2 A questão dos Direitos humanos

sem direitos humanos – todos eles, um por um – a democracia nunca será mais que um sarcasmo, uma ofensa à razão, uma despidorada mentira. Nós, que aqui estamos, somos uma parte da nova potência mundial. Assumimos as nossas responsabilidades

José Saramago<sup>159</sup>.

Os temas da liberdade, da justiça, da igualdade das condições de vida e participação ativa da população na sociedade estão no centro das preocupações de José Saramago e a questão dos direitos humanos surge como fundamental. Vimos que a democracia aparece para Saramago como algo não respeitado, sendo mutilada pela globalização, o que não é diferente com os direitos humanos. De maneira clara, Saramago indicava à esquerda que a orientação de qualquer programa político que visasse “enfrentar as realidades brutais do mundo actual”<sup>160</sup>, pode ser encontrado na Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948.

Na argumentação de Saramago, observamos um frequente questionamento de verdades tidas como dadas ou a abstração de conceitos, como vimos no caso da crítica ao conceito de utopia, Saramago alerta para a importância de um pragmatismo, de se ter metas e objetivos claros e agir para a realização destes. Foi nesse sentido, inclusive, que Saramago indicou a importância de que do Fórum Econômico Social se retirassem propostas concretas. Nesse sentido, é interessante apontar que, para Saramago, a Declaração de Direitos de 1948 se destaca pelos princípios defendidos e clareza de objetivos, e é por isso que poderia substituir programas de partidos de esquerda que, por

---

<sup>159</sup> Intervenção na Manifestação de 15 de Março de contra a guerra no Iraque, ocorrida em Madri. Cf. <http://www.pcp.pt/manifesto-15-de-marco-por-jose-saramago>

<sup>160</sup> SARAMAGO, José. op. cit, 2002, s/p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000302.pdf>

sua vez, se encontram “anquilosados em fórmulas caducas, alheios ou impotentes para enfrentar as realidades brutais do mundo actual”<sup>161</sup> e acrescenta que:

que as mesmas razões que me levam a referir-me nestes termos aos partidos políticos em geral, as aplico por igual aos sindicatos locais, e, em consequência, ao movimento sindical internacional no seu conjunto. De um modo consciente ou inconsciente, o dócil e burocratizado sindicalismo que hoje nos resta é, em grande parte, responsável pelo adormecimento social decorrente do processo de globalização económica em curso. Não me alegra dizê-lo, mas não poderia calá-lo. E, ainda, se me autorizam a acrescentar algo da minha lavra particular às fábulas de La Fontaine, então direi que, se não interviermos a tempo, isto é, já, o rato dos direitos humanos acabará por ser implacavelmente devorado pelo gato da globalização económica. (SARAMAGO, 2002, s/p)

Vale observar que a declaração defendida por Saramago, foi realizada na época do Estado de bem-estar social e no contexto de pós Segunda Guerra Mundial.

Lynn Hunt, no livro *A invenção dos direitos humanos*, traça a genealogia da ideia e da prática dos direitos humanos, em especial na Europa e nos EUA, através da análise três documentos fundamentais, a Declaração de Independência dos Estados Unidos (1776), a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, com a Revolução Francesa (1789) e a Declaração Universal dos Direitos Humanos promulgada pela ONU (1948). Procurando compreender como se deu a emergência dessa forma de consciência, em sociedades extremamente hierarquizadas<sup>162</sup>:

Como é que esses homens, vivendo em sociedades construídas sobre a escravidão, a subordinação e a subserviência aparentemente natural, chegaram a imaginar homens nada parecidos com eles, e em alguns casos também mulheres, como iguais? Como é que a igualdade de direitos se tornou uma verdade "autoevidente" em lugares tão improváveis? É espantoso que homens como Jefferson, um senhor de escravos, e Lafayette, um aristocrata, pudessem falar dessa forma dos direitos autoevidentes e inalienáveis de todos os homens. Se pudéssemos compreender como isso veio a acontecer, compreenderíamos melhor o que os direitos humanos significam para nós hoje em dia. (HUNT, 2009, p. 17)

---

<sup>161</sup> Ibid., s/p.

<sup>162</sup> HUNT, Lynn. *A Invenção dos direitos humanos - uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Assim, Hunt estuda como, no século XVIII, os direitos em uma dimensão coletiva foi uma iniciativa executada por Thomas Jefferson, nos Estados Unidos. E como essa tendência norte-americana influenciou, diretamente, a elaboração da Declaração Universal dos Direitos do Homem, na França. Salientando que dois séculos depois, a Organização das Nações Unidas modificaram o texto, mas não inteiramente, realizando a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. O foco principal da historiadora é compreender como se deu a construção dos conceitos de direitos inalienáveis da humanidade

Observamos, em *A invenção dos direitos humanos*, que na Declaração de 1948, foram incluídos além dos direitos políticos e civis, os direitos sociais e econômicos, os primeiros foram contemplados na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1786:

A Declaração Universal não reafirmava simplesmente as noções de direitos individuais do século XVIII, tais como a igualdade perante a lei, a liberdade de expressão, a liberdade de religião, o direito de participar do governo, a proteção da propriedade privada e a rejeição da tortura e da punição cruel. Ela também proibia expressamente a escravidão e providenciava o sufrágio universal e igual por votação secreta. Além disso, requeria a liberdade de ir e vir, o direito a uma nacionalidade, o direito de casar e, com mais controvérsia, o direito à segurança social; o direito de trabalhar, com pagamento igual para trabalho igual, tendo por base um salário de subsistência; o direito ao descanso e ao lazer; e o direito à educação, que devia ser grátis nos níveis elementares. (HUNT, 2009, p. 205)

Foram assegurados na Declaração da ONU o direito à livre escolha do emprego, à igualdade de remuneração pelo mesmo trabalho independentemente de quem o execute, e um salário satisfatório, condizente com a dignidade humana. Bem como, o direito à sindicalização, ao repouso, ao lazer e a férias pagas. No Artigo 25 da Declaração Universal dos Direitos Humanos encontramos a necessidade de haver proteção social:

(1) Todo ser humano tem direito a um padrão de vida que lhe assegure, para si mesmo e para sua família, saúde e bem-estar, incluindo alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, bem como o direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, velhice ou perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.

(2) A maternidade e a infância têm direito a cuidados e assistência especiais. Todas as crianças, nascidas dentro ou fora do casamento, devem ter a mesma proteção social. (DECLARAÇÃO *apud* HUNT, 2009, p. 235)

Tendo em vista a posição política de Saramago, achamos necessário apresentar a leitura que Karl Marx realizou dos direitos humanos. István Mészáros indica que para Marx é a “insistência sobre os direitos do homem não é mais do que um postulado legalista-formal e, em última instância, sem conteúdo”<sup>163</sup>

É, principalmente, na obra *Sobre a questão judaica*, publicada em 1844, que Marx realizou sua análise sobre o tema<sup>164</sup>, indicando que os direitos humanos prevaleceram primeiramente nos Estados Unidos e depois na França, no final do século XVIII. Para Marx, os direitos humanos eram instrumentos de dominação de classe, uma vez que a sociedade capitalista cultua a propriedade privada e gera homens individualistas:

*Os droits de l'homme*, os direitos humanos, são diferenciados como tais dos *droits du citoyen*, dos direitos do cidadão. Quem é esse *homme* que é diferenciado do *citoyen*? Ninguém mais ninguém menos que o membro da sociedade burguesa. Por que o membro da sociedade burguesa é chamado de “homem”, pura e simplesmente, e por que os seus direitos são chamados de direitos humanos? A partir de que explicaremos esse fato? A partir da relação entre o Estado político e a sociedade burguesa, a partir da essência da emancipação política.

Antes de tudo constatemos o fato de que os assim chamados direitos humanos, os *droits de l'homme*, diferentemente dos *droits du citoyen*, nada mais são do que os direitos do membro da sociedade burguesa, isto é, do homem egoísta, do homem separado do homem e da comunidade. (MARX, 2010, p. 47)

Dessa forma, Marx revela o caráter abstrato desses direitos. A abstração é justamente o que mascara o real sujeito da Declaração dos Direitos Humanos (1791), o homem burguês, ou seja, os direitos humanos falam de um homem abstrato, porém na

---

<sup>163</sup> MÉSZÁROS, István. *Filosofia, ideologia e ciência social: ensaios de negação e afirmação*. São Paulo: Ensaio, 1993, p. 205.

<sup>164</sup> Uma discussão sobre os direitos humanos também podem ser encontrados nas obras *Manuscritos Econômico-filosóficos* e *A ideologia Alemã*, este último escrito em parceria com Engels.



prática promovem os direitos dos burgueses. Tornando, assim, um postulado sem conteúdo.

Marx também condena o fundamento dos direitos humanos que é a propriedade privada: “A aplicação prática do direito humano à liberdade equivale ao direito humano à propriedade privada”<sup>165</sup>. A propriedade privada representa o direito do interesse individual tornando os homens egoístas e competitivos, visto que faz com que o homem enxergue no outro a limitação de sua liberdade:

O direito humano à propriedade privada, portanto, é o direito de desfrutar a seu bel prazer (*à son gré*), sem levar outros em consideração, independentemente da sociedade, de seu patrimônio e dispor sobre ele, é o direito ao proveito próprio. Aquela liberdade individual junto com esta sua aplicação prática compõem a base da sociedade burguesa. Ela faz com que cada homem veja no outro homem, não a realização, mas, ao contrário, a restrição de sua liberdade. Mas, acima de tudo, ela proclama o direito humano, “de jouir et de disposer à son gré de ses biens, de ses revenus, du fruit de son travail et de son industrie”. (MARX, 2010, p, 49)

Vale indicar que Mészáros explica que os direitos humanos são problemáticos para Marx não por si próprios, mas “em função do contexto em que se originam, enquanto postulados ideais abstratos e irrealizáveis, contrapostos à realidade desconcertante de indivíduos egoístas”, baseada na propriedade privada. Assim, não existe uma “oposição *apriorística* entre o marxismo e os direitos humanos; pelo contrário, Marx na verdade nunca deixou de defender ‘o desenvolvimento livre das individualidades’ [*Grundrisse*], em uma sociedade de indivíduos associados e não antagonicamente opostos<sup>166</sup>.

Mészáros aponta que Marx distinguiu três fases diferentes do desenvolvimento social a que se aplicam os direitos humanos de forma significativamente diferente:

- (1) sob as condições da sociedade capitalista, o apelo aos direitos humanos envolve rejeição dos interesses particulares dominantes e a defesa da liberdade pessoal e da auto-realização individual, em oposição às forças de desumanização e de reificação [...]

---

<sup>165</sup> MARX, Karl. *Sobre a questão judaica*. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 49.

<sup>166</sup> MÉSZÁROS, István. op. cit, 1993, p. 207.

- (2) em uma sociedade de transição, os direitos humanos promovem o padrão que estimula que, no interesse de igualdade verdadeira, “o direito, ao invés de ser igual, teria de ser desigual” [*Crítica ao Programa de Gotha*], de modo a discriminar positivamente em favor dos indivíduos necessitados, no sentido de compensar as contradições e desigualdades herdadas;
- (3) em uma fase mais adiantada da sociedade comunista,[...] quando a divisão do trabalho como o estado estiverem efetivamente suplantados - a questão dos direitos (mesmo que sejam os direitos humanos) não pode nem precisam emergir, uma vez que o livre desenvolvimento das individualidades [...] é integrante do metabolismo social e atua como seu princípio regulador fundamental. (MÉSZÁROS, 1993, p. 216-217)

E conclui alertando que enquanto estivermos na situação em que nos encontramos, a qual o “livre desenvolvimento das individualidades” está tão longe como está, a realização dos direitos humanos é e deve permanecer sendo uma questão fundamental para todos os socialistas. Hunt indica que a promulgação da Declaração Universal dos Direitos do Humanos, em 1948, deve ser considerada mais o início do consenso internacional sobre a importância de se defender os direitos humanos do que seu apogeu.

No início da década de 1970, os partidos comunistas da Europa Ocidental começaram a defender o avanço da democracia e endossaram explicitamente a defesa dos direitos humanos. Hunt aponta que no final da década de 1980, o bloco soviético começou a se mover no mesmo sentido. De modo que a maioria dos partidos socialistas e comunistas abandonaram sua anterior hostilidade aos direitos humanos, em grande medida pela inclusão dos direitos sociais e econômicos.

Situação que pode ser percebida no PCP. Nas páginas do *Avante!*, Aurélio Santos faz um alerta semelhante ao realizado por Mézáros, assim em 10 de dezembro de 1998, dia em que se comemorava 50 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e

mesmo dia em que Saramago realizava um discurso no banquete do Nobel, no qual denunciava o descumprimento dos direitos humano, no jornal é publicado<sup>167</sup>:

Que fazer desta Declaração é o que temos de pensar. Não pode surgir-nos apenas como ocasião para múltiplas comemorações de exaltação verbal e formal. Principalmente quando no mundo se regista que muitos daqueles que se auto-arvoraram guardiões dos direitos humanos são responsáveis ou cúmplices de gritantes violações desses direitos, ao mesmo tempo que praticam, protegem, e defendem «indignos direitos» desumanos, como o «direito» à exploração do trabalho e à dominação dos povos, ao confisco dos direitos sociais económicos e culturais, à expoliação dos Estados e das suas soberanias, à devastação e pilhagem do nosso planeta. São, afinal., «direitos» desumanos que resultam da própria essência do sistema capitalista e se evidenciam na «globalização» da pobreza com muitos e muitos pobres em nome da globalização dos interesses de uns poucos ricos e muito ricos.

A par da verdadeira e eficaz aplicação dos direitos humanos - de todos e para todos - a questão mais urgente que se coloca no nosso tempo, é, com efeito, a luta contra os direitos desumanos aplicados e proclamados pelos executantes da exploração do grande capital e pelo seus protectores e porta-vozes. Para que finalmente o mundo possa caminhar no sentido de uma sociedade com futuro humano... (SANTOS, 1998, s/p)

A escolha do ano do jornal se deu não apenas por ser aniversário de 50 anos da Declaração, mas também, e principalmente, porque foi o ano em que Saramago recebeu o Nobel e no discurso do banquete realizou uma defesa dos direitos humanos e uma cobrança por seu cumprimento. Devido a leitura que Marx realizou desses direitos, achamos importante indicar a postura do PCP em relação ao tema. Além do jornal do dia, também utilizamos o do dia 17 de dezembro, visto que é a primeira publicação após o discurso de Saramago.

Neste discurso, Saramago começa por nos explicar que o peso que uma declaração de princípios, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, possui é pouco. Visto que não cria obrigações legais aos Estados, a não ser que as Constituições dos Estados estabeleçam que os direitos fundamentais e liberdades nelas contidas sigam a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Além disso, a Declaração é considerada pelos poderes

---

<sup>167</sup> SANTOS, Aurélio. “Uma sociedade com futuro humano” In: *Avante!*, 1998, 10 de dezembro. Disponível em: <http://www.avante.pt/arquivo/1306/0603i3.html> .

econômicos e políticos “como um documento cuja importância não vai muito além do grau de boa consciência que lhes proporcione”<sup>168</sup>. E assim, conclui que:

Neste meio século não parece que os governos tenham feito pelos direitos humanos tudo aquilo a que moralmente estavam obrigados. As injustiças multiplicam-se, as desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a miséria alastra. A mesma esquizofrênica humanidade capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição das suas rochas, assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte do que ao nosso próprio semelhante. (SARAMAGO, 2013, p. 90)

Nota-se uma crítica à incapacidade em responder às demandas sociais dos menos favorecidos. O *Avante!* elenca ainda mais exemplos de como os direitos humanos são desrespeitados diariamente em uma sociedade que só beneficia alguns, e relega a indiferença e desumanização a maior parte da população:

Direitos humanos? Pois bem, observemo-los: todos os anos mais de 50 milhões de pessoas, na maioria crianças, morrem de fome e por falta de cuidados médicos; mais de mil milhões comem o indispensável para não morrer de fome; mais de metade da humanidade vive com menos de 2 dólares por dia; dezenas de milhões de crianças e de jovens vivem, comem, dormem nas ruas; 300 milhões de crianças entre os 5 e os 14 anos estão condenadas à escravatura do trabalho infantil... e, enquanto isso, sabe-se que a alimentação hoje existente chegaria para alimentar dez mil milhões de pessoas (ou seja, o dobro da população mundial); sabe-se que bastaria que as 225 maiores fortunas do Mundo prescindissem de menos de 4% da sua riqueza para que a população do planeta tivesse acesso às necessidades básicas (alimentação, água potável, educação, saúde) ... e sabe-se, ainda, que a fortuna dos 358 homens mais ricos é igual aos rendimentos anuais de 45% da população do globo; e que as três pessoas mais ricas do Mundo possuem uma fortuna superior à soma dos produtos internos brutos dos quarenta e oito países mais pobres ... (*Avante!*, 1998, s/p -)

Em seu discurso, Saramago deixa claro que alguém não anda a cumprir seus deveres, “seja porque não podem, seja porque não querem. Ou porque não permitem quem efetivamente os governam”. Já sabemos quem realmente governa, o poder econômico, que com isso limita a democracia. Com Löwy, também observamos que o “soberano absoluto e total” de hoje é o mercado financeiro global.

---

<sup>168</sup> SARAMAGO, José. op. cit, 2013, p. 90.

No texto enviado para o Fórum Social Mundial de 2002, Saramago argumenta que a democracia é governada pelo poder econômico e que por isso é incompatível com os direitos humanos:

E a democracia, esse milenário invento de uns atenienses ingênuos para quem ela significaria, nas circunstâncias sociais e políticas específicas do tempo, e segundo a expressão consagrada, um governo do povo, pelo povo e para o povo? Ouço muitas vezes argumentar a pessoas sinceras, de boa fé comprovada, e a outras que essa aparência de benignidade têm interesse em simular, que, sendo embora uma evidência indesmentível o estado de catástrofe em que se encontra a maior parte do planeta, será precisamente no quadro de um sistema democrático geral que mais probabilidades teremos de chegar à consecução plena ou ao menos satisfatória dos direitos humanos. Nada mais certo, sob condição de que fosse efectivamente democrático o sistema de governo e de gestão da sociedade a que actualmente vimos chamando democracia. E não o é. É verdade que podemos votar, é verdade que podemos, por delegação da partícula de soberania que se nos reconhece como cidadãos eleitores e normalmente por via partidária, escolher os nossos representantes no parlamento, é verdade, enfim, que da relevância numérica de tais representações e das combinações políticas que a necessidade de uma maioria vier a impor sempre resultará um governo. Tudo isto é verdade, mas é igualmente verdade que a possibilidade de acção democrática começa e acaba aí. O eleitor poderá tirar do poder um governo que não lhe agrade e pôr outro no seu lugar, mas o seu voto não teve, não tem, nem nunca terá qualquer efeito visível sobre a única e real força que governa o mundo, e portanto o seu país e a sua pessoa: refiro-me, obviamente, ao poder económico, em particular à parte dele, sempre em aumento, gerida pelas empresas multinacionais de acordo com estratégias de domínio que nada têm que ver com aquele bem comum a que, por definição, a democracia aspira. (SARAMAGO, 2002, s/p)

Em seu discurso de 1998, Saramago cobrou dos cidadãos que, além de exigirmos nossos direitos, cumpramos nossos deveres com os próximos, numa ação coletiva em busca de um mundo mais justo:

também não estão a cumprir o seu dever os cidadãos que somos. Pensamos que nenhuns direitos humanos poderão subsistir sem a simetria dos deveres que lhes correspondem e que não é de esperar que os governos façam nos próximos 50 anos o que não fizeram nestes que comemoramos. Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra. Com a mesma veemência com que reivindicamos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa tornar-se um pouco melhor. (SARAMAGO, 2013, p. 90)

Para Saramago, estamos esquecendo que todo direito implica em um dever. Os direitos humanos devem existir em simetria aos deveres que lhe correspondem. Com a

mesma força com que reivindicamos os direitos humanos, temos também que o exigir os nossos deveres. Nesse sentido, vale destacar o Art. 29.1 da Declaração Universal dos Direitos Humanos<sup>169</sup>, neste reconhecemos que o efetivo cumprimento dos direitos e liberdades fundamentais estão associados aos deveres e responsabilidades. Escreveu José Saramago, em 1998:

As misérias do mundo estão aí, e só há dois modos de reagir diante delas: ou entender que não se tem a culpa e, portanto, encolher os ombros e dizer que não está nas suas mãos remediá-lo — e isto é certo —, ou, melhor, assumir que, ainda quando não está nas nossas mãos resolvê-lo, devemos comportar-nos como se assim fosse.

José Saramago, chama, então, a população a ação, que não limite sua participação cidadã ao ato do votar de alguns em alguns anos até mesmo porque “não é de esperar que os governos façam nos próximos 50 anos o que não fizeram nestes que comemoramos”, como alerta em seu discurso no Nobel. E para também nossas responsabilidades para a construção de um novo mundo.

---

<sup>169</sup> “Todo ser humano tem deveres para com a comunidade em que o livre e pleno desenvolvimento da sua personalidade é possível”. DECLARAÇÃO *apud* HUNT, op. cit., 2009, p. 236

## Considerações Finais

José Saramago foi um dos grandes escritores do séc. XX, e dessa forma, sua obra vem sendo estudada em diversas partes do mundo. Mas sua trajetória não chama atenção apenas pelo sucesso literário alcançado, como também pelas causas em que se engajou. Porém, os estudos se concentram, principalmente, em seus romances. Procuramos contribuir com um estudo que analisa sua trajetória intelectual e o seu pensamento. A atuação de Saramago passou por regime autoritário, o Estado Novo português, pelo processo revolucionário desencadeado pela Revolução dos Cravos. E pelo regime democrático conquistado pela revolução. Sua trajetória pode ser considerada, então, um caminho para reflexão sobre o papel dos intelectuais nestes contextos. Na pesquisa apresentada nos detemos principalmente no último.

Sua carreira foi marcada pela filiação ao Partido comunista português (PCP), inclinação política que encontramos em suas entrevistas, textos autobiográficos, defesa de uma escrita responsável e temática de suas obras. Encontramos nestes constantes questionamentos sociais associados à ausência de justiça humana, da exploração e dominação do sujeito através da redução da liberdade e da alienação ideológica, visto que vivemos em uma:

sociedade que instituiu, como valores a perseguir esse que nós sabemos, o lucro, o êxito, o triunfo sobre o outro e todas estas coisas, essa sociedade coloca as pessoas numa situação em que acabam por pensar [...] que todos os meios são bons para se alcançar aquilo que se quer [...]. É essa indiferença em relação ao

outro, essa espécie de desprezo do outro, que eu me pergunto se tem algum sentido numa situação ou no quadro de existência de uma espécie que se diz racional. Isso, de facto, não posso entender, é uma das minhas grandes angústias (SARAMAGO, 1998, p. 149-150).

Foi nesse sentido que procuramos reconstruir sua trajetória intelectual e artística, no primeiro capítulo, para nos seguintes nos dedicarmos na argumentação que Saramago construiu sobre ser e de se manter comunista, bem como da relação que mantinha com o PCP e a seleção de temas debatidos por Saramago, durante a década de 90 e anos 2000, com destaque para a democracia e os direitos humanos. Para assim, enxergarmos a coerência entre sua postura intelectual e a obra literária que Saramago construiu ao falar de si e de sua ficção, mas também evidenciando as nuances dessa continuidade.

Saramago, na construção de sua trajetória, destaca a importância da origem humilde de sua família, formada por avós maternos camponeses e analfabetos que viveram em Azinhaga, aldeia que Saramago nasceu em 1922. Importância e relação que também procurou construir em relação a sua escrita ficcional, como podemos perceber no texto chamado “Da estátua à pedra”, no qual Saramago diz que procurava ser guiado pela criança que foi e “imaginar que cada um de nós teria de ser sempre dois [...]. Creio que indo pela vida dessa maneira talvez não cometêssemos certas deslealdades ou traições, porque a criança que nós fomos nos puxaria pela manga e diria: Não faças isso”<sup>170</sup>.

A reflexão sobre a passagem da fase da estátua para a da pedra realizada por Saramago foi realizada durante uma conferência em maio de 1998, na Universidade de Turim, meses antes do prêmio Nobel lhe ser destinado. Nela se apontava que a partir de *Ensaio sobre a cegueira*, publicado em 1995, era possível notar outro direcionamento em seu processo criativo. Se o primeiro momento foi pautado pela descrição da estátua, no

---

<sup>170</sup> SARAMAGO, José. op. cit., 2013, p. 46.



segundo passou a se aprofundar na matéria de que esta é feita, a pedra. Na descrição de sua trajetória literária através dessa metáfora, Saramago também enfatiza a importância de suas origens:

Este neto, que todavia, continua a sê-lo, apesar de ter mais idade que aquela que alguma vez tiveram, este neto, insisto, quando escrevo sobre seus avós está a impedir que morram definitivamente. Creio que compreender isto é avançar no caminho que vai até o interior da pedra, onde meu avô sempre esteve sem que eu o soubesse. E creio que é para isso que escrevo. (SARAMAGO, 2013, p. 52)

A construção de uma continuidade não se dá apenas pela forte presença das origens no homem em que se tornou, mas também permanência na orientação marxista e como membro do PCP. Concordamos que exista sim uma continuidade do intelectual Saramago, e que em grande parte do espaço encontrado para manifestar suas opiniões se deu por conta disso. Mas também notamos diversas nuances. Mesmo não abdicando de seus princípios político-ideológicos de fundamentação marxista e humanista, encontramos diferentes formulações sobre ser e se manter comunista realizadas por Saramago.

A ideia de responsabilidade aparece como fundamental para José Saramago. Responsabilidade do escritor com que se escreve, defendendo uma concepção de autoria, que como vimos, nega a alienação do trabalho intelectual, através de uma crítica às teorias sobre a morte do autor. Também definiu-se como um ensaísta que escreve romances, marcando um caráter pessoal em seus textos ficcionais:

tem muito a ver com a minha maneira de refletir sobre as coisas. Já disse que talvez não seja um romancista, mas um ensaísta que escreve romances porque não sabe escrever ensaios, talvez seja assim. (SARAMAGO, 2003, p. 63)

Mas também a responsabilidade de todos nós na construção de uma sociedade mais justa. Por isso, intervém pela necessidade de uma democracia plena, na qual os cidadãos

possuem uma participação substancial. Bem como a indicação de que os direitos humanos vem acompanhados de deveres, e que devemos lutar pelos dois.

No intelectual José Saramago enxergamos um humanismo, a defesa de uma democracia plena e atitude crítica no que se refere a sua ação perante ao mundo, manifestando uma atitude ativa para a transformação social, criticando uma passividade resignada. Evidenciando que no mundo há muito o que se questionar. Saramago foi um voz dissonante e provocativa em tempos de um neoliberalismo imperante, observando e questionando a limitação a implementação de uma democracia plena gerada pelas políticas neoliberais

## **Bibliografia:**

a) Quadros de fontes

### **1.1 Autobiografia, diário e blog**

<b>Título</b>	<b>Publicação original</b>	<b>Referência no texto</b>
<i>Cadernos de Lanzarote I</i>	1994	1994
<i>As pequenas memórias</i>	2006	2006
<i>O Caderno</i>	2009	2009c

### **1.2 Palestras, discursos e conferências de José Saramago**

<b>Título</b>	<b>Ano realizado</b>	<b>Referência no texto</b>
O Sabor da palavra liberdade	1994	2014 (Revista <i>Blimunda</i> , n. 23, 2014)
Da estátua à pedra - o autor explica-se	1998	2013 (Livro <i>Da estátua a pedra e discurso de Estocolmo</i> )
De como o personagem foi mestre e o autor seu aprendiz	1998	2013 (Livro <i>Da estátua a pedra e discurso de Estocolmo</i> )
Discurso pronunciado no Banquete Nobel a 10 de dezembro de 1998	1998	2013 (Livro <i>Da estátua a pedra e discurso de Estocolmo</i> )
Este mundo da injustiça	2002	2002

globalizada		(divulgado no <i>site</i> Domínio Público)
Verdade e Ilusão democrática	2003	2013b (Livro <i>Democracia e universidade</i> )
A única utopia possível Conferência no Fórum Social Mundial	2005	2014b (Revista <i>Blimunda</i> , n. 20, 2014)
A única utopia possível Conferência no Fórum Social Mundial	2005	2005 (Parte da conferência foi divulgada no <i>youtube</i> )
Democracia e Universidade	2005	2013b (Livro <i>Democracia e universidade</i> )
Contar a vida de todos e de cada um	2009	2009b (reproduzido no <i>site</i> da Fundação José Saramago)

### 1.3 Livros de entrevistas

<b>Título</b>	<b>Publicação original</b>	<b>Referência no texto</b>
<i>Diálogos com José Saramago</i> (entrevistas concedidas a Carlos Reis)	1998	1998
<i>José Saramago o amor possível</i> (entrevistas concedidas a Juan Arias)	1998	2003
<i>Uma longa viagem com José Saramago</i> (entrevistas concedidas a João Céu e Silva)	2009	2009

### 1.4 Entrevistas concedidas a periódicos

<b>Título</b>	<b>Ano realizada</b>	<b>Referência no texto</b>
Entrevista realizada por	1992	2010c

Jikings		(Entrevista reproduzida pela revista <i>Margem esquerda - ensaios marxistas</i> , v. 15)
Ser escritor comunista, hoje	1998	1998c (Entrevista para o jornal <i>Público</i> )
Eu sou a língua que falo	1998	1998d (Entrevista para o jornal <i>Diário de Lisboa</i> )
A minha casa é Lanzarote	1998	1998e (Entrevista para o jornal <i>Público</i> )
Sempre me senti sozinho	1998	1998f (Entrevista para a revista <i>Visão</i> )
El desastre actual é a total ausência de espírito crítico	2001	2010b (Entrevista divulgada pela versão espanhola do jornal <i>Le monde diplomatique</i> . Ignácio Ramonet também participou da entrevista)
Soy um comunista liberto	2004	2004 (Entrevista para o jornal <i>El país</i> )
Saramago questiona a ilusão do mundo democrático	2004	2004b (Entrevista para o portal <i>Carta Maior</i> )
Sabatina da Folha de São Paulo	2008	2008b (Entrevista foi reproduzida no <i>youtube</i> )

### 1.5 Artigos e crônicas para periódicos

<b>Título</b>	<b>Ano realizado</b>	<b>Referência no texto</b>
Prelúdio e Marcha	1977	1999 (Crônica reproduzida no livro <i>Folhas políticas</i> -

		1976-1998)
Dos intelectuais cansados	1981	1999 (Crônica reproduzida no livro <i>Folhas políticas - 1976-1998</i> )
O autor como narrador	1998	1998b (Artigo para a revista <i>Cult</i> )
O que é afinal a democracia?	2004	2004c (Artigo para o periódico <i>Le monde diplomatique</i> )

### 1.6 Prefácio de livro

<b>Título</b>	<b>Publicação original</b>	<b>Referência no texto</b>
Breve meditação sobre um retrato de Che Guevara	2001	2001 (Prefácio para o livro <i>Che Guevara: contribuição ao pensamento revolucionário</i> )

### 1.7 Catálogo

<b>Título</b>	<b>Publicação original</b>	<b>Referência no texto</b>
As palavras de Saramago	2010	2010 (Catálogo organizado por Fernando Aguilera)

2) Textos de José Saramago:

SARAMAGO, José. “O sabor da palavra Liberdade”. In: *Blimunda*, n. 23, 2014, p.77-94.

SARAMAGO, José. “A única utopia possível”. In: *Blimunda*, N. 20, 2014b, p. 88-90.

SARAMAGO, José. “Da estátua à pedra - o autor explica-se”. In: *Da estátua à pedra e discursos de estocolmo*. Belém:Ed.UFPA; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013, p. 25-52.

SARAMAGO, José. “De como o personagem foi mestre e o autor seu aprendiz”. In: *Da estátua à pedra e os discursos de estocolmo*. Belém: Ed.UFBA; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013, p. 71-88.

SARAMAGO, José. “Discurso pronunciado no Banquete Nobel a 10 de Dezembro de 1998” . In: *Da estátua à pedra e os discursos de estocolmo*. Belém: Ed.UFBA; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013, p. 89-92.

SARAMAGO, José. *Democracia e Universidade*. Belém: ed.ufpa; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013b.

SARAMAGO, José. *Levantado do chão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013c.

SARAMAGO, José. *As palavras de Saramago*. In: AGUILERA, Fernando (seleção e organização). *As palavras de Saramago: Catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SARAMAGO; RAMONET. O desastre actual é a total ausência de espírito crítico, *Le monde diplomatique en español*, julho de 2010b, p. 26 -27, entrevista concedida a Víctor Sampedro. Disponível em:

[/http://www.medelu.org/IMG/pdf/SARAMAGO\\_SAMPEDRO\\_p26.pdf](http://www.medelu.org/IMG/pdf/SARAMAGO_SAMPEDRO_p26.pdf)

SARAMAGO, José. Entrevista realizada por Ivana Jikings. In: *Margem esquerda - ensaios marxistas*, v. 15, São Paulo: Boitempo Editorial, 2010c.

SARAMAGO, José. “Uma longa viagem com José Saramago”. In: SILVA, João. (org.) *Uma longa viagem com José Saramago*. Porto: Porto Editora, 2009.

SARAMAGO, José. “Contar a vida de todos e de cada um”, 2009.. Disponível em: <https://www.josesaramago.org/contar-a-vida-de-todos-e-de-cada-um/>

SARAMAGO, José. *O Caderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009c.

SARAMAGO, José. *Sabatina Folha de São Paulo*, 2008.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mMgyE8LIP1A>

SARAMAGO, José. Discurso reproduzido no documentário “José Saramago, Prémio Nobel da Literatura 1998”, realizado pelo PCP, 2008b

SARAMAGO, José. Declaração de princípios da Fundação José Saramago, 2007.

Disponível em: <https://caderno.josesaramago.org/129773.html>

SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SARAMAGO, José. *A Jangada de Pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006b.

SARAMAGO, José. “O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia”, trecho da intervenção no Fórum Social Mundial de 2005, disponível no youtube:

<https://www.youtube.com/watch?v=wHz4rymbxq4>

SARAMAGO, José. Soy un comunista libertario. *El país*, Madrid, 24 de abril de 2004, entrevista concedida a María Blanco disponível em:

[https://elpais.com/diario/2004/04/24/babelia/1082763550\\_850215.html](https://elpais.com/diario/2004/04/24/babelia/1082763550_850215.html)

SARAMAGO, José. Saramago questiona a ilusão do mundo democrático. In: *Carta Maior*, Paris, 23 ago 2004b. Entrevista concedida a Erika Campelo. Disponível em:

<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Jose-Saramago-questiona-a-ilusao-do-mundo-democratico/4/2164>

SARAMAGO, José. “O que é, afinal, a democracia?” In: *Le monde diplomatique*, agosto de 2004c

Disponível em: <http://diplo.org.br/2004-08.a961>.

SARAMAGO, José. “José Saramago: o amor possível”. In: ARIAS, Juan (org.). *José Saramago: o amor possível*. Rio de Janeiro: Manatti, 2003, Entrevistas concedidas a Juan Arias.

SARAMAGO, José. Entrevista. In: Programa Roda Viva de 13/10/2003b.



Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=k36uq02\\_fVY&t=2023s](https://www.youtube.com/watch?v=k36uq02_fVY&t=2023s).

SARAMAGO, José. “Este mundo da injustiça globalizada”, Fórum Social Mundial de 2002.

Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000302.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000302.pdf)

SARAMAGO, José. “Breve meditação sobre um retrato de Che Guevara”. In: PÉREZ, Manolo. *Che Guevara: contribuição ao pensamento revolucionário*. São Paulo: Expressão Popular, 2001, p. 7-10.

SARAMAGO, José. “Prelúdio e marcha”. In: *Folhas políticas*. 1999, p. 16-18. Disponível em:

[http://www.projeto.camisetafeitadepet.com.br/imagens/banco\\_imagem\\_livros/129\\_livro\\_silte.pdf](http://www.projeto.camisetafeitadepet.com.br/imagens/banco_imagem_livros/129_livro_silte.pdf)

SARAMAGO, José. “Dos intelectuais desanimados”. In: *Folhas políticas*, 1999, p. 100-101.

SARAMAGO, José. “Diálogos com José Saramago”. In: REIS, Carlos (org.) *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Editorial Caminho, 1998. Entrevistas concedidas a Carlos Reis.

SARAMAGO, José “O autor como narrador”. In: *Revista Cult*, São Paulo, n.17, dezembro 1998b, p. 25-27.

SARAMAGO, José. “Ser escritor comunista, hoje”. In: *Público*, 9 de outubro de 1998c, p. 3

SARAMAGO, José. “Eu sou a língua que falo” *Diário de notícia*, 12 de outubro de 1998d. Entrevista concedida a Maria João Caetano.

SARAMAGO, José. “A minha casa é Lanzarote”. *Publico*, 14 de outubro de 1998e, p. 30 - 31. Entrevista concedida a Alexandra Lucas Coelho.

SARAMAGO, José. “Sempre me senti sozinho”. *Visão*, 10 de dezembro de 1998f, p. 134-138.

SARAMAGO, José. *Objecto quase*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998g. ]

SARAMAGO, José; *Uma voz contra o silêncio*. Lisboa: Caminho, ICEP, IPLB, 1998h.

SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote I*, Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

### 3) Geral:

AGUIAR, Marta. *José Saramago e os jornais: os anos de 1968 a 1975*. 2014, 118 f., Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Lisboa: Escola Superior de Comunicação Social

ADORNO, Theodor. “Engagement”. In: ADORNO, Theodor. *Notas de literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973, p. 51-72

AGUILERA, Fernando. *José Saramago: A consistência dos sonhos - cronobiografia*. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.

ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. Porto: Edições Afrontamento, 1976.

ANDERSON, Perry. “Balanço do neoliberalismo”. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p.19- 23

BALTRUSCH, Burhard. “‘O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia’ - sobre utopia e ficção em José Saramago”. In: BALTRUSCH, Burhard. *‘O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia’ - estudos sobre utopia e ficção em José Saramago*. Berlim: Frank & Timme, 2014, p. 9-18

BARTHES, Roland. A escrita do romance. In: BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. Tradução Mario Laranjeira. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENSAID, Daniel. “Forças do Comunismo”. In: *Blog da Boitempo*, 2018, disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/01/12/bensaid-forcas-do-comunismo/>

BOBBIO, Norberto. “Intelectuais e poder”. In: *Os intelectuais e o poder: Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP, 1997, p. 67-90.

BOBBIO, Norberto. “Intelectuais”. In: *Os intelectuais e o poder: Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP, 1997, p. 109-140.

BOURDIEU, Pierre, “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996,p. 183-191.

CERDEIRA, Teresa. “José Saramago: o homem, o escritor, o cidadão: indissociáveis”. IN: Anais do XXIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP), São Luís: UFMA, 2012. p.1-6.

COELHO, Alexandra. “As primeiras 24h de Saramago na Suécia”In: *Publico*, 7 de dezembro de 1998, p.2-21.

CUNHAL, Álvaro. “A alegria dos comunistas portugueses”. In: *Diário de Notícias*, 9 de outubro de 1998, p. 64.

DUARTE, Helena. “Olhar”. In: Revista *Blimunda*, Lisboa: Fundação José Saramago. N.º 6, nov. 2012. Disponível em: <http://www.josesaramago.org/blimunda-6-novembro-2012-90-anos-de-jose-saramago/>

ECO, Umberto, Um ‘blogger’ chamado Saramago.In: *Diário de Notícias*, Lisboa, 07 de outubro de 2009, disponível em: <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/interior/um-blogger-chamado-saramago-1382926.html>

FERNANDES, Fernanda. *O autor segundo ele mesmo: a escrita de si em Cadernos de Lanzarote*, de José Saramago. 2015, 137 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e vida social) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis da UNESP. Universidade Estadual Paulista, Assis.

FUENTES, Carlos. *Em 68 - Paris, Praga e México*. Rio de Janeiro: 2008.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982

HOBBSBAWM, Eric. *Tempos interessantes - uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HUNT, Lynn. *A Invenção dos direitos humanos - uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

JUDT, Tony. *Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

KONDER, Leandro. *Em torno de Marx*, São Paulo: Boitempo Editorial, ANO.

LEITE JUNIOR, José. “Violência e Resistência no discurso de Saramago: anotações semióticas”. In: *Revista Dialectus*, n. 7, 2015, p. 94-103.

LEJEUNE, Philippe. “Da autobiografia ao diário, da Universidade à associação: itinerários de uma pesquisa” In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 537-544.

LEJEUNE, Philippe. “O Pacto autobiográfico”. In: LEJEUNE, Philippe; NORONHA, Jovita (org.). *O pacto autobiográfico - De Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p.15-55.

LEJEUNE, Philippe. “Autobiografia e ficção”. In: LEJEUNE, Philippe; NORONHA, Jovita (org.). *O pacto autobiográfico - De Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 120-127.

LEJEUNE, Philippe. “Um diário todo seu”. In: LEJEUNE, Philippe; NORONHA, Jovita (org.). *O pacto autobiográfico - De Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 297-309.

LEJEUNE, Philippe. “Contínuo e descontínuo”. IN: LEJEUNE, Philippe; NORONHA, Jovita (Org.). *O pacto autobiográfico - De Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 336-352.

LIMA, Denise. *O espaço da memória em José Saramago: Literatura e autobiografia*. 2017. 392 f. Tese (Doutorado em letras) - Centro de Humanidades, Programa de pós-graduação em Letras da UFC. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

LOPES, João. *Saramago - Biografia*. São Paulo: Leya, 2010.

LOSURDO, Domenico. *O Marxismo ocidental*. São Paulo: Editorial Boitempo, 2017.

LÖWY, Michael. “Quando o capitalismo não rima com democracia”. In: *Outras Palavras*, 19/08/ 2005. Disponível em: <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/lowy-quando-capitalismo-nao-rima-com-democracia/?fbclid=IwAR0RtGSzF9BPsP1IiKW0Tizp63XOgOxAT7upkRvcxfsveDiw0CFZiXkK0XU>

LÖWY, Michael. “O marxismo dos anos 60 na França: a corrente humanista revolucionária” In: *Serviço Social & Sociedade* São Paulo, SP , v.10, n.30, abril 1989, p.103-08

MADEIRA, João. “Os Escritores comunistas e a Revolução do 25 de Abril”. In: *Miscelânea*, Assis, v. 15, jan-jun. 2014, p.25-43.

MANGAS, Francisco. “Um ilustre comunista nem sempre obediente” In: *Diário de Notícias*, 19 de junho de 2010.

Disponível

em:

<https://www.dn.pt/portugal/interior/um-ilustre-comunista-nem-sempre-obediente-1597489.html>

MARX, Karl. *Sobre a questão judaica*. São Paulo: Boitempo, 2010

MÉSZÁROS, István. *Filosofia , ideologia e ciência social: ensaios de negação e afirmação*. São Paulo: Ensaio, 1993.

MOURA, Manuel. “A voz do comunista no momento real”. In: *Público*, 10 de dezembro de 1998, p. 34. Disponível em:

[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/efemerides/saramago/Publico\\_10Dez1998/Publico\\_10Dez1998\\_item1/index.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/efemerides/saramago/Publico_10Dez1998/Publico_10Dez1998_item1/index.html)

NORONHA, Jovita. “Apresentação”. In: LEJEUNE, Philippe; NORONHA, Jovita (org.).

*O pacto autobiográfico - De Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014

RODRIGUES, Helenice. “O intelectual no ‘campo’ cultural francês”. In: *Varia História*, Belo Horizonte, vol.21,n.34, 2005, p.395-413.

RODRIGUES,Urbano. “Urbano Tavares Rodrigues: José Saramago e o Partido Comunista”. In: *Diário de Notícias*, 19 de junho de 2010. Disponível em:

<https://www.dn.pt/portugal/interior/urbano-tavares-rodrigues-jose-saramago-e-o-partido-comunista--1597471.html>

ROSANVALLON, Pierre. “Por uma história conceitual do político”. In: *Revista brasileira de história*. São Paulo: ANPUH, vol. 15, n 30, 1995, p. 9-22.

SAID, Edward. *Representações do intelectual: As conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

SAID, Edward. *Humanismo e crítica democrática*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

SANTOS, Aurélio. “Uma sociedade com futuro humano” In: *Avante!*, 1998, 10 de dezembro. Disponível em: <http://www.avante.pt/arquivo/1306/0603i3.html>

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Editora Ática, 1994

SILVA, Marisa Corrêa. “José Saramago: o iberismo como utopia”. In: *Revista Acta Scientiarum*. Maringá, v. 24, n. 1, 2002, p. 67-72.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003, p. 231-270.

VARELA, Raquel. História da política do Partido Comunista português durante a Revolução dos Cravos (1974-1975). Tese, 323 f. (doutorado em história) - Instituto Univeritário de Lisboa, 2010.

THIMÓTEO, Saulo. Entre o literário e o político: as formas de conscientização nas crônicas de José Saramago. Dissertação, 145 f. (mestrado em estudos literários) - Universidade Federal do Paraná, 2010.

**O COMUNICADO DA ACADEMIA SUECA**

# Arte romanesca

Este é o texto integral, ainda não publicado entre nós, da versão portuguesa do comunicado da Academia Sueca, anunciando e justificando a atribuição do Nobel a José Saramago



português José Saramago faz 76 anos de idade em Novembro. É um prosador oriundo da classe trabalhadora que só atingiu a celebridade quando cumpriu os 60 anos. Desde então alcançou a notoriedade e tem visto a sua obra ser frequentemente traduzida. Vive presentemente nas ilhas Canárias.

*Manual de Pintura e Caligrafia: um romance*, que saiu em 1977, ajuda-nos a entender o que viria a acontecer mais tarde. No fundo, trata-se do nascimento de um artista, tanto o do pintor como o do escritor. O livro pode, em grande parte, ser lido como uma autobiografia mas, na sua intensidade, encerra também o tema do amor, assuntos de natureza ética, impressões de viagens e reflexões sobre a relação entre o

indivíduo e a sociedade. A libertação alcançada com a queda do regime salazarista transforma-se numa imagem final portadora de abertura.

*Memorial do Convento*, de 1982, é o romance que o vai tornar célebre. É um texto multifacetado e plurissignificativo que tem, ao mesmo tempo, uma perspectiva histórica, social e individual. A inteligência e a riqueza de imaginação aqui expressas caracterizam, de uma maneira geral, a obra saramaguiana. A ópera *Bli-munda*, do compositor italiano Gorgi, baseia-se neste romance.

*O Ano da Morte de Ricardo Reis*, publicado em 1984, é um dos pontos altos da sua produção literária. A acção passa-se formalmente em Lisboa no ano de 1936, em plena ditadura, mas possui um ambiente de irrealidade superiormente evocado. Este ambiente de irrealidade é acentuado pelas repetidas visitas do falecido poeta Fernando Pessoa a casa da personagem principal (que é extraída da produção pessoana) e das suas conversas sobre os condicionamentos da existência humana. Juntos deixam o Mundo após o seu último encontro.

Em *A Jangada de Pedra*, publicada em 1986, o escritor recorre a um estratagema típico. Uma série de acontecimentos sobrenaturais culmina na separação da Península Ibérica que



começa a vogar no Atlântico, inicialmente em direcção aos Açores. A situação criada por Saramago dá-lhe um sem número de oportunidades para, no seu estilo muito pessoal, tecer comentários sobre as grandezas e pequenezas da vida, ironizar sobre as autoridades e os políticos e, talvez muito especialmente, com os actores dos jogos de poder na alta política. O engenho de Saramago está ao serviço da sabedoria.

**E**xistem todas as razões para também mencionar *História do Cerco de Lisboa*, de 1989, um romance sobre um romance. A história nasce da obstinação de um revisor ao acrescentar um não, um estratagema que dá ao acontecimento histórico um percurso diferente e, ao mesmo tempo, oferece ao autor um campo livre à sua grande imaginação e alegria narrativa, sem o impedir de ir ao fundo das questões.

*O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de 1991, romance sobre a vida de Jesus encerra, na sua franqueza, reflexões merecedoras de atenção sobre grandes questões. Deus e o Diabo negociam sobre o Mal. Jesus contesta o seu papel e desafia Deus.

Um dos romances destes últimos anos aumenta consideravelmente a estatura literária de Saramago. É publicado em 1995 e tem o título *En-*

*saio sobre a Cegueira*. O autor omnisciente leva-nos numa horrenda viagem através da interface que é formado pelas percepções do ser humano e pelas camadas espirituais da civilização. A riqueza efabulatória, excentricidades e agudeza de espírito encontram a sua expressão máxima, de uma forma absurda, nesta obra cativante. «Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, cegos que, vendo, não vêem.» O último dos seus romances, *Todos os Nomes*, sairá este Outono, em tradução sueca. Trata-se de uma história sobre um pequeno funcionário público da Conservatória dos Registos Centrais de dimensões quase metafísicas. Ele fica obcecado por um dos nomes e segue a sua pista até ao seu trágico final.

A arte romanesca multifacetada e obstinadamente criada por Saramago, confere-lhe um alto estatuto. Em toda a sua independência Saramago invoca a tradição que, de algum modo, no contexto actual, pode ser classificada de radical. A sua obra literária apresenta-se como uma série de projectos onde um, mais ou menos, desaprova o outro mas onde todos representam novas tentativas de se aproximarem da realidade fugidia.

*Estocolmo, 8 de Outubro de 1998*